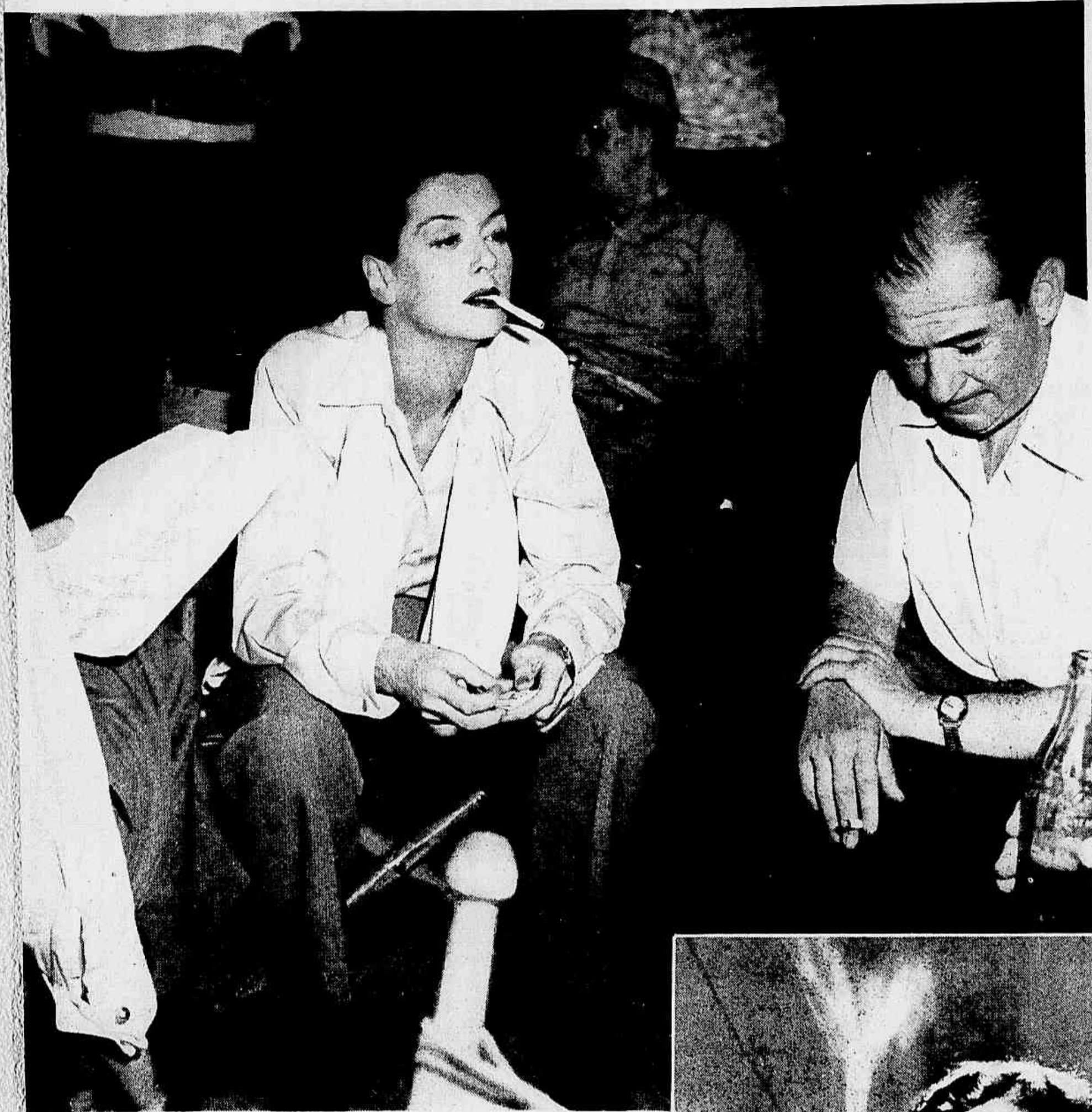


REVISTA DA SEMANA

Ano XLV N.º 17 Cr\$ 1,50 em todo o Brasil 22 de Abril de 1944





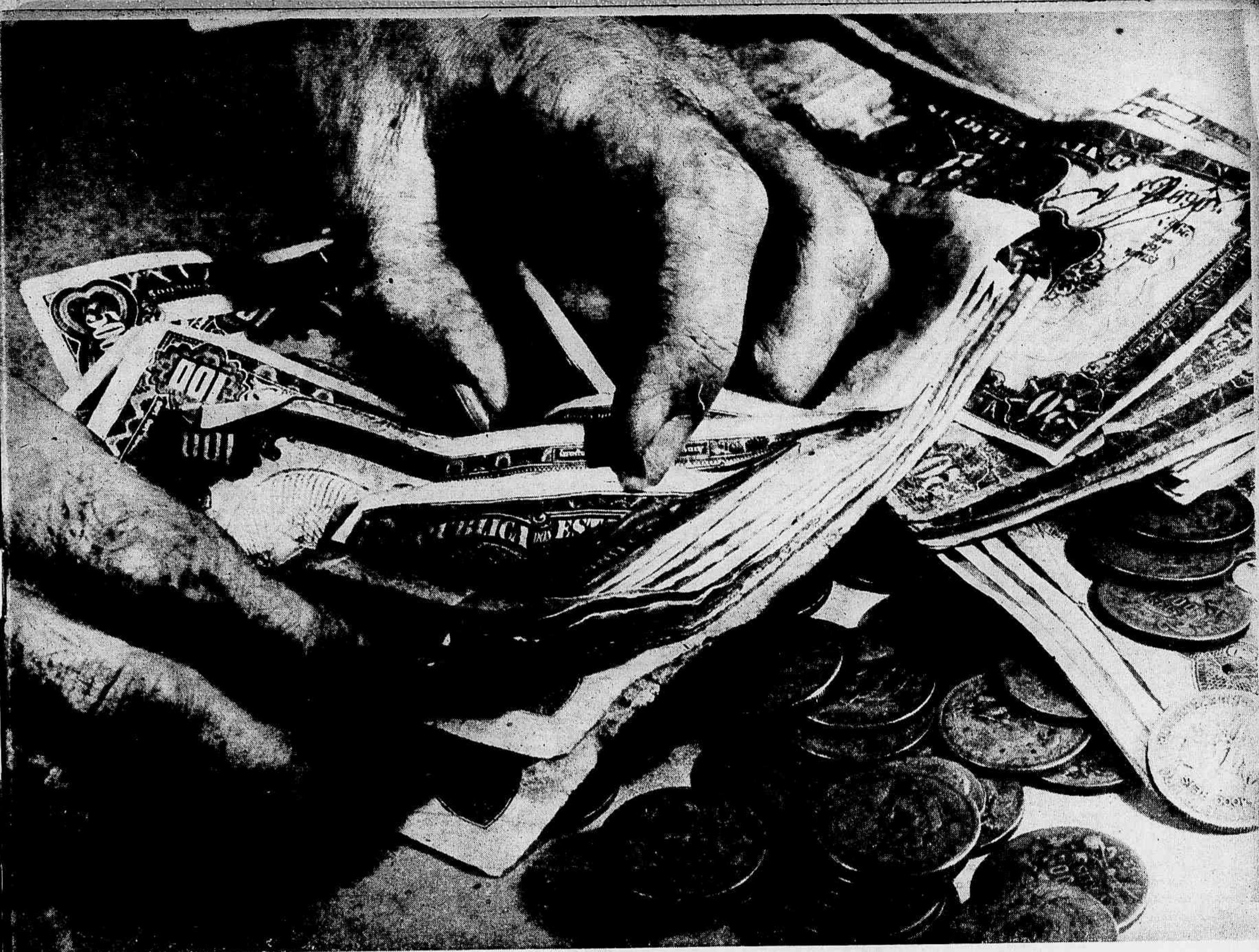
DIZE-ME COMO
FUMAS E
DIRTE-EI QUE
PAPEL FAZES

*
MARIA LUIZA

e profundamente feminina, que no entanto dá a vida pela sua patria, compreendendo que a missão que lhe confiaram é a mais séria e a mais importante que uma mulher pode almejar. No outro ela é simplesmente uma mulher do mundo, bastante sofisticada. Agora verifiquem as fotografias e vejam como se portariam essas duas personalidades. Facil de mais, não é? Até uma criança descobriria...

Rosalind Russe é uma atriz absoluta. Faz qualquer papel (menos os ridículos, naturalmente) sempre com a mesma elegancia, com a mesma distinção e com a mesma forma perfeita de representar. Mas como é diferente em suas interpretações! Podemos, pelos menores detalhes de suas extraordinarias expressões fisionomicas ou de seus gestos extremamente sugestivos, afirmar antes de vêr um filme ou de conhecer sua historia, apenas olhando fotografias esparsas, que especie de mulher irá ela interpretar, se uma *vamp*, uma *granfina*, uma caracteristica, ou uma mulher profundamente humana. E' nos papeis dramaticos e nos de caracteristicas (caracteristicas muito elegantes e sedutoras, mas nem por isso menos exageradas ou intrigantes) que a bela estrela atinge o gráo maximo de sua arte, mas já a temos admirado igualmente nas personalidades mais diversas. E' verdade que, para firmar as caracteristicas muitas vezes antagonicas das personagens que interpreta, sabe usar com uma arte perfeita varios detalhes importantissimos como as *toilettes* — sempre impecavcis e adequadissimas às situações — a forma de fumar, a maneira de olhar, de pentear-se, de andar e sobretudo de mover suas belas mãos, empregando gestos que só a ela pertencem. Querem vêr como é facil, por exemplo, verificar que papel interpretou, apenas pela sua forma de fumar? Observem, mesmo superficialmente, estas duas fotografias. Pertencem a dois filmes de sucesso. Num ela interpreta uma aviadora, profundamente humana





O DINHEIRO E A LITERATURA

QUE é que a literatura pensa do dinheiro? Eis aí um assunto interessantíssimo, que bem merece um estudo especial.

Não faltam, de certo, os poetas e os escritores que dizem o diabo do metal sonante, ou melhor, do "vil metal" com que se compram tantas coisas neste mundo.

O Romantismo, por exemplo, sempre se manifestou contra a riqueza. Era moda viver na miséria. Romancistas e versejadores orgulhavam-se quando não tinham um níquel no bolso.

Mas isso era apenas uma atitude. E muitas vezes uma atitude falsa, de pura mistificação. A prova é que o verdadeiro Papa do Romantismo juntou uma fortuna imensa, ganha com os seus livros.

Seria, pois, interessante consultar alguém que fôsse ao mesmo tempo escritor e poeta. E a êsse respeito ninguém melhor do que Olavo Bilac, tão bom cronista como bom autor de sonetos...

Ora, numa conferência que ficou famosa, o autor de "Via Látea" fez um exame rigoroso de todos os prós e contras literários em questão de dinheiro. E' essa conferência que apresentamos hoje.

dizem mal dêle; e os que fingem desprezá-lo mostram apenas o desejo de seduzi-lo com o seu desprezo, de acôrdo com o velho brocardo: "Quem desdenha quer comprar". Instauemos o processo do Dinheiro, para saber si é êle a fonte de todo o mal, e si pode ser a fonte de todo o bem. Vós sereis o tribunal; eu serei ao mesmo tempo o acusador e o advogado de defesa. Está, pois, aberta a audiência! O escrivão vai apregoar as partes. Autora, a Justiça! Réu, o Dinheiro! Testemunhas de acusação: o Egoísmo, a Ambição, a Corrupção, a Avareza. Testemunhas de defesa, as que aparecerem no correr do processo. Tem a palavra o órgão da Justiça Pública.

O maior crime do Dinheiro é êste: êle é o grande corruptor, o grande envenenador das almas, o grande prostituidor das consciências. E' o seu crime formidável e terrível. Portas, que se conservam fechadas resistindo ao duro embate de um ariete de ferro, abrem-se logo ao tímido e quase indistinto bater de uma moedinha de ouro...

No drama admirável de Fausto, Goethe simbolizou em Margarida toda a humanidade. Duas forças nos impelem na vida, imortais, equilibrando-se, conjugando-se, governando-nos do berço à cova: o Amor e o Dinheiro. São as duas grandes fomes da natureza humana. Qual a mais

forte? Um poeta, que seja apenas poeta, dirá logo, com os olhos fitos no céu: "é o amor!"... Goethe, porém, não era apenas um poeta; ou, melhor, era um poeta-filósofo, ao mesmo tempo compassivo e irônico, e conhecedor de todos os segredos do instinto e da paixão. Por isso, Goethe não deu ao amor a soberania.

Quando Fausto conhece e procura Margarida, já não é o sábio encanecido e trôpeço, de corpo pendendo para a cova, de alma cheia de tédio; é um mancebo ágil e ardente, de carnes rijas como o cerne de um carvalho, de nervos fortes e vibrantes como as cordas esticadas de uma lira, de alma sonora como um ninho cheio de aves; é belo e é moço, e tem, além da mocidade e da beleza, essa faculdade de agradar que é o gênio dos conquistadores de amor, êsse misterioso e raro espirito de sedução que é o condão onipotente de D. Juan. Entretanto, vêde: Fausto não se apresenta a Margarida imediatamente, em pessoa, apenas com as credenciais da sua juventude radiante e da sua máscula formosura: o seu emissário, o seu arauto é o Dinheiro. Mefistóteles, conselheiro de Fausto, sabia bem que o próprio Júpiter, deus dos deuses, para seduzir a formosa Dançã, não achou melhor meio do que chegar até ela transformado numa chuva de ouro... Antes de ver aquêle que há de perdê-la, Margarida encontra sobre o toucador o escrínio magnífico em cujas pedras foiscantes

Todos o amam, todos o procuram, e, entretanto, todos

GENOLINO AMADO



Mefistófeles pôs todo o brilho infernal da sedução e da cobiça.

O amor vem depois. Antes de arderem sob a chuva de beijos, já as mãos da infeliz ardem de gôzo ao contacto das gemas fascinadoras. Símbolo perfeito: no drama filosófico mais completo que a poesia humana já imaginou, é o Dinheiro que abre a porta do Amor... E quando, na ópera de Gounod, Mefistófeles, no palco, entoa a ária triunfal do **Deus do Ouro**, — a ficção toma corpo, e todos os espectadores sentem um arrepiado de espanto e terror, como si ali vissem surgir palpável, visível, na sua majestade satânica, o deus formidável da corrupção, o inimigo implacável da virtude e da pureza.

Mas nunca ninguém cantou tão bem a ária eterna da corrupção como aquêlo sinistro Iago, irmão do Mefistófeles de Goethe, aquêlo monstruoso Iago de Shakspeare, que atravessa e enche com a sua figura medonha todo o drama de Otelo — tigre e serpente, ora com o salto felino, ora com o rastejar coleante da cobra, alma asquerosa em que medram, como nos pântanos as cicutas venenosas, as mais negras paixões. Iago sabe o que é o ciúme de Otelo, e sabe qual é o poder da calúnia; mas sabe também qual é o poder do Dinheiro. Não lhe basta desvairar e envenenar pelo ciúme e pela calúnia a alma do exaltado Otelo, como lhe não basta excitar pela lisonja a alma do ingênuo Cassio: quer também a cooperação do vaidoso Rodrigo, que também ama Desdémona. Rodrigo, desesperado, quer morrer: vai atirar-se ao mar. Então, dentro do ouvido e da alma do fátuo, como gotas de um veneno sutil, Iago deixa cair estas palavras que ficariam bem na boca do próprio Mefistófeles:

"Morrer? Morrer por amor de uma mulher? A fazer isso, Rodrigo, eu preferia trocar a minha alma de homem pela de um macaco! Morrer? E por amor? Mas o amor é uma ebulção do sangue... Queres afogar alguém? Não te faltarão cães e gatos... Não te afogues! Põe dinheiro na bolsa!... Faço profissão de ser teu amigo, e hei de ser-te útil: põe dinheiro na bolsa! Vai com o mouro à guerra, e disfarça a tua paixão com uma barba postiça... E ajunta todo o dinheiro que puderes ajuntar... E' impossível que dure muito a paixão de Desdémona pelo mouro; e também a d'ele não durará muito... Foi uma paixão que irrompeu com violência; o rompimento será inesperado, e então... Põe dinheiro na bolsa! Estes mouros são caprichosos, inconstantes... O alimento que hoje lhe parece delicioso e doce, amanhã lhes parece mais amargo do que a coloquintida... quem sabe o que vai acontecer amanhã? Põe dinheiro na bolsa! Ela também mudará: é criança; daqui a pouco reconhecerá o seu erro, terá repugnância dos beijos de Otelo, mudará: põe dinheiro na



bolsa, Rodrigo! A minha malícia e o Inferno são muito mais fortes do que essa frágil união celebrada entre um bárbaro vagabundo e uma esperta veneziana. Queres possuí-la? Põe dinheiro na bolsa e espera! Ela será tua; põe dinheiro na bolsa, Rodrigo!" — Já não é uma ária: é toda a ópera, todo o poema, toda a Bíblia da Corrupção!"

O poder do dinheiro! João de Deus, que não foi apenas um delicioso poeta de amor, mas também um endiabrado poeta satírico, disse bem, em quatro décimas, as artes e as manhas desse perigoso sedutor:

O Dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!
O falar... fala de um modo...
Aquêlo ar... aquêlo todo...
E elas acham-no tão guapo!

Velhinha ou môça que o veja,
Por mais esquiva que seja,

Tlím!
Papoi!

E a cegueira da justiça
Como êle a tira num ai!
Sem lhe tocar com a pinça;
E' só dizer-lhe: — Aí vai...
Operação melindrosa,
Que não é lá qualquer cousa;
Catarata, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
Diz-me um juiz que o tem visto:

Tlím!
Pronta.

Nessas espécies de exames
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
O que aquêlo demo faz!
Sem saber nem patavina
De gramática latina,
Quer-se um rapaz dali fora?
Vai êle com tais falinhas,
Tais conversas, tais cousinhas...

Tlím!
Ora...

Ah! o dinheiro tem uma alma própria, uma alma satânica! Mefistófeles vive dentro de uma libra esterlina; Iago palpita na textura de uma nota de vinte mil réis...

O outro grande crime do dinheiro é a facilidade com que êle engendra as ambições desordenadas que acabam no açambarcamento das fortunas, na cupidez que leva a todos os crimes, e na avareza, que é o vício mais feio de quantos infamam a alma humana. O dinheiro alucina as almas e dá-lhes ambições que não obedecem a nenhum freio. O primeiro milhão possuído excita, acirra, assanha a gula do milionário.

Conhecéis a lenda do rei Midas... Midas, rei da Phrygia, rei pastor e patriarca, vivia feliz, amado do seu povo. Bateu-lhe um dia à porta do palácio, que era uma choupana, um viajante cansado. Midas acolheu-o com carinho, deu-lhe um pouco do seu pão e da sua água. O viajante era o deus Baccho, que, agradecido, prometeu ao seu hospedor conceder-lhe quanto lhe pedisse. O imprudente só soube pedir uma cousa:



"O DINHEIRO NA LITERATURA" É OUTRA CRÔNICA DA BRILHANTE SÉRIE "BIBLIOTECA DO AR", PROGRAMA LITERÁRIO QUE A RÁDIO MAYRINK VEIGA APRESENTA SEMANALMENTE, SOB A RESPONSABILIDADE DO ESCRITOR GENOLINO AMADO. — REPRODUÇÃO DEVIDAMENTE AUTORIZADA.

"Quero, ó filho de Jupiter e Semele, que tudo quanto eu toque se transforme em ouro!"

Desgraçado! O castigo da sua ambição não se fez esperar, e foi tremendo. Ao contacto de suas mãos tudo se endurecia, tudo brilhava, tudo fuscava mudado em ouro: era ouro duro e frio o alimento que levava à boca; era ouro rijo e gelado a água com que procurava mitigar a sede; eram ouro áspero e algente os lábios de mulher em que os seus lábios buscavam a suavidade e o consólo de um beijo.

Luiz Delfino, o nosso grande poeta, tem alguns versos admiráveis, em que descreve esse martírio hediondo. Apenas, com essa ampla e soberana liberdade que é o privilégio dos poetas, Luiz Delfino alterou a ficção primitiva, confundindo em uma só lenda a de Midas, que tudo transforma em ouro, e a de Tântalo, que vê sempre a água fugir ao lábio sequioso que a procura. Pouco importa a confusão; nestes versos ardentes, há o quadro vivo e palpante de torturas que a imaginação dos primeiros poetas helenos inventou para castigo da ambição dos plutocratas, adoradores do bezerro-de-ouro:

"A fonte pura salta, e um fio de água jorra
Que lhe procura dar calma, alívio, frescura;
Porém a sede, a sede, a sede imensa o torra
E assenta-lhe na fronte o espasmo da loucura.

Rubra a língua lhe cai da boca e ao peito roja
Como a cauda de algum cometa inopinado;
A fauce escancarada é como acesa forja:
Parece ter lá dentro o inferno encarcerado.

Leva a mão a um penhasco; o penhasco vacila,
Rola, cai, faz-se em ouro; a relva de esmeralda,
Ardendo vai tocá-la a sua mão que escalda,
E a relva que verdeja é ouro que cintila.

E' ouro que lhe ri, em áscuas iriantes,
E' ouro que lhe sopra à cara garçalhadas,
E' ouro que se enrola em seus braços gigantes,
E lhe enche as duas mãos de tê-lo fatigadas!

Que sede intensa! À boca a água chega mudada
Em ouro derretido, em ouro que o sufoca...
Nem já para gemer a voz lhe foi deixada:
E' ouro, é ouro, é ouro, é ouro quanto toca!"

Para o avaro, o dinheiro é tudo, porque vale mais do que tudo: mais do que o amor, mais do que a família, mais do que a honra, mais do que a vida. Conheceis bem o Mercador de Veneza de Shakspeare. O terrível Shillock, que emprestou 3.000 ducados a Antonio em troca de uma libra de carne humana — só excepcionalmente se utiliza do dinheiro como de um instrumento de vingança. Shylock ama o dinheiro pelo dinheiro. Um dia foge-lhe a filha com um cristão. Shylock tragaria calado a ingratitude e a afronta, si somente a filha lhe desaparecesse de casa. Mas com a filha também desapareceu o seu tesouro. E as exclamações de angústia, de ódio, de supremo desespero que lhe saltam da boca são terríveis: "Ó minha filha! ó meus ducados! ó minha filha! Justiça! Roubaram-me a minha filha Jessica! a minha querida filha! Justiça! Um imundo cristão me roubou a minha filha e os meus ducados, um saco de ducados, dois sacos de ducados! Justiça! Os meus ducados, e as minhas joias — duas pedras enormes, raras e esplêndidas, como não há outras no mundo! Um cristão roubou-me a minha filha, e a minha filha roubou-me o meu dinheiro! Justiça! Procurem a minha filha, a minha querida filha, porque com ela estão os meus queridos ducados!"

Mas Harpagão, o avaro de Molière, é ainda mais completo. Quando lhe desaparece o tesouro, é considerado morto — morto, e até enterrado: "Ladrão! assassino! Estou perdido, estou assassinado, degolaram-me, roubaram-me o meu dinheiro! Ah! meu pobre dinheiro! meu rico dinheiro! meu único amigo, minha vida, meu amparo, meu consólo, minha alegria — com ti não posso viver! morro!



já estou morto e enterrado! Não haverá alguém que me ressuscite, restituindo-me o meu dinheiro? Vamos! Justiça! Quero comissários, juizes, instrumentos de tortura, forcas, cepos, algemas, algozes! Quero enforcar o ladrão, quero enforcar meu filho, minha filha, meus criados, toda a humanidade! e, si não encontrar o meu dinheiro, enforcar-me-ei a mim mesmo!"

Já não é apenas um vício: é um amor violento, delírio, uma paixão absorvente, absoluta, fatal. O avaro ama o dinheiro como os outros homens amam o sol, o bem, a formosura, a bondade. O seu gozo exclusivo, a sua felicidade única, a sua razão de existir, o seu destino na vida, é juntar dinheiro, contá-lo, recontá-lo, mirá-lo e admirá-lo. E é um modelo de precisão, como definição da avareza, a frase com que um certo avaro respondeu a alguém que lhe censurava a torpeza do seu vício: "Para que há de você privar-se de todo o conforto acumulando tanto dinheiro? Os seus filhos, que são uns peraltas da marca maior, hão de esbanjar toda essa fortuna..." E êle: "Que importa? Por mais que êles gozem em deitar fora o meu dinheiro, nunca hão de gozar tanto como eu gozei em ajuntá-lo!"

Confessemos que um homem capaz de nutrir tão excecrais paixões é um grande criminoso... Não merece perdão quem causa tão terríveis estragos morais. Condenai o dinheiro, senhores jurados, si amais a Justiça!

Mas, perdão! ainda não foi ouvido o advogado da defesa — e sem defesa ninguém pode ser condenado...
Tem a palavra o patrono do réu.

Um grande criminoso, o Dinheiro? Tanto valeria chamar assassino ao punhal ou ladrão ao "pé-de-cabra". Ladrão é o homem que empunha a gazua, e assassino é o homem que maneja o punhal. Porque imputar o crime ao instrumento irresponsável, em vez de imputá-lo à vontade racionante que o emprega?

O criminoso não é o dinheiro, que, à feição do ópio, pode curar ou matar, conforme a perícia ou a imperícia e segundo a boa ou má intenção de quem o dosa e propina.

Adorar o dinheiro sobre todas as cousas, colocá-lo acima de tudo, fazer dêle o único alvo, o único intuito, a própria essência, a única razão de ser da vida — é torpeza. Mas desprezá-lo — é loucura. E quem o despreza? Desprezavam-no outrora os ascetas, atacados da mania do sacrifício e de renúncia, isolando-se nos desertos, rasgando as carnes nas urzes, ganindo e rezando. Não eram homens... A razão de ser da vida é o gozo dos bens da terra; e não somente o gozo dos bens da

terra; e não somente o gozo material, mas o gozo intelectual e nobre das cousas belas. E uma vez que o dinheiro existe, e uma vez que sem êle nada ou quase nada se obtém, porque injuriar e amaldiçoar essa chave milagrosa que abre a porta da felicidade? Não! ninguém hoje despreza o dinheiro!

Victor Hugo, o maior lírico da idade moderna, morreu riquíssimo. Há quem diga que Shakspeare, o maior dos poetas, emprestava dinheiro a juros. E Voltaire teve um dia uma frase lapidar que mostra bem como o amor do ideal não é incompatível com o bom senso nos negócios: o filósofo discutia com um editor a venda dos originais da sua História de Carlos XII; e, como o editor se espantasse de ver um poeta tão amigo de pecúnia, Voltaire exclamou: "Então você acha que eu não sei viver só porque sei escrever?"

Um escritor da nossa língua, Ramalho Ortigão, escreveu certo dia:

"Jehovah perguntou à cigarra e à formiga: "Que fizestes vós em vida?" Disse a cigarra: — "Eu cantei!" E disse a formiga: — "Eu guardei!"

E o Senhor disse, apontando a segunda: "Abram-me uma cova na terra, e ponham-me lá dentro esta gorda capitalista!"; e, apontando a primeira: "Dêem-lhe umas asas e ponham rutilante ao sol, na copa de uma oliva, esta pálida cantadeira!" Não adotemos uma nem outra das duas versões: admiremos e amemos a cigarra, mas toleremos a formiga — porque, enfim, sempre é preciso que haja formigas econômicas para que haja cigarras gastadoras.

Não amaldiçoemos o dinheiro, nem o desprezemos: é inútil e tôlo desprezar o que não se pode dispensar.

Viver sem dinheiro!... Job, que erd a mesma paciência, a própria resignação, curvou a princípio a cabeça e não blasfemou quando Deus lhe matou as ovelhas, e lhe dizimou os bois, e lhe exterminou as jumentas, e lhe dispersou os camelos, e lhe desmoronou a casa; mas, logo depois, o desespero falou mais alto do que a crença; e o queixume do empobrecido foi terrível.

Viver sem dinheiro! Mas até morrer sem dinheiro é impossível, porque o caixão, a cova, o padre, a missa custam muito dinheiro...

Diz-se que o dinheiro vale menos do que a saúde e do que o amor. E' certo. Mas é possível imaginar tortura pior do que a falta de saúde e a falta de amor, quando concorrem com a falta de dinheiro?

Nunca esquecerei uma frase que ouvi de Paula Ney, uma vez que assistimos, na rua do Ouvidor, a uma cena

(CONTINUA NA PAG. 40)





O JOCKEY CLUB MUNDANO

A temporada oficial do *turf* teve prosseguimento domingo ultimo com a realização de mais um notavel *meeting*.

As corridas atraíram ao Hipodromo da Gavea todos os aficionados do nobre esporte, lotando as dependencias do aristocratico Prado, que mais uma vez apresentou o aspecto elegante que sempre caracterizou as reuniões do Jockey Club.

As gravuras que ilustram esta pagina foram colhidas pelo nosso fotógrafo durante essa bela tarde turfistica.



REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 22-4-1944 --- N. 17

sumário:

LITERATURA:

O Dinheiro e a Literatura (Genolino Amado).....	3
Livros Novos.....	8
As Pilulas (Artur de Azevedo).....	15
Ele Voltará (Ala Budin).....	18
Coisas não ditas (Escragnolle Doria).....	28
O Crime da Carne Congelada (Anthony Boucher).....	29

REPORTAGENS:

Por que se candidatou á Academia? (Afonso de Carvalho).....	12
Lágrimas de uma "ballerina".....	16
As crianças também ajudam.....	25
Figuras e Fatos.....	34
Aconteceu no Rio.....	39

FOTOGRAFICAS:

Que saudades da polka!.....	10
Coisas do Brasil.....	23
Joquei Clube.....	5

CINEMA:

Cocktail de Cinema — e outras paginas, a começar de.....	30
--	----

FEMININAS:

Modelos de Alina.....	17
Nos Bastidores Femininos e outras paginas, a começar de.....	35

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha (G).....	19
De Teatro.....	32
De Rádio (Dialma Maciel).....	33

AVULSAS:

Os reis da Grã-Bretanha e sua parte na guerra.....	20
--	----

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	38
"Charge" de Rul.....	50

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use *Regulador GESTEIRA*.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

"ALMA EDITORA"

Recebemos da Gerencia da "Alma Editora" aviso da instalação desta nova empresa, que está funcionando á rua da Alfandega, 130 — 1.º andar. A nova editora a REVISTA DA SEMANA envia os melhores votos de prosperidade.

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o n.º 53 de "Nação Armada", revista civil e militar dedicada a assuntos referentes a' defesa nacional.

Traz rico sumario, como tem acontecido nas edições anteriores.

"Nação Armada" tem sua redação a' Rua Alvaro Alvim, 33. Rio.

Números atrasados desta revista

Podem ser solicitados à redação: Rua Maranguape, 15, Rio, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio; também são encontrados em São Paulo, à Rua D. José de Barros, 323. Preço: Cr. 2.00.

As chuvas refrescam e trazem alegria à natureza!

LAVANDE GALLY

— nos dias de intenso calor, refresca perfuma o corpo e alegria a vida!

À VENDA EM TODO O BRASIL

Dr. SPINOSA ROTHIER Membro do Circulo Médico de Buenos Aires
 DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS
 (Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)
 Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.

MODELO 1944!

ESTOFAMENTO DESMONTAVEL

Colchão VENTILADO DE MOLAS DESMONTAVEL

DURMA MELHOR... HOLLYWOOD

SÃO PAULO CON: CRISPINIANO, 12 ★ TEL: 4-8009
RIO DE JANEIRO OUVIDOR Nº 59 TEL: 43-7134

Sã MATERNIDADE
 CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
 3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
 Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

HEMORROIDAS E VARIZES
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
 Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e **VARIZES**, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça-o ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO), S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



A nossa capa

Hino de louvores á mulher moderna, á moça de todas as terras onde se cultua a Liberdade, á *new-girl* que das telas cinematográficas se projetou na tela real do mundo inteiro, nossa cobertura de hoje oferece-nos um sorriso gracioso e cheio de encantos.

O grande segredo feminino, de agradar a todos os homens, está na diversidade do seu tipo e da transformação que no mesmo se opera, á medida que a mulher cresce e se faz espiritualmente adulta. Na adolescência, vive ás voltas com as bonecas. Menina-e-moça, prefere outros divertimentos mais ativos, e, não raro, chega á pratica dos esportes outrora considerados apenas proprios para o homem. Mais tarde, espesa e mãe, conhece o lado máu e ingrato da vida. Mas já viveu. Já sentiu a mocidade. É um flagrante da juventude feminina, em pleno apogeu, e que nos dá a capa, deste número.

REVISTA DA SEMANA



DOR de ESTOMAGO?
 AZIA - MÁ DIGESTÃO
 DISPEPSIA - ULCERAS
 Popoils
BANKETS



BIGODE
 DE SENHORAS E VERRUGAS
 ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
 ESPEC. GUILHERME KLOTZ
 SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
 TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
 Peço enviar-me prospectos:
 NOME: _____
 ENDREÇO: _____

Livros

A MULHER DE BRANCO — Wilkie Collins. — Tradução de Giuseppe Ghiaroni. — Rio 1944.

Nascido em Londres em 1824, Wilkie Collins, famoso e popular romancista inglês, foi contemporaneo de Dickens. Com o admiravel autor de *Mr. Picwick*, tem ele muita e isa em comum. Não podia deixar de sofrer a influência da época, que se fez sentir tanto nele como em Dickens. As aventuras que encontramos nas obras dos dois escritores são muitas vezes um pretexto para combater o egoismo e a hipocrisia tão comuns na sociedade.

O autor de *A Dama de Branco*, sem dúvida o seu romance mais perfeito e completo, defende na sua obra uma verdadeira tese literária: "Sempre mantive a antiquada opinião de que o objetivo primário de uma obra de ficção deve ser contar uma história; e nunca acreditei que o romancista que condignamente fizesse jús a essa primeira condição de sua arte corresse o perigo de, por isso mesmo, negligenciar na delineação dos caracteres — pela simples razão de que o efeito produzido por algum relato de acontecimentos depende essencialmente, não dos acontecimentos em si, mas do interesse humano que a eles esteja diretamente ligado. E' talvez possível, ao escrever um romance, apresentar tipos com felicidade, sem contar uma história; mas não é possível contar-se uma história com felicidade sem se apresentarem caracteres; a existencia d'esses, como realidade admissivel, é a unica para que a história tenha admissão".

Em toda a sua obra manteve este seu postulado artistico, que é a sua teoria estética do romance.

Ele não pretende que seus personagens venham provar qualquer teoria. Ele apenas conta a história e deixa os personagens agirem, refletindo as vidas comuns de todo mundo. A história de Laura, Anne Catherick, Do Conde Fausto são neste genero. E a tradução de Giuseppe Ghiaroni recomenda-se pelo apuro e o esmero do joven poeta e escritor.



PERFIS DE MULHER. — DIVA, LUCIOLA E SENHORA. — José de Alencar — São Paulo. — 1944.

Quando se procura tornar cada vèz mais conhecida a obra dos grandes vultos da literatura brasileira, — aqueles que concorreram decisivamente para prestigiar o nome do nosso país, colocando-o ao lado das nações civilizadas, torna-se bem oportuno o aparecimento desta nova e luxuosa edição das obras de José de Alencar. Homem de talento

polimerfo, abrangendo diversos generos literários, destacou-se sobretudo no romance em que produziu algumas de suas obras primas. Realmente, José de Alencar é um escritor enormemente conhecido. Tendo sido o fundador do indianismo na literatura brasileira, trouxe nos seus romances muito da história pátria, pugnando por um nacionalismo sincero que encontra o seu símbolo no indigena. Evidentemente, e isto é um defeito que tem sido farta e talvez exageradamente apontado, o seu índio é apenas um ideal de um símbolo, não representando a realidade. Aliás, José de Alencar pertence á escola romantica. Na sua obra abordou os aspectos mais variados da vida nacional, particularmente os sociais e políticos. Foi antes de mais nada um escritor de personalidade, que desejou criar uma obra eminentemente nacional, refletindo a nossa gente, os nossos costumes e os problemas sociais da sua época. Para isto lutou sempre. Podemos dizer que foi um dos fundadores do romance brasileiro. Alguns dos seus livros como *As Minas de Prata*, *O Guarany*, *Iracema*, tornaram-se conhecidos e poucos dentre nós desconhecem essas obras. Entretanto, há muitos livros menos conhecidos que conservam as qualidades daqueles. *Perfis de Mulher*, é um estudo da alma feminina, apresentando os problemas da época em que viveram, Diva, Luciola e Senhora, as tres mulheres em questão. A propósito dessa análise do carácter feminino é apresentada a época do patriarcalismo, o comportamento social e as idéias de então, com uma tinta de cronica elegante.



UN PORTRAIT SANS RETOUCHES: GETULIO VARGAS — de Paul Frischauer. — Rio — 1944.

O genero biografico é sem dúvida dos mais dificeis, quer pela imparcialidade que deve mostrar o biógrafo, quer pela coleta de dados e documentos que devem ser obtidos e confrontados para levar a cabo a tarefa. Muitos dados são falsos, muitos documentos apócrifos e algumas vèzes o sentido da obra é deturpado. A biografia de um vivo, cujos atos ainda não acabaram de produzir suas consequencias, dificultando por isso mesmo uma análise eficiente, é das tarefas mais arriscadas. Se a tudo isto se juntar o fato de ser o biografado um chefe de Estado em pleno exercicio de suas funções, numa época

Novos

tão agitada e ainda mal definida como a que estamos vivendo, então a tarefa se torna verdadeiramente temerária.

Foram estas as dificuldades que Paul Frischauer teve de enfrentar e resolver escrevendo uma biografia do Presidente Getúlio Vargas. Si é verdade que o tempo traz alguns embaraços sérios para quem se abalança a realizar um trabalho deste gênero, por outro lado ajuda-nos a ver os fatos com maior clareza; dando-nos uma visão de conjunto mais completa e esfriando as paixões, permite ao racionista maior firmeza.

Sómente um historiador seguro e experimentado poderia se abalançar a um trabalho como este.

Paul Frischauer é realmente um historiador de elite, tendo-se especializado no gênero biográfico. Nascido em Viena em 1898, teve uma vida acidentada. Professor e combatente da grande guerra de 1914, impôs-se finalmente como escritor. Entre as mais célebres obras biográficas que escreveu, estão: "Memórias de Madame Du Barry, Durer, Ravailac, Príncipe Eugênio, Um Grande Senhor e A Corôa Imperial uma história da Austria a partir do século XIII, onde são explicados muitos problemas atuais da Europa Central. Encontrando-se no Brasil desde 1940, tem viajado por todo o país. Deste modo pôde obter elementos para escrever o livro agora apresentado. Tendo permanecido algum tempo no Rio Grande do Sul, preocupou-se em estabelecer contato com todos aqueles que houvessem convivido e conhecessem o Presidente Getúlio Vargas, improvisando inqueritos entre representantes de todas as classes sociais desse Estado.

E' um trabalho de responsabilidade em que o autor procura mostrar a figura de Getúlio Vargas em face dos seus governados e em relação à politica internacional.

LAZARINE. — Paul Bourget. — Romance. — Rio. — 1944.



Na literatura francesa, sem dúvida uma das mais ricas do mundo, quer pela quantidade de obras de todos os gêneros, quer pela genialidade dos seus escritores, o romance de análise psicológica tem ocupado um lugar de relevo entre os demais gêneros. Toda uma linhagem de grandes escritores vem se dedicando a ele.

De Bernardin de Saint Pierre a Paul Bourget, a brilhante família de romancistas conta nomes como os de Anatole France e Barrés, podendo situar-se no século XVII o início do gênero na França. Não resta dúvida que o romance psicológico não perdeu a atualidade e nem poderá perde-la, uma vez que a alma humana é um campo inexgotável de pesquisas, apresentando sempre aspectos novos e podendo ser observado de ângulos sempre diferentes.

Em Paul Bourget, esse grande pesquisador de almas, encontramos, a par da análise psicológica, a perfeita técnica de romancista. Na sua obra podemos observar uma evolução do materialista e do homem de letras ao século XX.

São desta fase: *L'élope, Un divorce, Lémigré*. Espirito profundamente religioso, ele se volta para o problema da restauração humana, preconizando a influencia da religião. *Lazarine*, como *Le sens de la mort* segue esta orientação.

NOTAS SOBRE A VIAGEM DE SUA ALTEZA REAL O SENHOR DUQUE DE ORLEANS E BRAGANÇA AO BRASIL EM 1942 — Coligidas pelo Conde de Almada.



Apresentada numa edição de luxo, com magnificas fotografias em estilo agradável, a viagem de Sua Alteza Real o Senhor Duque de Bragança é mais uma contribuição para o estreitamento das relações entre o Brasil e Portugal. E' principalmente no campo intelectual que se desenvolver e vem desenvolvendo e incrementando essas relações com a Patria Mãe. Separados por um oceano, com escasas possibilidades de relações comerciais em grande escala, estamos entretanto unidos por um passado histórico como pelo sangue e pela lingua. Sentimos e pensamos de modo muito parecido com a brava gente de Portugal. A nossa ironia tem muitos traços de semelhança com nossos irmãos da Europa. E' notoria a aceitação que tem entre nós a literatura portuguesa. Estimamos os autores lusitanos.

Qual o brasileiro que não conhece esse admiravel Eça de Queiroz e, através dele, a vida e os costumes de Portugal do século passado? Seus personagens atravessaram o Atlantico e tornaram-se familiares aos leitores brasileiros. Todo esforço empreendido no sentido de continuar essas tradições de amizade deve ser incentivado. A história da Casa Real Portuguesa e da vida dos monarcas terá sempre interesse para os brasileiros.

Numa época em que as testas coroadas se vão tornando *avis rara*, a história da viagem de um príncipe tem um sabor a conto da carochinha, que nos faz voltar aos tempos de infancia, quando a nossa vida era povoada de príncipes valentes e princesas maravilhosas. Aliás, o casamento do Duque de Bragança com D. Maria Francisca de Orleans e Bragança, serenissima Princesa da Casa Imperial Brasileira, ocupa no livro um lugar de destaque.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



ZÉZINHO FORTUNATO diz:



Todos me chamavam "chorão"...

até que mamãe me deu QUAKER OATS

...E como êle, outras crianças fracas e choramingas podem tornar-se sadias e robustas, pelos benefícios incomparáveis da deliciosa Quaker Oats. Seu conteúdo de Thiamin (Vitamina B-1), nutre os nervos, auxilia a digestão e contribue para o crescimento. Suas proteínas desenvolvem os músculos, o ferro enriquece o sangue, o fósforo fortalece os ossos. Quaker Oats é de gosto agradável, econômica e de fácil preparo. Sirva-a, regularmente, a toda a sua família. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Para maior valor — insista em QUAKER OATS

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legitima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legitima Quaker Oats, em lata hermêticamente fechada.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Publicidade para esta "Revista" em S. Paulo

Tratar com Adalberto Mendes. Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866



Que saudade da POLKA!

Não é que o mundo esteja retrocedendo aos tempos da valsa, do *schottisch* e da polka, mas acontece que as coisas antigas tem sempre um sabôr maior para os antigos... Saudosismo? Talvez. Ou talvez, quem sabe, tudo se resume a uma certa incapacidade coreográfica, neste caso, para os antigos se adaptarem às dansas acrobáticas de nossos dias. Alan e Irmgard, agora mesmo, fazem furôr em *night clubs* norte-americanos, resuscitando a polka em estilo cômico dansada com uma imaginária biciléta para dois. O numero constitue uma grande atração de *show* e suas principais situações são reproduzidas nestas páginas.

UMA BICICLETA PARA DOIS, UMA DAMA GALANTE DO FIM-DE-SE'CULO DEZENOVE, UMA ORQUESTRA BARULHENTA...EI-LOS DESLISANDO PELA SALA. PEDALAM IMAGINARIAMENTE, E OS COMPASSOS DA POLKA AJUDAM OS MOVIMENTOS RITMICOS...

ELA PARECE NÃO SABER DANSAR MUITO BEM... VAI PERDER O EQUILIBRIO... OLHA O CAVALHEIRO ESTUPEFACTO... E O "PALHINHA" DO MOÇO MAIS PARECE UMA RODA SOBRESSALENTE...

— "QUE ENGRAÇADO!" ELA PARECIA CAIR E QUEM CAIU FOI O CHAPE'O... O CAVALHEIRO PROCURA SEGURA-LO SEM ABANDONAR O VOLANTE. E A MUSICA PROSEGUE ATACANDO A POLKA RITMADA, SONORA, ESTRIDENTE, COM MUITOS METAIS NA ORQUESTRA...

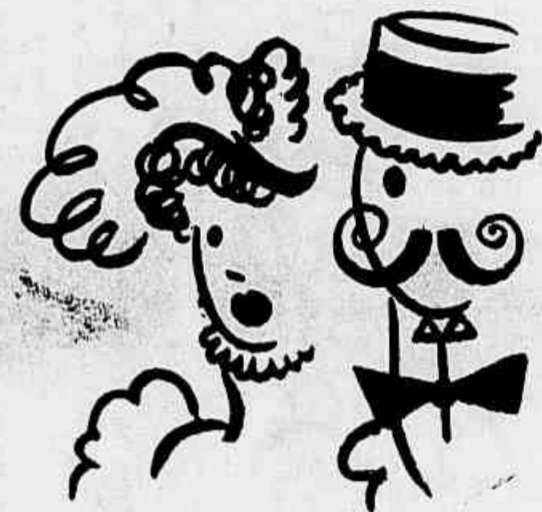




BEM, MAS AGORA É O SAPATINHO DE MADAME QUE SEGUROU NO PEDAL E NÃO QUER SAIR. A MEIA RENDADA CORRE PERIGO DE SE INUTILIZAR... NOVAMENTE O CAVALHEIRO SALTA E APROVEITA A "CHANCE" PARA FAZER O GALANTEIO DA PRAXE A'S PROPORÇÕES MÍNIMAS DO PÉSINHO BONITO...



NOVAMENTE AMBOS NO VOLANTE. NADA COMO UMA BIBICLÉTA PARA DOIS. QUANDO OS DOIS ESTÃO DISPOSTOS A PEDALAR ATÉ O INFINITO... SERÁ QUE NO INFINITO EXISTEM BICICLÉTAS ASSIM? ELA É QUEM PERGUNTA. ELE PARECE SUSSURRAR: — EXISTEM MIL COISAS DELICIOSAS... NO INFINITO..



BEM FEITO! — DEVE ESTAR ELE, AGORA, PENSANDO. CASTIGO, QUANDO NÃO ANDA A CAVALO, VIAJA EM BICICLÉTA... ESTÁ VENDENDO? NÃO QUIZ OUTRO BEIJO... ZÁS! CAIU DIREITINHO... PARA OUTRA VEZ, APRENDA A NÃO DESPREZAR QUEM PODE SOCORRE-LA...



AO QUE NOS MOSTRA A GRAVURA, AS COISAS VÃO MELHORANDO CONSIDERAVELMENTE. OS VOLANTES, MILAGROSAMENTE, DEFRON TARAM-SE. E O CHO'QUE FOI DUPLO, REFLETINDO NOS LÁBIOS...



MAS HA VEZES EM QUE AS APARENCIA ILUDEM. ESTA FOI UMA... QUEM DISSE QUE DEPOIS DAQUELE BEIJO FURTIVO, ELA CONSENTIRIA EM OUTRO? AO CONTRARIO, PREFERIU VOLTAR A POSIÇÃO PRIMITIVA... E TOCA A PEDALAR DE NOVO...



POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

RESPONDE AFFONSO DE CARVALHO: "PORQUE JULGUEI CHEGADA A OPORTUNIDADE E PORQUE PARA TAL ME SENTIA AUTORIZADO PELA MINHA OBRA" — A ACADEMIA FOI IMAGINADA, CREADA E DEFINIDA EM SEUS ESTATUTOS COMO RESERVADA AOS INTELLECTUAIS — MAS TÔDA REGRA TEM EXCEÇÃO — POETA E SOLDADO — PARA O EXÉRCITO, SERÁ UMA GRANDE HONRA VER-SE REPRESENTADO NA CASA DE MACHADO DE ASSIS — O ESTÍMULO DE COELHO NETO E UMA PRECIOSA CARTA DO GRANDE ESCRITOR — SUA PASSAGEM PELO TEATRO: AUTOR REPRESENTADO POR PROCOPIO E COLABORADOR EM DIVERSAS REVISTAS, INCLUSIVE "À LA GARÇONNE" — CINCO EDITORES NEGARAM-SE A EDITAR "1.ª BATERIA, FOGO!" — E AGORA, DEPOIS DE "CAXIAS" E "BILAC", VIRÁ "RIO BRANCO" — OUTRAS NOTAS

AFFONSO DE CARVALHO era o primeiro representante das classes armadas candidato à Academia Brasileira de Letras que entrevistávamos. Fomos encontrá-lo, depois de algumas dificuldades, em sua residência. Apesar de se candidatar à imortalidade, não assumiu ares olímpicos, recebendo-nos com a maior simplicidade e gentileza. Na sua fisionomia há um quê de otimismo sadio, de confiança. Tem um ar de quem traçou um plano na sua vida e se dispõe a levá-lo a cabo. Na sala ampla e clara os objetos de arte, quadros, estatuetas dispõem-se com bom gosto e sobriedade. Escritores, generals, todos os grandes vultos das letras e das armas harmonizam-se, e tudo ali parece indicar a atividade de Affonso de Carvalho nesses dois setores: a pena e a espada. Entre quadros de Napoleão, bustos de Camilo e Eça, deparamos com um escudo do escritor. Esse escudo esquartelado é uma perfeita descrição das tendências do nosso entrevistado. Tem como suportes uma pena de ouro e um gládio de prata, simbolizando naturalmente a sua dupla atividade: militar e literato. A divisa,

NO GABINETE DE TRABALHO EM SUA RESIDENCIA, NA URCA, O TENENTE-CORONEL AFFONSO DE CARVALHO PÔE UMA DEDICATORIA NO EXEMPLAR DO SEU MAIS RECENTE LIVRO, "POESIAS", QUE OFERECE AO REPORTER



"Aspira e Espera", parecia uma confirmação do que observávamos sobre a sua personalidade e o seu caráter.

Sentamo-nos a conversar, e abordamos diversos assuntos antes de chegarmos àquele que nos levava a procurá-lo: sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. E' com verdadeiro entusiasmo que o escritor, poeta e soldado traça considerações sobre o panorama da luta em que tomará parte — um entusiasmo quase esportivo. Pesou os prós e os contras, as possibilidades de todos os candidatos, mostrando uma perfeita visão de conjunto do movimento. Parecia um general descrevendo o panorama de uma batalha.

As declarações que Affonso de Carvalho nos fez no decorrer da entrevista dirão ao leitor o que foi a sua vida, quais as suas preferências e inclinações. Nascido na fortaleza de São João, no Rio de Janeiro, pertencendo a uma família de militares, o destino parecia querer indicar-lhe, imperioso, a carreira que devia seguir. Affonso aceitou a indicação. Aliás esta não lhe foi imposta: era sua verdadeira vocação. Ainda estudante, resolveu travar um ligeiro "flirt" com as musas. Seria um passatempo, um namôro sem responsabilidades, dêsses em que não se passa nunca do portão. Pelo menos era o que pretendia. Aos poucos, quase sem sentir, foi se deixando apaixonar. Ainda como segundo tenente estreava nas letras nacionais, publicando um livro de versos, "Poemas Parnasianos". Daí por diante resolveu servir com o mesmo denodo à espada e às letras. Apareceram em "O Jornal" uma série de crônicas assinadas por ele: "Cartas ao Sr. Diabo". Ainda nesse ano (1920) estreava no teatro com um ato dramático: "A Pálida Madona". Desiludido com o teatro dramático resolve dedicar-se ao ligeiro, de revista. Assina muitas peças desse gênero, entre as quais "À La Garçonne", que constituiu grande sucesso. Escreveu ainda para a comédia "Um Homem Engraçado", representada por Procópio Ferreira. Durante algum tempo Affonso de Carvalho secretariou a REVISTA DA SEMANA. Em 1930, com a Revolução Nacional, dava novos rumos à sua vida. Abandonando o teatro, publicava, ainda nesse ano, "Primeira Bateria, Fogo". Era o primeiro livro sobre a Revolução que se editava. Depois de rejeitado por cinco editores, o livro obteve retumbante sucesso. As edições renovavam-se, rapidamente esgotadas. Em 1932 fundava "O Radical". Pouco depois afastava-se da direção deste órgão para unir-se aos seus companheiros do Exército e combater a contra-revolução paulista. Mais tarde descrevia os episódios militares desse movimento no livro "Capacete de Aço". Terminada a revolução, era nomeado interventor federal no Estado de Alagoas. Fato curioso, para o qual o poeta nos chamou a atenção: Tavares Bastos, o grande alagoano, é o patrono da cadeira de Rodrigo Otavio. Há neste fato uma certa coincidência. Atualmente o autor de "Caxias" parece inclinar-se para o gênero biográfico.

Todos êsses esclarecimentos nos eram dados pelo nosso entrevistado, no decorrer da palestra. A nossa frente Napoleão parecia escutar, gravemente, como um preceptor que ouve esperançoso o seu discípulo. Do outro lado Eça de Queiroz sorria o seu sorriso sarcástico, o seu monóculo entalado no olho.

— Admirador de Eça? — perguntamos.

— Quem não o é, entre nós? Estou mesmo preparando um livro sobre o grande escritor. Algo de novo e original.

A palestra ia se prolongando e ainda não havíamos feito uma só das perguntas que dariam verdadeiramente razão à nossa entrevista.

Abruptamente, à queima-roupa, lançamos a primeira:

— Por que se candidatou à Academia de Letras?

E Affonso de Carvalho, prontamente:

Porque julguei chegada a oportunidade e porque para tal me sentia autorizado pela minha obra literária e estimulado por outras candidaturas. Devo, todavia, deixar claro que essa decisão não se inspirou somente no desejo de, pessoalmente, satisfazer uma alta aspiração, como ainda de ver a minha classe representada no mais alto cenáculo do país, pois não se pode negar à Academia o justo título de verdadeiro Pantheon intelectual do Brasil.

— Sempre pensou em pertencer à Academia de Letras?

— Sempre, não. A literatura não foi, de início, a minha distração ou profissão exclusiva. Matriculei-me muito cedo na Escola Militar de Realengo, decidido a seguir a carreira das armas. Dava-me à literatura como outros companheiros se entregavam, em horas vagas e, cedendo a determinados imperativos, aos jogos esportivos, a corridas de cavalos, a campeonatos de xadrez e outras distrações... Só mais tarde se foi acentuando a paixão literária e tomando vulto o que então escrevia. Nessa altura, mais absorvido pela atividade literária, era razoável que pensasse, um dia, na Casa de Machado de Assis, da mesma maneira que todo oficial pensa em ser general e todo oficial da marinha sonha com o almirantado. E, si não pensar, faz mal porque a ambição, dentro dos limites do justo e do acessível, é condição preponderante para qualquer êxito.

E como me referi à simultaneidade da minha vida militar e literária, cumpre esclarecer que em prosa, salvo algumas exceções — um romance de turismo, "Viagem pelo Brasil", com o qual ganhei um prêmio do Touring Club; "Memórias Póstumas dum Homem Vivo", "Cartas ao Sr. Diabo" e o romance de amor "Vale a Pena Acordar Amanhã?" — tôdas as demais obras foram escritas com o sentido de servir, também, à minha classe e à minha pátria.

Mais um candidato às vagas existentes na Academia Brasileira de Letras comparece, hoje, à nossa "enquête": o poeta e escritor Affonso de Carvalho. Ele se apresenta para ocupar a cadeira de Rodrigo Otavio, recentemente falecido. Em edições anteriores ouvimos, sucessivamente, Bastos Tigre, Jorge de Lima, Luiz Edmundo, Silvio Julio, J. G. de Araujo Jorge, Tasso da Silveira e Raul Machado. Nas vindouras, esperamos poder entrevistar os demais candidatos.

No próximo número: ARNALDO DAMASCENO VIEIRA.

Em Mato Grosso, quando num regimento de artilharia, foi-me dado sentir, de maneira objetiva, penetrante e cruciante, o crime dos grandes latifúndios em mãos de estrangeiros e, sobretudo, a capciosa infiltração dos elementos colonizadores nipônicos. Publiquei, então — e estávamos no começo do ano de 1937 — "O Brasil Não É dos Brasileiros", grito de glarme e de advertência aos poderes públicos para que, considerando as servidões territoriais, econômicas, políticas, financeiras do país e, notadamente, a situação de enormes regiões de fronteira vendidas ou arrendadas a estrangeiros, fôsse restituído o Brasil aos brasileiros. O livro esgotou-se em uma semana. Felizmente as medidas de caráter nacionalista adotadas após 1930 vieram sustar muito dos escândalos de lesa-pátria, que eu observara nos longes do Brasil. E, quanto à preponderância e o perigo das colônias estrangeiras relativamente à defesa nacional, a guerra veio provar que eu tinha toda a razão...

O escritor faz uma pausa e aponta-nos a sua obra mais conhecida: "Caxias":

— Com o "Caxias" a mesma preocupação: a intenção de servir à literatura e à história, mas, preponderantemente, o interesse de servir ao Exército e ao Brasil.

Como o prezado confrade sabe, após a vitória da Revolução, em 1930, tornou-se mais vivo, mais sensível entre nós o ambiente cívico, patriótico. E, dentro do seu programa de renascimento do Exército Nacional, com o devido estímulo às suas forças espirituais e morais e às forças da sua tradição, o general Eurico Gaspar Dutra, logo ao assumir a Pasta da Guerra, iniciou o culto das nossas grandes figuras históricas. E no primeiro plano não poderia deixar de surgir o vulto de Caxias. Teve, então, princípio a obra de veneração a quem Oswaldo Orico chamou, com muita propriedade, "O Condeseável do Império". Notei, porém, até em círculos de certa cultura, que muitos tinham a impressão de que o Exército o que desejava era forçar um símbolo... Note-se que a vida de Caxias era quase desconhecida em todo o Brasil...

Foi justamente em reação a esse falso preconceito e certo de que, honrando as letras históricas, e em alentado trabalho literário iria fazer uma obra de justiça, que me abalancei a escrever o livro. Caxias não era, como se podia supor, um símbolo imaginado, creado, forçado — e sim uma vida plutarqueana, como cidadão e como soldado; enfim, como escrevi: uma espada de ouro numa bainha de veludo.

O êxito do livro foi estrondoso. A 1.ª edição, de 5.000 exemplares, esgotou-se sem demora. Vieram mais duas edições, e a 4.ª está no prelo.

— E com o "Bilac"?

— A mesma intenção. Era preciso evocar o poeta de "Ouvir Estrêlas" analisando a sua magnífica e ofuscante obra poética, mas sem esquecer o "professor de entusiasmo", o ardoroso apóstolo da defesa nacional num momento grave, semelhante ao presente, durante a Grande Guerra, quando o Exército precisava obter a aprovação da Lei do Serviço Militar e ter em alta tensão as energias cívicas do povo.

Como vê o amigo, em toda a minha obra a preocupação do militar confunde-se com a do escritor... E até no "Rio Branco", que estou ultimando, isso acontecerá, pois si de um lado o livro procurará mostrar o que foi uma grande vida, consagrada ao estudo, à história militar e premeditadamente traçada pelo destino para, em momento dado, ser de extrema utilidade para a sua Pátria, por outro reivindicará para o Exército a honra de ter, pela mão de Caxias, colocado o grande **chancellor** na carreira diplomática e, pela mão de Floriano Peixoto, no caminho do triunfo.

— Mas, objetamos, a sua obra foi iniciada com a literatura de ficção...

— É verdade. Iniciei-a, como em geral todos a iniciam, com um livro de versos, "Poemas Parnasianos", e vários anos de crônicas publicadas na REVISTA DA SEMANA e em "O Jornal". Pura literatura. Demais si em minha obra não houvesse encontrado títulos literários, decerto não me candidataria à Academia...

— Quer dizer, portanto, que considera a Academia de Letras exclusivamente reservada aos intelectuais?

— Perfeitamente. A Academia assim foi imaginada, creada e definida em seus Estatutos. Isso já é matéria muito discutida. Mas, como toda regra tem excepção, a própria Academia, em seu quadro inicial, ao lado de autênticos homens de letras como Raimundo Corrêa, Aluisio de Azevedo, Salvador de Mendonça, Domicio da Gama, Luiz Guimarães Junior, Eduardo Prado, Franklin Doria e Oliveira Lima, recebia, também, o grande juris-consulto Clovis Bevilacqua.

Outras excepções têm sido feitas, em louvor de figuras cujo valor intelectual se tem evidenciado de maneira invulgar nos demais campos da atividade espiritual do Brasil.

É assim que vemos nas cadeiras azuis médicos, oradores, jornalistas, advogados, historiadores, e, não há negar, legítimas expressões de talento e de cultura e que só podem contribuir para a excelência do patrimônio espiritual da Academia, espelho do valor mental do Brasil.

— O Exército... arriscamos.

— O Exército, desde a morte de Gregório da Fonseca ocorrida em 1934, há dez anos que não se faz representar na Casa de Machado de Assis. Dantas Barreto, uma autêntica figura de soldado também afeito às letras, e cujo nome se projetara de forma tão destacada, era um vulto representativo do Exército como Jaceguay na Marinha. Ocupou durante muitos anos a cadeira de Joaquim Nabuco.

Também poderia me referir a Lauro Müller, mas no **chancellor** de inteligência tão lúcida e penetrante o militar foi obliterado pelo político e pelo homem de Estado.

É inesgável — continuou o autor de "Caxias" — que para o Exército é uma grande honra ver-se representado na Academia. No momento o Exército, dentro do regime político



UM INSTANTANEO E UMA CARICATURA. NO PRIMEIRO, VÊ-SE UM PEQUENO BUSTO DE EÇA. A CARICATURA, DAS MAIS FELIZES, DEVE-SE AO TRAÇO IRREVERENTE DE ALVARUS.

que tem sido tão favorável ao seu amplo desenvolvimento, atinge estados de aperfeiçoamento e eficiência jamais conseguidos. Sob o ponto de vista material, nunca foi tão grande o seu aparelhamento. Sob o ponto de vista moral, é incontestável que, após a Revolução ter espalhado tantos militares fora dos quartéis em funções públicas as mais variadas, a um toque de reunir no momento preciso da reconstrução e do restabelecimento da ordem e da hierarquia o militar refluí à caserna — o rio, após tão dilatado transbordamento, retornou ao seu leito natural. E é hoje indiscutível a força moral deste Exército, inteiramente apolítico, apesar de tão recentes acontecimentos políticos e sociais, cuja realização não se processou à sua revelia. É magnífica a sua atitude moral, inteiramente identificado com o povo e a Nação, e tomando, neste momento, face à guerra, a atitude heroica que o leva a atravessar os mares para cooperar com as demais nações, no exercício do mesmo mandato de direito e de justiça que o fez, noutra século, atravessar os pampas, no interesse da civilização, no continente sul-americano.

O valor intelectual do Exército de hoje é harmônico, igual ao seu valer material e moral. Ninguém, de justiça, lhe pode negar uma grande força espiritual, uma elevada expressão de inteligência e de cultura, reiteradamente manifestada por um variado número





Uma recordação preciosa: aspirantes de Artilharia e Engenharia da turma de 1918, na Escola do Realengo, vendo-se (1) Affonso de Carvalho, (2) Eduardo Gomes, hoje brigadeiro, e (3) o bravo e saudoso Siqueira Campos. A maioria dos que vemos nesta fotografia são hoje coronéis ou tenente-coronéis.

de oficiais, um índice de vibrante intelectualidade, perfeitamente em consonância com os demais quadros da atividade brasileira.

E' justo, pois, avaliar-se o orgulho que teria vindo reconhecido o seu valor intelectual e, nessas condições, ocupado por um dos seus representantes um lugar no mais alto cenáculo intelectual do país.

— E' então como representante do Exército que vai disputar uma cadeira na Academia?

— Minhas palavras não autorizam essa conclusão. Como disse, apresento-me com as minhas credenciais literárias, mas, si eleito, estou certo que a minha classe teria um grande desvanecimento em ver-se representada na Academia, e essa circunstância possivelmente não deixará de ser levada em consideração, tantos são os amigos sinceros do Exército ora ocupando as poltronas azuis da Casa de Machado de Assis.

— E por falar em bagagem literária: nela include as peças teatrais que tem escrito?

O escritor tem um olhar vago, como si perscrutasse um ponto distante no passado.

— Mas isso foi há muito tempo! Escrevi de fato um drama, um burleta, uma comédia representada por Procopio Ferreira e uma dezena de peças do teatro ligeiro, ocupando-me principalmente da parte de poesia e fantasia. Mas isso aconteceu há muitos anos, quando ainda havia teatro...

— Quer dizer que abandonou definitivamente o teatro, para só se dedicar, hoje, à biografia?

— Não digo que não volta a escrever para o teatro, mas certamente não serão revistas e burletas.

Considero esse gênero entre nós em prolongado estado de catalepsia. E assim ficou desde que, com a falta de capital dos nossos empresários, a crise da música original, a escassez da matéria prima desse gênero — a mulher — e as restrições à charge política — não pôde resistir ao confronto com o cinema falado.

E' verdade que cinema também é teatro, mas teatro a duas dimensões...

Quanto à biografia, confesso as minhas preferências por esse gênero literário, cuja atualidade é notória.

A conversa afastava-se do nosso principal tema: a Academia. E retornando a êle indagamos:

— Acha que pode haver de parte da Academia preferências quanto à corrente literária do candidato?

— Não me parece que a Academia leve isso em conta. Antes de indagar qual a escola literária a que pertence o candidato, mais se preocupa com o seu valor. A Aca-

De início, esta nossa "enquete" destinava-se apenas a focalizar alguns dos candidatos às três vagas existentes na Casa de Machado de Assis. Mas o êxito, além das melhores expectativas, pela mesma registrado, fez que deliberássemos estendê-la à totalidade dos referidos inscritos, o que vimos realizando. A menos que não nos sobre tempo para a divulgação de tôdas as entrevistas, elas serão feitas; para isso contamos ainda com a boa vontade dos senhores candidatos, os quais estão sendo, todos, procurados pela nossa reportagem. Vêz alguma um acontecimento igual ao que agora se verifica no Petit-Trianon teve as honras de um tão amplo e dedicado trabalho jornalístico, mas, em compensação, aprez-nos reconhecer que os candidatos, os leitores e os nossos meios intelectuais têm correspondido satisfatoriamente ao esforço da REVISTA DA SEMANA.

demia, parece-me, não é uma representação de escolas, mas uma representação de valores.

A palestra vai longa. E para finalizar interrogamos:

— Em sua vida literária qual a figura da Academia que mais o estimulou?

— Os estímulos dispensados em mocidade aos que escrevem, aos que ensaiam os primeiros vôos e necessitam de bons conselhos, nunca podem ser olvidados. E, por isso, nunca me esquecerei da figura de Coelho Neto, em sua casa à rua do Roço, ninho acolhedor de todos que naquele tempo começavam um namôro de sérias intenções com a Literatura...

Lembro-me bem da sua figura magra, angulosa, aguda; os seus olhos felinos, olhos de fogo, chispantes, verruminosos, sempre atentos e interrogativos; e a sua opulência verbal, derramada em prosa rutilante, como um colre oriental a derramar pedrarias. Quando reuni em volume as minhas primeiras crônicas, sob o título "Cartas ao Sr. Diabo", recebi do autor de "Rei Negro" uma carta para mim preciosa.

E o escritor retira do seu arquivo uma carta de Coelho Neto, facilmente reconhecida pela sua letra inconfundível, um primor de desenho caligráfico, certo, impecável:

"Rio, 18 de Janeiro de 1922

Meu jovem confrade Sr. Affonso de Carvalho

Há ocasiões em que tenho pena de não ser crítico, um crítico de grande nome, considerado e temido, para apregoar do alto da minha autoridade magistral uma obra literária e levá-la aos olhos do público, tomar um escritor novo pela mão e guindá-lo ao posto dos maiores do tempo. Achem-me, às vezes, exagerado. Que hei de fazer? Sou assim. Si eu tivesse o prestígio de crítico a esta hora o seu nome, meu amigo, andaria por aí zoando nas aclamações do povo, porque o seu livro "Cartas ao Sr. Diabo", que apareceu sem rumor, como aparece a luz, revelou-me um escritor de raça, um observador de espírito aguçado, sem mordacidade, às vezes picante, como a abelha que nos dá o mel. A sua maneira é tão própria, tão pessoal que esta virtude só, a meu ver, é bastante para consagrá-lo, e eu folgo em dizer-lhe nestas linhas o prazer que tive lendo as suas "Cartas", interessantes nos assuntos e agradáveis na forma límpida e fácil. São páginas, não de promessas, mas de nitivas, nas quais o escritor se apresenta pronto e disposto para maiores feitos. E eu, que o vejo de ânimo tão decidido, não o perderei mais de vista, certo de que o vou acompanhar na marcha para o triunfo.

Patrício e admirador

(a) Coelho Neto."

Devolvemos a carta a Affonso, que nos diz:

— Como vê, não podia ser maior o estímulo...

Ainda, a título de curiosidade, perguntamos qual a maior emoção literária do nosso entrevistado.

Ele responde:

— Certamente a que se prende ao maior êxito, e êsse foi o de ver rapidamente esgotado pelo público um livro recusado pelo elevado número de cinco editores... Refiro-me a "1.ª Bateria, Fogo". E' verdade que naquele tempo, 1930, ainda não havia editores como José Olímpio. Desanimado com a recusa, resolvi editar a obra à minha custa. O êxito foi absoluto. O livro era esgotado em uma semana. E logo após uma editora de São Paulo lançava a 2.ª e 3.ª edições de 5.000 exemplares cada uma. Com "Capacete de aço", o mesmo sucesso.

A palestra está a terminar. Vemos em cima da mesa do escritor uma carta a êle dirigida e com o endereço "Academia de Letras — Rio".

— Alguns leitores pensam que eu já pertença à Academia. Esta é uma carta de Pelotas.

O escritor sorri e, terminando a palestra, adianta:

— Oxalá os acadêmicos, na próxima eleição, venham dar razão aos meus leitores...

Em 1942, há dois anos portanto, um admirador de Affonso de Carvalho envia-lhe de Pelotas, Rio Grande do Sul, uma carta solicitando um autógrafo e um retrato. Essa carta foi endereçada à Academia Brasileira de Letras, conforme se vê na gravura abaixo, onde se notam dois carimbos de Pelotas com a data de 20 de 1 de 1942.

Illmo Sr

Cel Afonso de Carvalho

Academia Brasileira de Letras

Rio de Janeiro



Conto de ARTHUR AZEVEDO

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

Há muitos anos havia no Rio de Janeiro um boticario, em cujo estabelecimento se reuniam todas as noites — das sete às dez — uns indivíduos que não faziam outra coisa senão discutir sobre politica.

Uma noite appareceu na roda, levado por um dos mais velhos frequentadores da botica, certo official argentino, revolucionario, que fôra deportado da sua terra, e andava comendo o negro pão do exílio...no "Frères Prévençaux."

Desde o instante em que esse elemento exótico appareceu na botica, cessou completamente a cordura que havia naquelas confabulações tranquilas e burguesas.

O argentino a proposito de tudo deprimia os homens e as coisas do país que o agasalhava, poupando, nas suas impertinencias invejativas, apenas a nossa "naturalidade."

A roda era pacata; nenhum dos presentes tomava a peito, com o indispensavel arder, a defeza, alia's facillima, da nossa terra; e quando um deles se atreveu a dirigir-se em voz mais alta ao argentino, este de tal sorte gritou, gesticulou e regurgitou, e tantas vezes bateu com a bengala no chão e na grade que separava o boticario dos seus freguezes, que houve ajuntamento de transeuntes à porta da botica.

O dono da casa, homem de bom natural, que raro se envolvia nas conversas, avião pachorrentamente la' dentro as receitas enquanto ca' fóra se discutia com mais ou menos calôr, o dono da casa dessa vez safu do sério e do almofariz, e veio dizer ao revolucionario que não gritasse tanto.

E' bem de ver que o homem: ho. habituado a revoltar-se contra os governos do seu país, não suportaria que um simples boticario lhe viesse dizer que não gritasse. Gritou mais e mais, e tais coisas disse que o dono da casa acabou por gritar tambem.

— Ponha-se no ôlho da rua, seu patife! bradou-lhe num tom que não admitia réplicas.

E, segurando o argentino pela cintura, obrigou-o, com um empurrão, a dar um pulo até o meio da rua.

No dia seguinte o boticario foi desafiado para um duelo. Entraram-lhe em casa dous sujeitos mandados pelo argentino, que lhe pediram indicasse dous amigos com quem eles se entendessem para regular as condições do encontro.

O boticario, sem levantar os olhos do alambique, disse-lhes que sim, que as suas testemunhas la' iriam ter; mas desde logo preveniu aos dous sujeitos que, sendo ele o desafiado, cabia-lhe a escolha das armas.

— O nosso comitente aceita qualquer arma, pois todas maneja com igual pericia. Já' teve quinze duelos no Rio da Prata; matou sete adversarios e feriu oito!

— Pois olhem, meus senhores, respondeu o boticario sempre às voltas com o alambique — a mim não me ha de ele matar nem mesmo ferir.

Nesse mesmo dia reuniram-se as quatro testemunhas e acôrdaram que o duelo se realizaria na manhã seguinte, no Jardim Botânico. O boticario forneceria as armas.

A' hora convencionada achavam-se a postos os adversarios, os padrinhos e um médico levado pelo argentino.

— Então? as armas?... perguntou este, olhando em volta de si.

— As armas ca' estão, disse o boticario aproximando-se e tirando uma caixinha da algibeira do culête. Escolhi estas.

E, abrindo a caixinha, mostrou duas pilulas.

— Pilulas! exclamaram todos.

— Pilulas, sim. Este senhor é um militar, um duellista que se gaba de ter matado sete homens, e que maneja perfeitamente a espada, o sabre e a pistola; eu sou um pobre boticario, que não tem feito outra coisa em sua vida sinão remédios. Se algum dia matei alguém, fô-lo sem ter consciência disso... Cabia-me a escolha das armas: escolhi as minhas.

— Mas isso não é sério! exclamou o revolucionario.

E' mais sério do que "usted" supõe; uma destas pilulas tem dentro acido prussico e outra é inofensiva. Tiremo-las à sorte, engulamo-las, e o que tiver e colhido a envenenada em poucos segundos deixara' de pertencer ao numero dos vivos.

E, apresentando a caixinha ao adversario:

— Sirva-se.

— Nunca! não me presto a um duelo ridiculo!

— Ridiculo? Ora essa! Trata-se de um duelo de morte, e eu não os compreendo sinão assim. Quando aqui vim foi disposto a morrer ou a matar. — Vamos, faça favor de escolher uma das pilulas!

O argentino estava lívido.

— Se "usted" não quer escolher, escolho eu; mas, se não é um covarde tem que tomar a outra imediatamente, porque os efeitos do acido prussico são prontos!

E, tirando uma das pilulas, engaliu-a serenamente.

— Bom; já' enguli uma; va'l a outra! depressa!...

O revolucionario não se podia ter nas pernas.

— Ah! não quer engulir a outra? Pois engulo-a eu, porque são ambas de miolo de pão, e "usted" é um maricas!

E engaliu a outra pilula.

Nesse mesmo dia o argentino deixou o Rio de Janeiro. Foi comer noutra parte o negro pão do exílio.

Lágrimas de uma Ballerina

A história de Tátiana Stepanova,
primeira dançarina do Ballet Russo.

por J. J. CORSEUIL

A volta do Ballet Russo ao Rio trazendo uma grande novidade — Tatiana Stepanova como *ballerina*, isto é dançando os papeis puramente clássicos do Ballet — faz-nos recordar as noites da temporada de 1942, quando os camarins do Teatro Municipal repetiam um pouco do aspecto brilhante da platéia, depois dos espetáculos, com a multidão de admiradores do ballet que acorriam para vêr e saudar os artistas. Lembramo-nos, especialmente, da noite em que o camarim de Tchernicheva regorregava de visitantes curiosos de rever a grande artista, célebre desde os dias de Diaghileff; o de Grigorieva e Morosova enchia-se de flôres; as amigas se aglomeravam à porta do de Volkova e Leskova; ao passo que no seu, Moulin autografava retratos. E no mesmo camarim de onde acabava de sair a loura intérprete do *Pássaro Azul*, descobrimos Tatiana Stepanova, sosinha, chorando, debruçada sobre a mesa de *maquillage*. Ao demonstrarmos a nossa surpresa por vêr em lágrimas a jovem artista sempre tão risonha e jovial nos ensaios, sua mãe, Alexandra Stepanova, aliás encarregada do guarda-roupa da companhia, dá-nos o motivo: Tassia chorava por sentir-se esquecida. De fato, como substituta de Nana Gollner, a *prima-ballerina* do grupo, tinha ela raras oportunidades de aparecer e salvo na *matinée* em que a substituiu em *Sylphides* e na *récita* popular em que tomou o seu lugar como o Gênio Divino, em *Paganini*, Stepanova dançou apenas *Cotillon* e as pequenas variações em *Bailes dos Graduados*, *Cimariosiana* e *Núpcias de Aurora*, em *récitas* de assinatura. O resto de sua atuação foi anônima, no *côro*. Apesar de pouco, isso faria a felicidade de muitas outras jovens principiantes, mas não a de Tatiana Stepanova, que fôra sempre mal acostumada pelo sucesso e a fama, desde que começou a estudar dança clássica em Paris, aos 8 anos de idade.

Grande esperança de Olga Preobajenska, antiga bailarina do Teatro Imperial Russo e considerada uma das melhores professoras existentes do bailado clássico, em pouco tempo Tassia era conhecida por sua precocidade, nos meios parisienses da dança. Aos 13 anos, teve sua primeira aparição em público, ao ser escolhida pela direção da Opera de Paris para um papel infantil no bailado *L'Eventail de Jeanne*. Choveram as propostas para outras exibições públicas, mas seus pais recusaram, preferindo que a garota continuasse os estudos, apesar do sacrifício que isso significava para suas posses modestas.

Aos 15 anos, Stepanova participou do grande Concurso Internacional da Dança, realizado em Bruxelas em 1939, onde, entre 100 concorrentes classificados, dançarinos de todas as partes da Europa, ela obteve o primeiro lugar, recebendo o prêmio de S. M. a Rainha Elizabeth. Voltando a Paris, chamada pela imprensa "o pequeno gênio

TATIANA EM "COTILLON"



EM "SYLPHIDES"

da dança", teve a segunda grande emoção de sua carreira ao dançar na Opera, ao lado de Serge Lifar, por quem sempre teve grande admiração. Logo a seguir, dançou na exposição comemorativa de 20 anos de Bailados Russos e no festival em benefício de Nijinski — e de novo ao lado de Lifar interpretou a primeira coreografia especialmente feita para ela: um *pas de deux* sobre música de Schubert. Em 1940, em *tournee* pela Austrália já com o Ballet Russo, recebeu convite de Lifar para fazer parte do corpo de baile da Opera de Paris.

Como se vê, o sucesso adejou sempre em volta de Stepanova como o Gênio Divino em volta de Paganini, neste bailado de Fokine, antes mesmo da jovem bailarina estreiar profissionalmente no teatro da dança. Devem, pois, ter-lhe custado muitíssimo os dois primeiros anos no Original Ballet Russo, tendo apenas destaque ao dançar *Les Sylphides*. A participação anônima no *côro* é um treino inicial, necessário e valioso para burilar o talento desenvolvido nos primeiros estudos, amoldando-o às exigências do palco. Ele constitui a melhor escola para a formação completa de uma bailarina. Mas não oferece glórias nem aplausos, e para Tatiana deve ter sido difícil habituar-se a esse trabalho árduo, sem outra recompensa a não ser os conselhos de sua mãe e o encorajamento do Coronel de Basil, que sempre lhe chamou a "segunda Pavlova".

Assim, deixando o Rio em 1942, Stepanova iniciou com o Ballet a longa *tournee* sul-americana, durante a qual deve ter chorado bastante, nos camarins dos teatros de Buenos Aires, Montevidéu, Valparaíso, Lima e La Paz. De volta a Buenos Aires para a temporada oficial no Teatro Colon, em Maio de 1943, uma ligeira *chance* começou a esboçar-se para ela: papeis nos bailados das óperas. E chegou mesmo a dançar em *Traviata* e *Armida*, até que teve novo motivo para derramar mais algumas lágrimas: uma crise de apendicite levou-a do teatro para o hospital.

Entretanto, aconteceu um dia uma dessas cousas que só julgamos possível num enredo de fita de cinema (e fita feita em Hollywood) mas que na realidade aconteceu em Buenos Aires. Casada de ser no palco uma creatura esvoaçante, a primeira-bailarina Nana Gollner quiz mostrar que também sabia voar fóra d'ele e, um belo dia, bateu azas rumo aos Estados Unidos, sem aviso prévio. O Coronel de Basil deve ter levado as

(Continúa na pág. 40).





À ESQUERDA: "Tailleur" em lã, próprio para
 meia-estação. Na frente, a pála solta em baixo
 da cintura. **À DIREITA:** Vestido em seda pre-
 ta, drapado. B.b. do "plisé" na gola e em
 todo o comprimento.

Os modelos de Alina

Ele

VOLTARÁ...

Vi-o afastar-se, lentamente, rumo à casa onde passara sua infância, mas agora não tenho mais medo, porque estou certa de que ele voltará.

— Senhorita!
Parei. Ele era tão alto que, para encará-lo, tive que levantar a cabeça. Tirou o quepe, respeitoso. O vento começou a brincar com os seus cabelos castanhos. Com a mão enluvada, ele alisou-os. Eu contemplava-o, imóvel. Ele sorriu. No céu, as nuvens fugiam, céleres, impelidas pela brisa.

— Vou a Port Even. Podia me ensinar o caminho?

Estremeci. A voz não me era desconhecida. Porém nunca o tinha visto. Onde teria ouvido a sua voz? Grave, cariciosa, macia, ela me lembrava alguma coisa. Que seria?

— Cavalheiro, o...

— Tenho uma bicicleta. Deixei-a na estação. Mas prefiro ir a pé, se é que existe algum atalho. A senhorita poderia me informar, por gentileza, se há um atalho?

Contemplava-me ao falar. Eu percebi logo que o seu olhar se dirigia à minha saia curta e reparava na minha *soquete*. Corei, temendo que ele me tomasse por uma criança. Sentia, nas minhas costas, o peso dos meus longos cabelos encacheados; meus joelhos tremiam e a pele se arrepiava beijada pelo vento gélido. Daria tudo o que possuía para ter, naquele instante, ao meu alcance, luvas, um *lâlon* bem vermelho ou um pouco de *rouge*...

— Bem, primeiramente siga por este caminho costeando o lago. Depois entre pelo atalho à direita que atravessa o bosque até o mar. Siga pela praia. Mais alem há, à esquerda...

Estava corada e as palavras me faltavam. Não sabia como explicar. Conhecia o caminho muito bem, mas estava tão perturbada e tão confusa que... Calei-me, de repente, e ele me olhou, surpreso. Parece que compreendeu a situação, e, para pôr-me à vontade, disse, sorridente:

— O caminho é um pouco complicado.

Riu. Um riso franco, mostrando os dentes claros e regulares, um riso moço.

Desorientada, a princípio, fiquei mais calma, depois, e ri com ele.

VI-O PARTIR.

— À esquerda há um caminho que segue pela praia e vai dar em Port Even.

Dito isto, olhei para ele, e, sem saber porque, completei:

— Moro lá.

Depois, admirada da minha própria audácia, calei-me novamente. Ele inclinou-se.

— Muito obrigado. Irei a pé. Agradeço-lhe muito a gentileza e peço-lhe que desculpe o incômodo.

Respondi às amabilidades da praxe.

Ainda com o quepe na mão, ele sorriu novamente e, inclinado-se mais uma vez, partiu.

Não me mexi. Vi-o partir, como que pregado ao solo, pálido e ofegante.

Ele ainda se voltou uma vez. Seu olhar procurou o meu e, ao encontrá-lo, encarou-me, esperando... Esperando o que? Não sei. Talvez dissesse: Vem comigo! Juntos, iremos, de mãos dadas, costeando o lago; lado a lado, atravessaremos o bosque; de braço dado, chegaremos à praia. Vem, e seguiremos em silêncio, gozando a companhia sem estragar este momento com palavras.

A estrada junto ao lago é poeirenta, mas, lá na praia, o ar salgado e puro virá de encontro ao nosso rosto e acariciará os teus cabelos que dansarão, loucos de alegria e ébrios de luz.

Talvez tudo isso estivesse escrito no seu olhar e chegasse a mim, trazido pelo ar frio ou pelo sol de inverno.

Se eu fosse com ele, não lhe faria perguntas, para não entristecê-lo, para que ele pudesse, ao menos durante algumas horas, esquecer tudo, esquecer a dor e a morte.

Se eu fosse com ele não lhe diria nada. Mas ele falaria.

— A guerra.

— Cale-se! Não fale nisso. Olhe como as barquinhas dos pescadores oscilam no mar alto...

— Amanhã, tornarei a partir.

— Amanhã? Há tanto tempo! Há séculos entre hoje e amanhã. E você crê, realmente, que amanhã virá? Que o tempo não pára? Mas, se você crê nisso, deve saber que não o deixarei partir, que não partirá amanhã, nem depois, nem depois... nunca mais...

— Sim. Tem razão. Nunca mais.

Se eu o acompanhasse, ele diria isso e sorriria, feliz, o mesmo sorriso que eu, havia pouco, vira iluminar-lhe o rosto belo.

Lá longe, ele esperava imóvel e envolvia-me, donde estava, com o seu olhar ardente.

Meu coração batia com tanta força que era impossível que ele não estivesse ouvindo as suas pancadas... Terminara meu trabalho e podia seguir para casa; meu caminho era o caminho dele... e iríamos juntos, sempre juntos.

Não fiz um gesto sequer.

Ele virou-se, curvou a cabeça e continuou a andar. Via-o, cada vez mais longe.

Por fim, lá na curva da estrada, desapareceu...

LA', ATRA'S DOS ARBUSTOS.

Naquela noite o céu estava lindo. Não havia luar mas as estrelas brilhavam. A maré cheia e agitada era um espetáculo grandioso. O mar batia de encontro aos rochedos com fragor e, do jardim da casa, eu observava a luta das ondas contra a rocha. Algumas barcas de pescadores vogavam nas águas traiçoeiras.

O jantar terminara mais cedo do que de costume. Depois de tirar os pratos da mesa, Yvonne, a criada, colocou sobre ela o jarro cheio das hortênsias que eu trouxera. Mamãe começou a longa carta diária que, todas as manhãs, mandava para papai. Sua cabeça completamente branca estava inclinada sobre o papel, como se, com esse gesto, ela quisesse aproximar-se mais dele, e transmitir, na carta, que iria lá para longe, onde ele lutava pela sua pátria, quanto ela o amava, como ela pensava nele, como tinha saudades dele, de que maneira se sentia abatida quando chegavam más notícias e como ficava orgulhosa ao saber de mais uma batalha ganha, mais um passo para a vitória que, estava certa, não tardaria.

— Mamãe, posso dar uma volta? A noite está linda...

Calçando meus pesados tamancos da Bretanha, de que me orgulho mais do que dos pares de sapatos finos comprados na Rua da Paz, desci para o jardim.

O silêncio era cortado pelo barulho das ondas e pelo murmúrio do vento fresco. Um galho de mimosa, que pendia, mais baixo do que os outros, roçou-me o rosto e vi que algumas flores do ramo se prenderam nos meus cabelos. Sacudi a cabeça e senti pequenas gotas frias deslizarem pelo meu pescoço. Estremeci... Estremeci como já estremecera ao vê-lo pela primeira vez. Um desconhecido que me perguntara o caminho da

cidadezinha, um desconhecido que reconheci, como se já o tivesse visto... Uma voz e um olhar eram tudo o que conseguira reter, mas isso bastava para me perturbar. E, na noite iluminada pelas estrelas, tinha vontade de revê-lo, de falar-lhe...

Sai para a estrada e dirigi-me para o centro da cidadela. Junto a uma cerca, atrás de uma fileira de arbustos, avistei uma casa bretã, com muros de pedra cinzenta. Na parede escura, recortavam-se duas janelas em perfeita simetria. Uma delas estava iluminada e daí vinha um feixe de luz que chegava até os arbustos.

ELE VELAVA, SOLITARIO.

Estava lá. Eu sabia. À tarde, muito embaraçada, pedira informações a Yvonne. Ela me contara que a

CONTO DE ALLA BUDIN

traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA

casa fora alugada a um oficial, que viria passar ali as vinte e quatro horas de sua curta licença, porque não sabia se ia morrer na guerra e queria rever o lugar onde passara a sua infância.

(Continua na pag. 40)

A GUERRA EM MARCHA

AINDA em plena decisão da luta, quando as ofensivas aliadas vão se realizando num crescendo nada tranquilizador para o III Reich, a leste com o avanço espantoso dos russos e a oeste com os bombardeios tremendos da aviação aliada, que despeja mil toneladas diárias de bombas sobre a Europa, os problemas de após guerra veem ocupando um lugar de destaque no noticiário dos jornais. Além das conferências entre os chefes aliados, muitos líderes tem abordado a questão sob diferentes aspectos.

Essas discussões e projetos podem parecer a muitos, prematuros e descabidos. Entretanto, se observarmos a situação, veremos que são oportunos e até necessários.

Se há um pecado de que podem ser acusados os aliados é o da sua imprevidência e exagerado otimismo antes de se verificar a agressão alemã no Ocidente da Europa. O esmagamento de países considerados até então como fortes e unidos, capazes de oferecer pelo menos alguma resistência, veio provar até que ponto chegara esse descuido.

Enquanto o armamentismo atingia na Alemanha proporções assustadoras, enquanto as novas gerações eram preparadas exclusivamente para a guerra, na França, Inglaterra e Estados Unidos, a vida prosseguia normalmente, em meio às discussões políticas. Eles dormiam socegado enquanto o monstro nazista afiava as garras.

Enquanto isto, os agentes nazistas realizavam febrilmente um perfeito trabalho de sapa, minando as bases das nações a serem proximamente atacadas.

Todos os meios possíveis e imaginários foram usados nesse trabalho: espionagem, propaganda, suborno e todas as armas peculiares à espionagem.

Tudo isso obedecia a planos cuidadosamente elaborados e a uma direção central.

Quando as avalanches dos modernos hunos se precipitaram como enxurrada, o trabalho tornou-se fácil. Houve um desmoronar de castelo de cartas.

A Inglaterra, protegida pelo Canal da Mancha, pode escapar de uma invasão em massa. Hitler, como Napoleão, teve que parar raivoso nas praias da Bélgica e do Norte

da França. O Fuhrer alemão contava entretanto com novos recursos de que o Grande Corso não podia lançar mão. Um deles era a sua formidável força aérea.

Mas ainda desta vez, novo e intransponível obstáculo foi encontrado. A coragem e determinação do povo britânico. Em breve essas forças aéreas sofriam uma derrota completa sendo varridas dos céus ingleses. "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos."

Essas palavras de Churchill não de se tornar históricas. O mundo respirou por um instante. As nações aliadas podiam começar a se armar. Suas possibilidades eram incalculáveis.

No entanto, a leste perdurava uma grande incognita: o Colosso Russo. Ninguém sabia ao certo o que se passava naquele mundo desconhecido de 190.000.000 de almas.

O canto de sereia que a Alemanha lançava para leste, encontrou ouvidos moucos. O algodão era a G. P. U., organização mais ou menos correspondente à Gestapo. As sondagens resultaram inúteis. Era completo o contraste entre a política russa e o descuido das Potencias Aliadas do Ocidente.

A lição foi dura mas proveitosa.

Os problemas da paz não menos graves do que os da guerra. Para evitar os erros da última conflagração mundial, é preciso que os problemas consequentes à guerra encontrem pronta solução e sejam desde já abordados. A guerra terminará e a paz deverá ter um caráter de estabilidade indefinida.

Assim como não se pode preparar de um momento para outro um exército equipado e preparado para a luta, fazendo de civis guerreiros eficientes, também o problema oposto é complexo e exige a colaboração de todo o mundo. A estabilidade do mundo futuro dependerá das bases em que forem resolvidos essas dificuldades.

O reajustamento econômico, o problema dos desempregados, as relações internacionais de após guerra, tudo isto está requerendo desde já um estudo sério e um grande esforço da parte daqueles que provavelmente orientarão o mundo de amanhã. Este mundo em que depositamos todas as nossas esperanças e que será o mundo dos nossos filhos. — G.

DEPOIS DA LUTA — FUZILEIROS NAVAIS DOS EE. UU. NAS SELVAS DA NOVA BREITANHA REUNEM-SE EM TORNO DE SEU TANQUE, DEPOIS DE ELIMINAR UM CENTRO DE RESISTENCIA JAPONESA. A' DIREITA, COM A MÃO NA CINTURA, UM SOLDADO OBSERVA OS CADAVERES DOS JAPONESES NO CHÃO.



OS REIS DA GRÃ-BRETANHA E SUA PARTE NA GUERRA

Copyright B. N. S. especial
para A REVISTA DA SEMANA

LONDRES. — Decorreram mais de quatro anos desde que o Imperio Britânico declarou guerra à Alemanha nazista, e durante os quais a Família Real Britânica permaneceu constantemente ao lado do povo, com ele partilhando reveses e fadigas. Em cada minuto do dia normal de trabalho o rei Jorge, a rainha Elizabeth e todos os membros da Família Real trabalharam e planejaram para aumentar o esforço bélico e carregar igualmente uma parte do fardo que a guerra inevitavelmente impõe. A maneira por que sabem apreciar profundamente sacrifícios e atos de bravura e o interesse demonstrado por todos os ramos dos serviços de guerra, quer nas fábricas ou nas forças armadas, constitui uma inspiração e um exemplo para o país todo.

Provavelmente nenhum inglês, exceção possivelmente feita do primeiro ministro, acha-se tão bem informado sobre todos os serviços como o rei Jorge, que numerosas vezes visitou a marinha de guerra, o exército e a força aérea durante as manobras e, mesmo, em ocasiões de serviço ativo. Uma noite passada num posto de bombardeiros permitiu ao soberano felicitar pessoalmente os pilotos que regressavam de atacar o território inimigo, ouvindo informações de primeira mão sobre objetivos destruídos ou danificados. Também os pilotos



NUMA DEMONSTRAÇÃO DE ARTILHARIA, NO COMANDO SUL, A RAINHA ELIZABETH MUITO NATURALMENTE NÃO PÔDE EVITAR LEVAR AS MÃOS AOS OUVIDOS PARA ATENUAR O FRAGOR DA TERRIVEL EXPLOÇÃO, ENQUANTO O FAMOSO GENERAL ALEXANDER APONTAVA PARA O OBU'S QUE SULCAVA OS ESPAÇOS. O REI, COM O MAIOR INTERESSE, ACOMPANHA ESSE ESPETACULO CARACTERISTICO DE GUERRA MODERNA.

de caça saíram varias vezes dos seus aparelhos e deram inesperadamente com um real visitante aguardando noticias sobre as demolições. Depois dos famosos ráides que destruíram as represas do Eder e do Mohne a Rainha, acompanhada do rei Jorge, visitou o aeródromo no qual haviam sido escolhidos e especialmente treinados os pilotos e, após haverem os soberanos conversado e felicitado cada um dos tripulantes que voltavam, almoçaram em companhia dos oficiais que haviam planejado e executado o épico vôo.

A marinha real tem recebido uma grande parte da atenção do "Rei Marinheiro", e uma das ocasiões

mais marcadas foi a da visita relativamente recente feita pelo soberano à Home Fleet, nas aguas do norte, tendo o rei Jorge então inspecionado três dos grandes encouraçados de 35.000 toneladas e numerosos cruzadores, contra-torpedeiros e porta-aviões. O monarca passou grande parte do tempo palestrando com oficiais e marinheiros, tendo ouvido relatos impressionantes sobre as terríveis batalhas travadas pela marinha em proteção aos comboios.

O rei Jorge nunca perdeu oportunidade de observar e tomar parte no desenvolvimento do exercito e, quando os seus deveres oficiais permitem, visita os varios comandos e assiste aos mais realistas simulacros de batalhas. Uma das mais significativas excursões reais foi indubitavelmente a visita feita pelo soberano às tropas vitoriosas na Africa do Norte, onde felicitou e agradeceu



O REI JORGE VI EM FRENTE AO MICROFONE, NO SEU GABINETE, ANTES DE INICIAR A HISTÓRICA MENSAGEM AO IMPERIO, DEPOIS DA DECLARAÇÃO DE GUERRA À ALEMANHA EM 3 DE SETEMBRO DE 1939. FOTOGRAFIA HISTÓRICA.



OS SOBERANOS CONVERSAM COM PESSOAS DO POVO, NUMA RUA LONDRIANA ATINGIDA PELAS BOMBAS AE' REAS. ESTE E' UM INSTANTANEO FREQUENTEMENTE REPETIDO E QUE OS JORNAIS CINEMATOGRAFICOS TAMBEM COSTUMAM DIVULGAR. O SORRISO DA RAINHA INGLESA E' UMA DIRETA MENSAGEM DE ESTIMULO E CONSOLO A'S VITIMAS DOS BOMBARDEIOS. E JORGE VI SEMPRE ACOMPANHA A ESPOSA.

aos homens das três armas. Mas não houve visitas reais que fossem mais animadoras do que as feitas às fábricas de guerra, oficinas e estaleiros que contribuem para o esforço bélico. Muitas vezes os operários, em todo o país, voltando-se de uma máquina que manejavam ou levantando a cabeça de um torno, viram o Rei e a Rainha profundamente absortos pelo trabalho e também numerosas vezes Suas Magestades insistiram em experimentar a sua habilidade na tarefa então executada.

Durante os grandes ataques aéreos contra a Grã-Bretanha, os soberanos enfrentaram muitas vezes um perigo real e tiveram o seu palácio, em Londres, bombardeado pelo inimigo. Ambos se mostraram infatigáveis nas suas jornadas através do país, percorrendo centenas de milhas para ver pessoalmente os danos e confortar aqueles que haviam perdido lares e parentes. Casas de repouso e hospitais receberam visitas reais, semanamente, e quase sempre flores e frutas dos jardins e pomares reais são enviados para alegria dos feridos. A Rainha Elizabeth, particularmente, dedica muitas horas a visitas aos vários institutos femininos, sempre pronta para auxiliar e aconselhar.

A Família Real também toma parte no lado mais leve e social da guerra e nas ocasiões de repouso das tropas. Nas recepções por ocasião da passagem do aniversário da Princesa Elizabeth, figuraram entre os convidados jovens oficiais britânicos, norte-americanos e dos Domínios. No Natal, as duas princesas tomaram parte na representação de uma pantomima da sua autoria, assistida por soldados acantonados nas proximidades.

A guerra exigiu uma vítima da Família Real. O irmão mais moço do Rei, o Duque de Kent, morreu em consequência de um desastre de aviação, quando voava por negócios atinentes à guerra. Sua viúva, a Duquesa de Kent, encarregou-se de muitos deveres que tocavam ao Duque, além das suas arduas ocupações de guerra. A Rainha Mary, que vive tranquilamente numa afastada aldeia situada no oeste do país, nunca deixa de contribuir com o seu precioso auxílio para fins de caridade e para os movimentos juvenis.

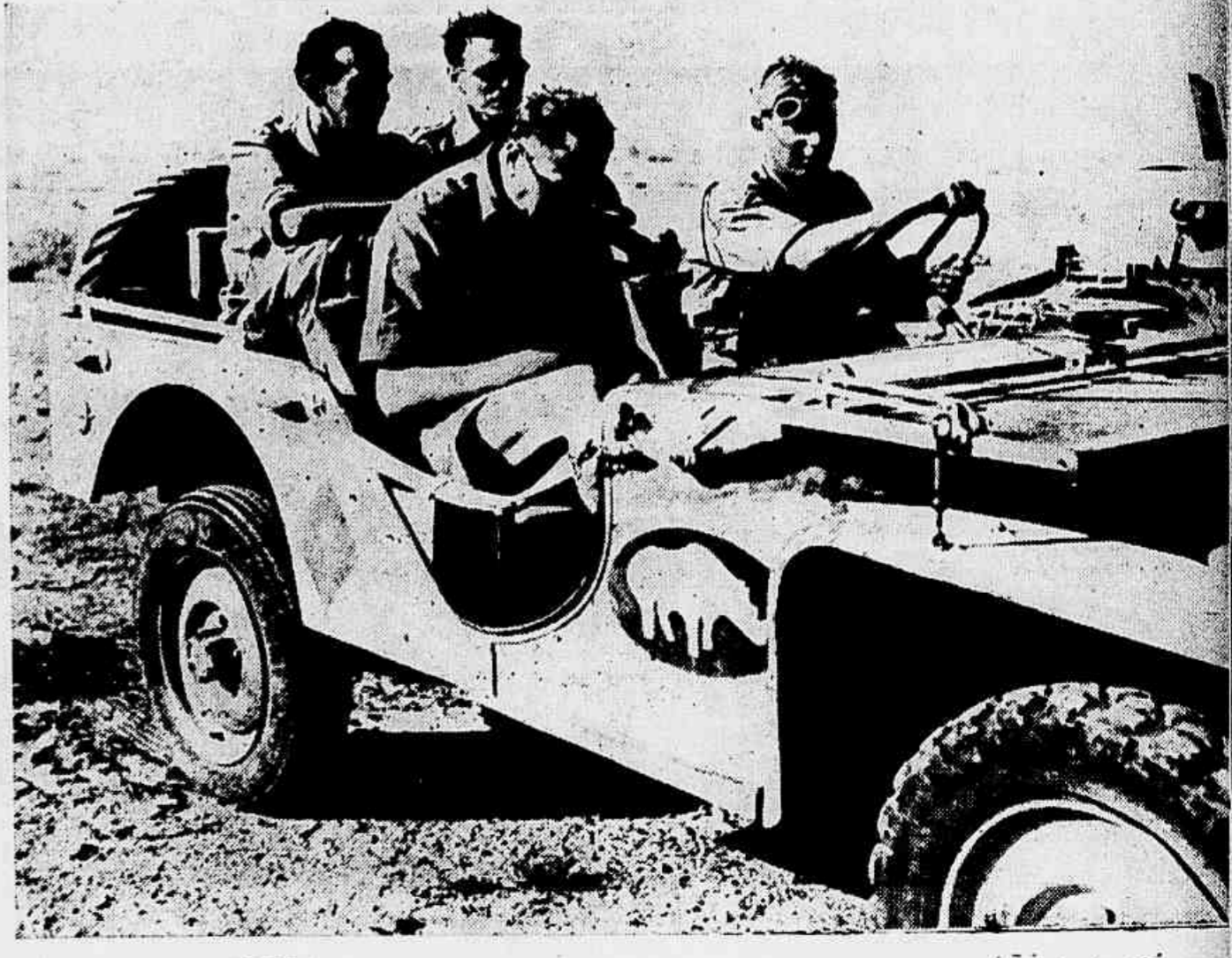
O REI JORGE EM PALESTRA COM JOVENS OFICIAIS BRITANICOS, POR OCASIÃO DA SUA VISITA A' AFRICA DO NORTE. ENVERGANDO O MESMO UNIFORME DOS SOLDADOS, COM ELES SE MISTURA E ATE' PARECE DIVERTIR-SE.



COLHIDOS EM FLAGRANTE, INESPERADAMENTE, OS SOBERANOS PALESTRAM A BORDO DO TORPEDEIRO "BICESTER". O "CARNET" DESSE RÉGIO CASAL E' TODO CONSTITUÍDO DE COMPROMISSOS LIGADOS A' GUERRA.



O DUQUE DE GLOUCESTER EXAMINANDO UM MAPA NO ASSENTO DA FRENTE DE UM "BLITZ-BUGGY", POR OCASIÃO DE UMA FATIGANTE EXCURSÃO AO DESERTO ORIENTAL. E' ASSIM QUE VIVEM, HOJE, OS NOBRES DA GRÃ-BRETANHA.





FUNCIONARIOS DA COMPANHIA DE SEGURO, ALUNOS DO CURSO DE EXTENSÃO, TENDO AO CENTRO O PRESIDENTE DO I. R. B., O GOVERNADOR DO TERRITORIO DO AMAPÁ E O DIRETOR DO CURSO.

O CURSO DE EXTENSÃO DO I. R. B. NO 5.º ANIVERSARIO DESSA GRANDE INSTITUIÇÃO

O conceito de que o Instituto de Resseguros do Brasil é também casa de educação, já ganhou privilégio de aforismo. Ninguém mais, interessado em assuntos de educação, ignora que ali os postulados em torno dos quais gravita o processo de desenvolver a personalidade humana, são cumpridos a rigor. No IRB tanto se cuida do corpo e da inteligência, como do aprimoramento moral dos seus funcionários. Periódicos exames de saúde, com a necessária prescrição médica e complementar tratamento. Trabalho racionalizado e de acôrdo com a tendência e vocação de cada um. Cursos regulares de formação cultural e profissional. Horas de lazer dosadas convenientemente. Prática constante de bons costumes, em condições de aperfeiçoar a contextura moral de todos.

Dentro da comunidade irbiária, cultiva-se o sentimento de solidariedade humana, que só pode vicejar e progredir em terreno adubado com a certeza de que a palavra virtude não perdeu o seu verdadeiro sentido. E, como tal, ela teve que transbordar da esfera de sua ação, primeiro, é claro, tocando as suas adjacências.

Instituto de Resseguros e casa de Educação, as suas adjacências são as companhias de seguros e as escolas. Assim, os primeiros beneficiados por esta onda extravasante, saturada do seu espírito de comunidade, tinham que ser os colegas que trabalham no mesmo gênero de profissão. Daí a criação dos cursos de extensão, para levantamento do nível cultural dos que lidam em seguros, fora do IRB.

Esses cursos já estão em funcionamento desde 1.º de Março do corrente ano. Todas as manhãs, quem vê aquelas centenas de jovens, sobraçando pastas e livros, rumo ao imponente edifício do IRB, alegre e transparente como a alma do seu chefe, calcula que está na vizinhança de uma universidade. Mas não deve calcular apenas. Deve se capacitar de que realmente ali reponta senão o germe, pelo menos expressiva parcela de uma universidade. Porque si a característica de uma universidade, deve ser aquela que traduz o espírito de comunidade entre os seus componentes, não há como concluir de modo di-

PARTE DA ASSISTENCIA A' CERIMONIA.



UMA ALUNA DO CURSO DE EXTENSÃO SAUDANDO O DR. JOÃO CARLOS VITAL, NA REUNIÃO COMEMORATIVA DO 5.º ANIVERSARIO DO I. R. B.

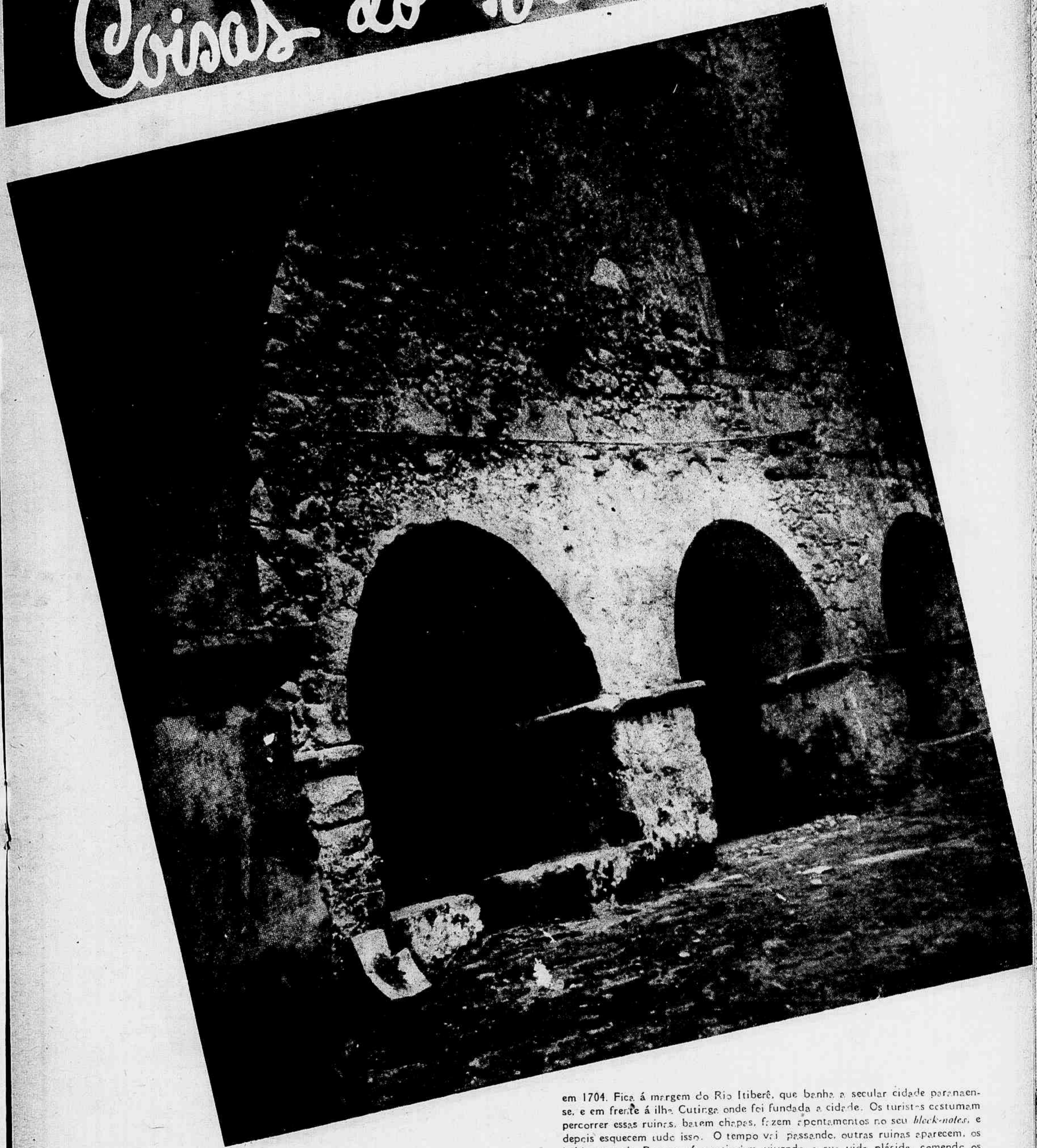
verso. E o primeiro fruto deste convívio amável, de que já se sentem possuídos os jovens que frequentam os cursos de extensão do IRB, ficou evidenciado no dia 3 do corrente, quando, por ocasião de completar aquêle instituto seu primeiro lustro, recebeu o dr. João Vital significativa demonstração de afeto e gratidão da parte dos seus novos amigos.

Dentro do horário normal das aulas, o dr. Djalma Cavalcanti, diretor dos cursos, surpreendeu o presidente daquela casa com o seguinte: os alunos em côro, ensaiados e dirigidos pelo professor Arcílio Papini, que lhes ministra também magníficas aulas de português, cantaram o Hino Nacional com tal compunção cívica, de comover os mais descrentes no invencível sentimento de Pátria. Num tal ambiente, onde a palavra não tinha outro matiz que o da sinceridade, ouviram-se várias explosões de almas em festa. Professores e alunos fizeram as suas confissões em tal ritmo de fraqueza que, presente o capitão Janary Gentil Nunes, governador do Território do Amapá, também êle não podendo fugir ao contágio daquela hora de acentuado patriotismo, desejou dizer alguma coisa e pronunciou vibrante discurso, coroado de fortes aplausos.

Não foi difícil descobrir a emoção com que o sr. João Carlos Vital agradeceu, por fim, àquela homenagem.

E na fala do presidente do IRB, agradecendo àquela demonstração de apreço, o sentido das palavras traduziu, sobretudo, a tranquilidade da consciência de um justo.

Coisas do Brasil



GENTE E COISAS DO BRASIL. Deste Brasil tão imenso que tão poucos conhecem!
Flagrantes, aspectos, panoramas, instantâneos, momentos colhidos aqui, acolá.
Pedagos do miúdo deste gigante que demandaria muito anos, muitos meses para
ser examinado detalhadamente... Estas ruínas de convento, por exemplo. De onde
são? Podem tomar nota: de Paranaguá. Era um mosteiro dos jesuítas. Foi construído

em 1704. Fica á margem do Rio Itiberê, que banha a secular cidade paranaense, e em frente á ilha Cutinga onde foi fundada a cidade. Os turistas costumam percorrer essas ruínas, batem chapas, fazem apontamentos no seu *block-notes*, e depois esquecem tudo isso. O tempo vai passando, outras ruínas aparecem, os habitantes de Paranaguá continuam vivendo a sua vida plácida, comendo os seus camarões apetitosos, espiando gente estranha, em trânsito para Curitiba... E o convento dos jesuítas do século dezotio vai resistindo á ação do tempo. Quanta coisa interessante essas paredes poderiam contar-nos! Quantas páginas melancólicas, talvez românticas, repassadas de saudade, não se escreveram lá dentro! Quantas fâses históricas do Brasil não se cementaram naquele ambiente monástico, hoje reduzido a essas tristes ruínas...



EM QUE SE PODE ACREDITAR?

NÃO há nada estável neste mundo que evolue constantemente? Não há valores aos quais possamos nos agarrar? Em que se pode acreditar? Pelo menos, há a confiança que a criança deposita em sua mãe — a fé com que procura os seus braços protetores. Bem perto de nós encontramos muitos outros exemplos. Ideais que todos nós defendemos com profunda convicção. Verdades simples de todos os dias que estão enraizadas em nossos pensamentos — “Honrai pai e mãe” — “Dai-me a liberdade ou a morte” — “Primeiro as mulheres e as crianças”. A êstes exemplos podemos acrescentar mais um. O orgulho do trabalho



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Selo da Casa Squibb — um nome de confiança.

bem feito. O ideal simbolizado pelas palavras: “O ingrediente de valor inestimável de todo produto é a honra e a integridade do seu fabricante”. Tal ideal é a herança da Casa Squibb. Há oitenta e cinco anos que esta grande organização vem se dedicando ao serviço da humanidade, de mãos dadas com a classe

médica, trabalhando com o objetivo de aliviar a dor e tornar a vida mais longa e mais proveitosa. Todo produto Squibb passa por provas rigorosas de qualidade e é tão puro e eficaz como o conhecimento científico e a habilidade de fabricação podem fazê-lo. Você pode acreditar em Squibb.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK
QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

● INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

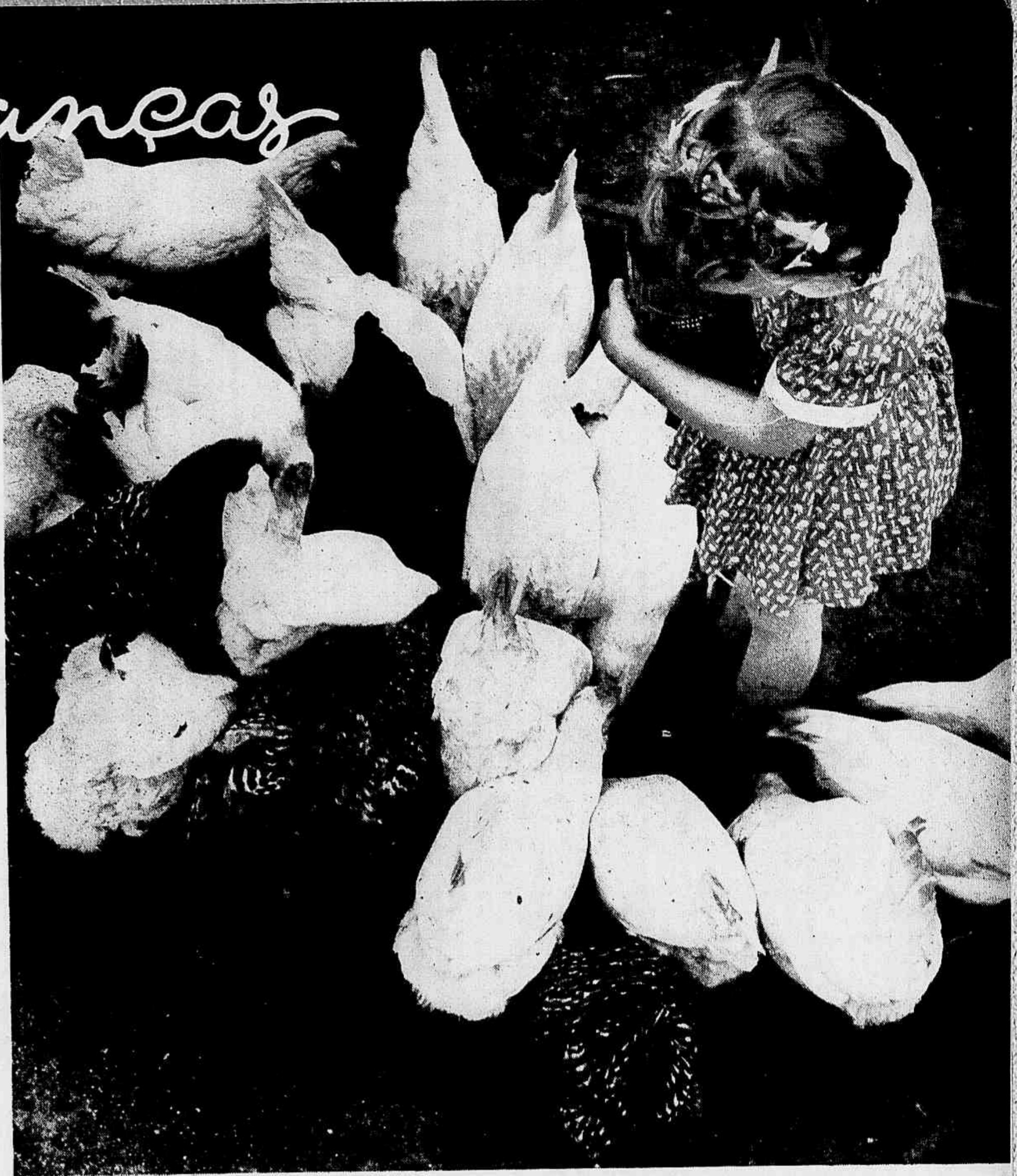
As crianças

TAMBÉM AJUDAM

AQUELA guerra que se mantinha distante dos lares, quando o truculento guerreiro, vestindo sua couraça, cingindo seu elmo de penacho, despezia-se da pálida esposa e das alegres e inocentes crianças, partindo à aventura, tem para nós um saber quasi mitológico.

Para as crianças daquela época, tudo isto devia parecer uma linda aventura, uma história de príncipes.

As crianças do sangrento século que estamos vivendo não podem ter mais aquele sorriso despreocupado de quem ainda não provou o fêl da existência. Elas nem podem mesmo acreditar nas histórias da carochinha. A realidade apresenta-se de modo brutal, com a violência de um murro que chama à



NA HORA DO MILHO — ELAS ATENDEM PRONTAMENTE AO CHAMADO PARA A COMIDA. AQUI VEMOS UM BELO LOTE, ACUDINDO AO APELO DA PEQUENA JUDY, QUE FAZ O PAPEL DE "GARÇONETE". LINDA NINHADA! AQUELA PEDREZ PÕE OVOS MAIORES QUE OS DAS OUTRAS E NÃO FICA "CHÓCA" ASSIDUAMENTE! MAS AS OUTRAS MERECEM OS MESMOS CUIDADOS. ELAS CONHECEM A DONA... QUANDO JUDY APARECE, NO QUINTAL, COM A VASILHA DO MILHO E MISTURA, NEM PRECISA DIZER MAIS — RRRRRR! RRRRRR!

realidade. Numa guerra cujos efeitos se fazem sentir nos seus próprios lares, esses espectadores das cenas mais trágicas não poderiam conservar intacta a sua ingenuidade, a sua inocência e otimismo. O sorriso que animava suas fisionomias foi brutalmente apagado pela crueldade dos adultos.

Pobres crianças européias! Elas têm fugido em levas, como um bando perseguido, procurando refugio nas terras da América. Aqui, encontram ainda segurança e conforto. Apenas, devem deixar de lado seus brinquedos e jogos, para se dedicarem a tarefas uteis.

E o fato é que parecem ter adquirido uma perfeita noção das responsabilidades que lhe foram atribuídas. Agora, quando não pode ser desperdiçada a menor parcela de energia e quando todo o tempo parece pouco para a realização da mais gigantesca tarefa que enfrentá-las, as crianças também dão a sua contribuição para a vitória, concorrendo para a realização do objetivo supremo.

Assim, nas próprias escolas, elas aprendem como colaborar eficientemente.

ALIMENTAÇÃO RACIONAL — JUDY MOSTRA-NOS A ALIMENTAÇÃO MAIS ADEQUADA E COM A QUAL A CRIAÇÃO SE DESENVOLVE SÁDIA E FORTE. DISTO DEPENDE EM GRANDE PARTE A SUA PRODUÇÃO. O ALIMENTO CONTEM DIVERSAS ESPÉCIES DE GRÃOS, MISTURADOS A OLEO DE PEIXE E MINERAIS. FAZEM-SE PARTES IGUAIS, CALCULANDO O NÚMERO DE AVES A QUE SE DESTINA A RAÇÃO E TUDO DEVE SER-LHES MINISTRADO A HORAS CERTAS, TANTAS VEZES POR DIA, PARA EVITAR EXCESSO DE ALIMENTAÇÃO, NATURALMENTE.

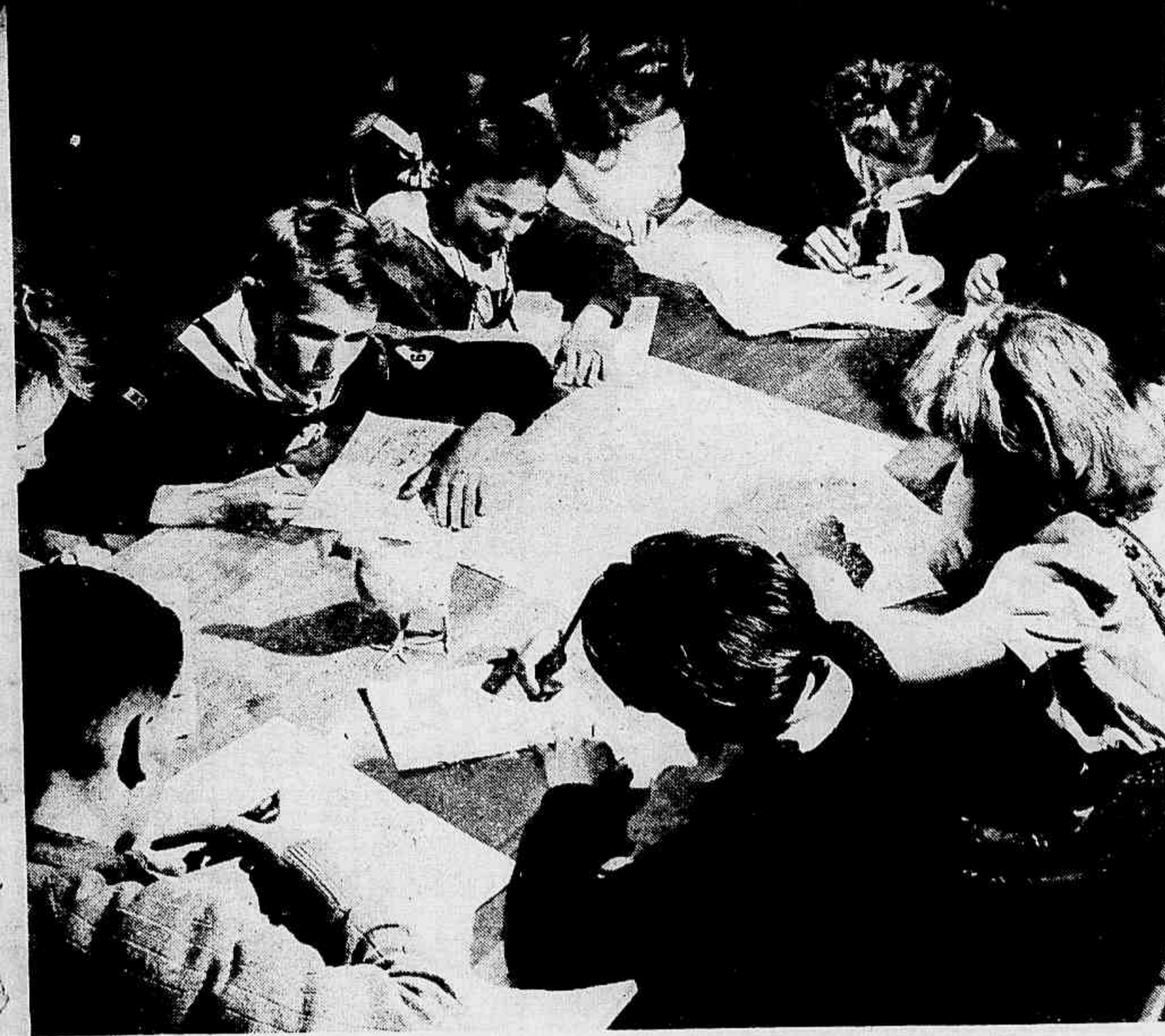




PROCEDENDO A PESAGEM — LEGÍTIMA VETERANA DE POUCA IDADE, A MENINA ESTÁ PESANDO OS OVOS DE SUAS PUPILAS. PARECE QUE O RESULTADO É BEM SATISFATORIO, PELA FISIONOMIA QUE ELA APRESENTA, REVELANDO GRANDE CONTENTAMENTO.



ELES TAMBEM CONCORREM — SIM, A VITORIA DEPENDERÁ EM GRANDE PARTE DA ALIMENTAÇÃO. ESSES PINTINHOS, QUE AÍ APARECEM TÃO DESPREOCUPADOS, IRÃO CRESCENDO, SOB OS CUIDADOS DA GAROTADA QUE OS OBSERVA E TERÁ A SUA PARTE NA VITORIA FINAL. QUE MELHOR ENTRETENIMENTO PARA AS CRIANÇAS DE AGORA, SINÃO ESSE, O DE SE DIVERTIREM FAZENDO ALGUMA COISA DE UTIL! REPREM COM QUE ATENÇÃO OS PETIZES SEGUEM OS MOVIMENTOS DAS PEQUENINAS AVES, ALIMENTANDO-SE.



TRABALHOS DE ESTATISTICA — ALEM DOS TRABALHOS DE CRIAÇÃO PROPRIAMENTE DITOS, SÃO TAMBEM EXIGIDOS DA GAROTADA OUTROS MISTÉRES. É PRECISO SABER A QUANTIDADE DE COMIDA QUE OS PINTOS CONSUMEM EM DETERMINADO TEMPO, OS GASTOS FEITOS, A PORCENTAGEM DE FRANGAS NUMA NINHADA. TUDO ISSO É DE SUMA IMPORTANCIA NA OBRA A QUE SE DEDICAM: SEM CALCULOS DESSA NATUREZA, AS COISAS FAZEM-SE AÉREAMENTE. TANTOS OVOS, TANTOS QUIULOS DE MILHO, ALPISTE, ETC.



DEPARTAMENTO ARTISTICO — AS CRIANÇAS QUE REVELAM INCLINAÇÕES ARTISTICAS SÃO ENCARREGADAS DE FAZER QUADROS E DESENHOS RELATIVOS AO SEU TRABALHO. AQUI VEMOS UM DETALHE DO DEPARTAMENTO ARTISTICO, ONDE DOIS PEQUENOS ARTISTAS TRABALHAM. PODEMOS ADMIRAR ALGUNS DOS QUADROS POR ELAS REALIZADOS COMO VEMOS, TODAS AS APTIDÕES SÃO APROVEITADAS. RECORDANDO O BONECO ANTIGO, DO PASSEIO PUBLICO, É CASO DE DIZER TAMBEM: SÃO ÚTEIS MESMO BRINCANDO!



OBSERVANDO OS NENES — AGORA, AQUI ESTÁ JUDY ENCANTADA COM OS SEUS "BABIES". ESTES SÃO PARMENTERS RED. JUDY FAZ VOTOS PARA QUE ELAS CRESCAM RAPIDAMENTE E PONHAM MUITOS OVOS. TODOS, EM CASA, ADORAM "OMELETTE" AO ALMOÇO... E A NUTRIÇÃO PROVOCADA PELOS OVOS DIFICILMENTE SE SUBSTITUE POR OUTRO ALIMENTO.



INSPECIONANDO — OS PEQUENINOS FAZENDEIROS ESTAO FORMANDO CIRCULO EM TORNO DO PINTINHO QUE DEVE SER EXAMINADO. ELE PARECE BEM SACÍ E PRONTO A SUBMETTER-SE Á INSPEÇÃO, ASSIM COMO QUEM NÃO TEME O RESULTADO. O CRESCIMENTO DOS PINTOS ESTÁ SOB A JURISDIÇÃO DO DEPARTAMENTO CIENTIFICO. NADA DE IMPROVISACÕES, NADA FEITO POR ACASO, MAS DEVIDAMENTE ESTUDADO, OBEDECENDO A UM PRINCIPIO DE ORGANIZAÇÃO, CIENTIFICAMENTE FEITO. OS RESULTADOS OBTIDOS SÃO INFALIVEIS.

A MELHOR INCUBADEIRA — NOSSA JUDY É TRADICIONALISTA. PARA ELA, O MELHOR MÉTODO DE CHOCAR OS OVOS É AINDA COLOCÁ-LOS SOB UMA GALINHA. AQUI A VEMOS EXAMINANDO AS CONDIÇÕES DE UXA NINHADA, CUJA VIDA SE FEZ PELO VELHO PROCESSO. A GALINHA, TRANQUILA, PACHORRENTA, SABE QUE A MENINA NÃO VAI "JUDIAR" COM OS FILHOTES E PERMITE, ASSIM, QUE ELA OS TIRE E TRATE Á VONTADE. MAS AS PEQUENINAS AVES NÃO DEVEM FICAR POR MUITO TEMPO LONGE DO CALOR DE "MAMÃE". É PERIGOSO.



EIS AQUI UM VIVEIRO — PARA OS PINTOS QUE, FELIZES, O HABITAM. É UM VIVEIRO ELEGANTE E SOLIDO. NÃO CUSTA MUITO DINHEIRO. NELE HA ATÉ ILUMINAÇÃO ELÉTRICA. SAINDO DAS INCUBADEIRAS, OS PINTINHOS SÃO AQUI COLOCADOS VIVENDO A UMA TEMPERATURA CONVENIENTE DURANTE AS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS. Á MEDIDA QUE VÃO CRESCENDO, A TEMPERATURA VAI SENDO REDUZIDA PELO EMPREGO DE LAMPADAS MAIS FRACAS. PAPAÍ E MAMÃE PODEM AJUDAR Nesses MENORES DETALHES.

COUSAS NÃO DITAS

JOAQUIM AUGUSTO

Na última *Revista Brasileira*, de n.º 10, a academia publicamos uma série de estudos intitulada *Artistas de Outro Tempo*. Interrompida a publicação da *Revista*, ficou incompleta a citada série de estudos, um agora aqui retomado brevemente. A bem de probidade literária aqueles estudos exigiam trabalho preparatório, o da reunião de notas, de informações tanto quanto possível de coévos.

Um dos estudos sobre *Artistas de Outro Tempo* devia ser extensamente dedicado ao ator brasileiro Joaquim Augusto. Do trabalho preparatório de outrora venham as seguintes linhas avivando o nome, a memória, a carreira teatral de Joaquim Augusto Ribeiro de Souza.

Não faltam justas glorificações a João Caetano; todavia cumpre não relegar da admiração a lembrança de quem emulou com o vistoso ator.

Joaquim Augusto nasceu no Rio de Janeiro a 6 de Julho de 1825. Teve pai português, naturalizado brasileiro, e mãe da nossa gente. Filho de casal pobre, Joaquim Augusto cedo enfrentou a vida, aspera, cheia de sacrifícios ignorados por quem nasce na moleza e fêlice da opulência.

Joaquim Augusto mal de letras primárias empregou-se como caixeiro, com a ideia porém de ser ator. A história do teatro registra o nome de muito ator de balcão antes de sonhado palco.

Entrementes Joaquim Augusto chamava-se a professor de si mesmo. Lia muito, escolhendo.

Isto não é para qualquer, oh! não. Apreciava bons poetas, ainda mais bons dramaturgos a lhe estimularem vocação.

Aos deses seis anos o adolescente tudo ousa e nada receia, inexperto no deslumbramento da vida falaz. Com deses seis anos, Joaquim Augusto buscou o teatro dirigindo-se a João Caetano, o vibratil, de condescendências e desdens, os desdens com os quais tinha por "pachuchadas as peças do Sr. Martins Penna".

Quanto a Joaquim Augusto condescendeu João Caetano. Achou este naquele alguns dotes para ator, rísto bonito, ar simpático, olhos expressivos, figura. Mas — terrível adversativa — notou também João Caetano no candidato a palco cousas a desvirar da arte cenica, um longe de má audição, uma dição aproximada de gagueira, um andar de suspeita a claudicação.

A poder de constância, esforço a esforço, tudo foi sendo vencido por Joaquim Augusto, a ponto de não mais se lhe notar imperfeições físicas.

Joaquim Augusto habilitou-se representando pequenos papeis, aos poucos saindo da sombra. Assinalou-o de vez o papel de José no *Fantasma Branco* de Macedo. Isto em 1851 deu maior aparição ao ator e principio à sua maior aura.

Em 1860 o *Ginásio Dramático* montava peça nova, *Mãe*, de José de Alencar, drama a expôr tristezas do cativo negro, no Brasil. A Joaquim Augusto confiou Alencar o desempenho do papel de um medico, o dr. Lima. Foi um exito.

Novo exito logrou Joaquim Augusto encarnando o paralytico Laroque no drama de Feuillet *O Romance de Um Moço Pobre*. Papel difficil na qual o interprete mostrou mestria, num tolhido de fala e de movimentos dando a ilusão de pенса e perfeita realidade.

Neste interim João Caetano foi a Paris onde ouviu peça de effeito, *O Prestidigitador*. Ternado de França logo a levou ao palco do *S. Pedro*, imitado pela empresa do *Ginásio*.

Atreveu-se então Joaquim Augusto ao que não sonharia fazer nenhum artista da epoca, medir-se com João Caetano no mesmo papel. O publico afluio ao duélio, recintos de dois teatros à cunha numa serie de representações em palcos visinhos.

João Caetano não desmereceu, mas — terrível adversativa — conforme Macedo, "Joaquim Augusto poz em relevo a arte com tanto effeito que por vezes excedeu João Caetano" e no-lo confirmaram também varios coévos. Disse-nos um deles, o dr. Rezo Cesar, João Caetano foi o que era, o que todos subiam, Joaquim Augusto o que ninguem esperava que fosse."

Nas antigas provincias do Brasil era frequente a passagem de conjuntos teatraes. Per algumas provincias passou Joaquim Augusto com aplauso geral, de maior caler em S. Paulo. "S. Paulo é minha terra", dizia Joaquim Augusto.

Em S. Paulo encontraria Joaquim Augusto um estudante mais de versos que de *Corpus Juris*. Era Castro Alves. Ao artista dedicou longa poesia, nas *Espumas Fluctuantes*, com o simples titulo

Ao Actor Joaquim Augusto

Na produção lembra o poeta, propositada, incassavelmente, o esforço de Joaquim Augusto no se crear ator.

O artista corrigio a natureza".

No seu condoreirismo exclamou Castro Alves:

*Augusto! E o nome teu não se desmente...
O diadema real na vasta fronte
Cingez... Eu bem o sei!
E os poetas repelem como Horacio
Sabul Augustol Rei.*

Vida breve teria Castro Alves, o entusiasta de Joaquim Augusto. Em 1871 se ia da existencia, presagamente escrevendo os sentidos versos do *Quando eu Morrer* como Alvaros de Azevedo os do *Se Eu Morresse Amanhã*.

Na poesia de Castro Alves o sepulcro é comparado a não de

*Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.*



JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO DE SOUZA
(Rio de Janeiro, 1825-1873)

Cinco anos após Castro Alves, Joaquim Augusto ia conhecer as interminas plagas lembradas pelo seu cantor entusiasta.

Depois de 1870 o teatro nacional sofreu subita transformação, quasi posto de lado o antigo repertorio. Invadiu nossos palcos o genero chamado alegre e em voga pelas operetas de Offenbach, de libretos irreverentes habituando o publico ao desrespeito pelo que até então apreciara. Alem dos libretos de troça à antiguidade e à realza, a musica saltitante de Offenbach se unia à desenvoltura dos *cancans* levando bem fóra de saiotos as pernas de bailarinas.

Joaquim Augusto e outros atores acostumados a genero sério sentiram-se indesejáveis, entretanto urgidos de pobreza continuando a trabalhar no palco, lestimando entre si o que severamente taxavam de prostituição da arte. Passaram à classe melancolica dos *m'as tu vi*.

Em francês assim se designa o ator que relembra antigos triunfos em papeis de relevo.

Mercê de economias poudé Joaquim Augusto comprar casinha em Todos os Santos, suburbio carioca na epoca com vegetação e silencio.

Na modesta habitação o procuravam alguns amigos e valia-lhe a dedicação de fiel compenheira, Maria Singer Velluti, atriz de muita boa qualidade e de carreira teatral distinta, interprete da Joana em *Mãe*, da Henriqueta no *Demonio Familiar* de Alencar, da Hortencia em *Luxo e Vaidade* de Macedo.

Valeu igualmente a Joaquim Augusto outra dedicação, a de caridoso medico o dr. João Luis dos Santos Titára. Em medicina o desinteresse, o acudir á pobreza são esmaltes da profissão, nobilissima quando bem compreendida. O dr. Titára merecia aqueles esmaltes por consenso unanime de população suburbana.

Sabendo quanto se desvelára por Joaquim Augusto, ao encetarmos estudos preparatorios sobre o notavel ator dirigimo-nos ao Dr. Titára. Dele recebemos então a seguinte carta informativa.

"Acabo de receber a carta em que, tendo sabido que fui o medico assistente do insigne ator Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, me pede algumas informações ou particularidades a respeito do grande artista cuja biografia tenciona publicar na *Revista Brasileira*. E corro pressurco a dizer-lhe o pouco que sei em relação a Joaquim Augusto, de quem fui admirador no palco, mas com quem somente entretive mais intimas relações depois que o pobre artista, doente, abatido e desanimado da vida, mas não da arte dramatica, á qual sempre dedicou verdadeiro culto, se retirou para Todos os Santos, a vêr se encontrava allivio a seus padecimentos, principalmente a uma nevralgia atroz que soffria na cabeça e que o torturava de continuo.

E mesmo assim continuava a trabalhar! Mas é preciso confessar que não o fez simplesmente por amor á arte, mas por *necessidade*, porque Joaquim Augusto morreu pobre, como acontece a todo artista intelligente no Brasil.

Apenas possuia a pequena casinha onde moro na rua da Boa Vista n.º 1, e que hoje muito augmentada pertence ao Coronel Silva Porto, gerente da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico.

Assim doente, quando a molestia lhe dava algumas treguas ás suas torturas, era ainda a sua conversação attrahente, viva e variada. Tinha a palavra facil, linguagem fluente apropriada ao assumpto, replica espirituosa e prompta. Era o que se chama um bom *causeur*, e com elle me entretive algumas horas em agradável palestra.

Era um pouco calvo, de olhos grandes, vivos, expressivos.

Alma grande, bom coração e excessivamente grato. Ainda me recordo quanto elle era reconhecido á dedicação e caridade com que o tratava D. Maria Velluti, também uma artista intelligente que o acompanhou sempre incansavel, sempre sollicita até a sua morte.

Por muitas instancias minhas — por se sentir completamente extenuado, abandonou o teatro um mez pouco mais ou menos antes de morrer. Mas com grande pezar e tristeza me deu a triste noticia de que tinha attendido á minha exigencia!"

Tais as informações prestadas bondosamente pelo dr. Titára, de nome hoje em rua de Todos os Santos. Não da grei dos que têm os pesquisadores por importunos, sabia obsequial-os o dr. Titára, homem de cultura humanistica haurida no seu bacharelado em letras de 1863 no Colegio de Pedro Segur.

Na sua carta de 12 de Março de 1898 mostra o dr. Titára quão viva conservava memoria de Joaquim Augusto, falando dele com apreço e saudade. Na singeleza prestativa é a missiva pequeno quadro vulgar dos ultimos dias de um artista pobre, em termos de morte.

São passados setenta e um anos do obito de Joaquim Augusto, a 17 de Janeiro de 1873. Que teatro lhe traz o nome quando se dá a teatros indebita e profanamente nomes de santos? Que fim levou um ensaio de estatua na qual Chaves Pinheiro representou Joaquim Augusto no papel de protagonista de *A Africana* de traje á mourisca e de bournos?

A esforços de Versques, a figura de João Caetano encontrou bronze para estatua já tres vezes mudando de local. A imagem de Joaquim Augusto ficou no gesso de Chaves Pinheiro, sabido quanto o gesso é friavel.

A' imaginação fica entregue o quadro dos derradeiros dias de Joaquim Augusto na sua casa de suburbio, ao lado de compenheira de vida e de profissão. Bem diversas as noites de Todos os Santos daquelas outras nas quais ambos os artistas, como no *Luxo e Vaidade*, dialogavam á luz viva da ribalta. Em 1873 o drama era de portas a dentro.

Escragnolle Doriaf

VERIFICANDO QUE O VENENO NÃO PODE MATAR O CELEBRE
INVENTOR, O ASSASSINO DA CRUZ GAMADA APUNHA LAÇOS.

O CRIME DA CARNE CONGELADA

(Novela de Anthony Boucher, traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

EM tempo de paz o crime não teria despertado suspeitas e mais um inventor célebre morreria antes de poder revelar o segredo das suas experiências. Morte natural, acreditariam todos, e o médico da vítima daria o atestado de óbito. E o criminoso ficaria impune.

O tenente Donald MacDonald já estava se conformando com a situação. Submetido a exame médico para verificar o seu estado de saúde, não pudera ser incorporado ao exército e isso lhe causara grande desgosto. Ao verificar, porém, que sua ajuda era necessária no Departamento da Polícia Federal, onde trabalhava, ele alegrou-se, certo de que estava servindo à sua pátria da melhor maneira possível.

Os casos de espionagem se sucediam, e cada vez que encerrava a investigação de um deles Donald sentia especial satisfação. Cada eixista que aprisionava era um ponto marcado contra o homenzinho sinistro que expedia as suas ordens de um confortável gabinete há muitas milhas de distância...

MacDonald nem dava atenção aos olhares hostis que despertava a sua figura de moço, sem uniforme, quando passava pelas ruas. O povo podia ignorar, mas

ele sabia que estava trabalhando na medida das suas possibilidades e da melhor maneira possível, contra os assassinos que perturbavam a ordem e os espíões que ameaçavam a segurança do povo americano.

O caso do envenenamento foi confiado a ele pelo tenente Humphreys, da Marinha dos Estados Unidos.

— Na marinha não acreditamos em coincidências, disse-lhe o oficial pelo telefone. Chegando aqui, para receber de Harrison Shaw os desenhos definitivos da arma secreta que ele inventou, encontrei-o doente. Muito doente. E todos os sintomas são idênticos aos de envenenamento por arsênico. Preciso da ajuda da polícia.

O tenente MacDonald conhecia Humphreys de nome. O oficial era muito conceituado como "comentarista" de guerra e escrevia em vários jornais. Esperando que ele tivesse diagnosticado o envenenamento com mais sagacidade do que a demonstrada na previsão errada da derrota dos exércitos vermelhos, MacDonald abandonou o caso que estava investigando e dirigiu-se para a casa do inventor.

Aparentemente, o oficial acertara. O médico da polícia, que examinara a ví-

tima em estado de coma, elogiou Humphreys pela presteza com que agira, evitando a morte do inventor.

— Fiz o que podia com o que havia na casa, explicou Humphreys, modestamente. No Departamento de Investigações da Marinha, nós temos que conhecer um pouco de medicina, senão... Esses espíões não esperam nunca a chegada do médico para agir...

— De qualquer forma o senhor fez o principal. O perigo maior passou. Se o paciente reagir, como prevê, ficará bom. Já providenciei para que enviem um enfermeiro. Pode telefonar para o laboratório por volta de seis horas, MacDonald. Vou analisar isto que você me deu e a essa hora já terei uma resposta.

— Muito bem, doutor. Obrigado.

— De nada. Passem bem.

Era uma hora e quarenta e cinco minutos. A uma, Humphreys chegara e mandara incontinenti chamar a polícia. O ataque, que as pessoas da casa tinham acreditado não passar de uma indigestão, acometera Harrison às doze e meia, depois do seu alimôço habitual: um sanduíche de carne e uma garrafa de cerveja.

— Ele se alimentava muito mal, observou MacDonald.

O cego riu.

— Ele nunca se sentiu fraco com esse regime. Muito pelo contrário: estava sempre bem disposto e trabalhava muito.

O tom de voz era amargo. MacDonald aproximou-se para contemplar de perto o cego. Um homem alto, magro, de cinquenta anos de idade, mais ou menos. Parecia-se muito com o inventor. Um sorriso inexpressivo dava um ar estranho ao rosto. Os olhos sem vida viraram-se para MacDonald. Vestia um terno que vira melhores dias.

O terno era como a casa. De boa qualidade, mas velho. A casa, uma daquelas mansões senhoriais que perdera o esplendor dos áureos tempos, porém não deixava de manter, por isso, certa imponência que impressionava.

— Bem, disse MacDonald.

Essa palavra, pronunciada com firmeza, significava muita coisa. MacDonald toda vez que ia lutar, com palavras, contra uma testemunha, para arrancar-lhe a verdade, ou, com gestos e sôcos poderosos, contra algum rebelde, dizia: bem. Era um seu grito de guerra, pronunciado à meia voz e anunciando batalha.

Enquanto o médico analisa a comida, procederemos a uma investigação preliminar. O senhor é primo de Shaw, não é verdade?

O cego assentiu.


— Primo em segundo grau. Ira Beaumont, às suas ordens.

— Há quanto tempo o senhor vive com Shaw?

— Shaw vive comigo há bastante tempo. Uns dez anos. Herdei esta casa




Cocktail de CINEMA



HOLLYWOOD, ABRIL (*Por avião*). — Michelle Morgan continua com todas suas atividades cinematográficas interrompidas. Enquanto perdurar a guerra — ela é quem declara — seu tempo será dedicado a fins humanitários. O marido da “estrêla”, Private Wm. Marshall, permanece em Nova-York, figurando no *cast* da peça teatral *Winged Victory*. Michelle disse, recentemente, que ainda pretende filmar de novo em França. Deseja ser das primeiras a regressar aos seus antigos domínios. — “Creio que nunca mais deixarei de viver nos EE. UU., minha segunda patria — adiantou — mas é natural que meu coração se volte também para a França, ainda mais agora, que tanto vem sofrendo”. E esclareceu: Jamais esquecerei o acolhimento que aqui me tem dispensado. Reconheço: antes da guerra não acreditava no cinema americano, mas a guerra prestou-me esse benefício, hoje sei que aqui se faz cinema por indústria sem desamparar as características artísticas, sempre que seja possível cultivá-las.”

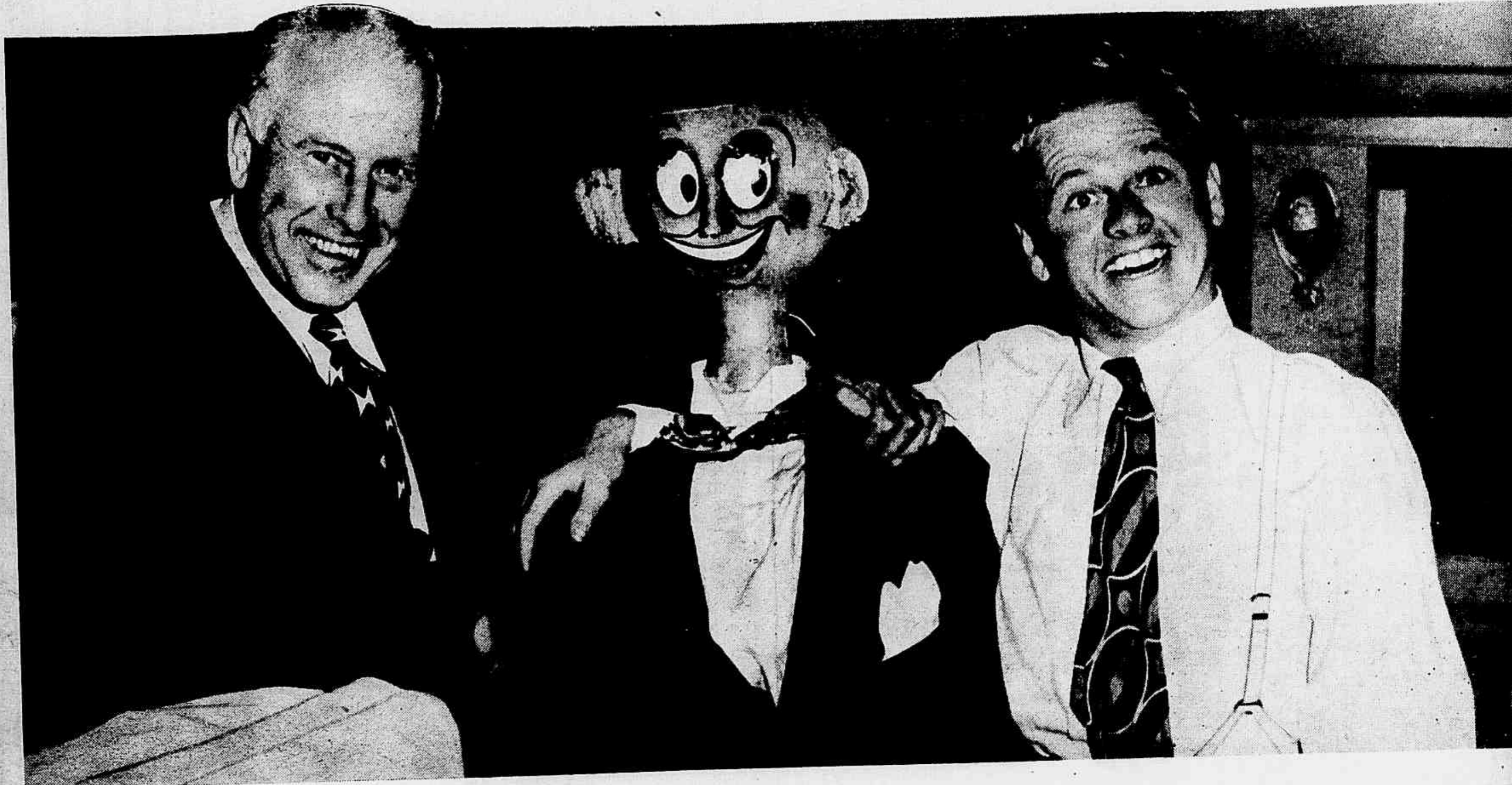
A pequena Margaret O’Brine, uma das melhores revelações da Metro, nestes últimos tempos, estará correndo o risco de não voltar mais aos estúdios? E’ a nova que vem circulando. Parece que os responsáveis pela menina, diante dos exemplos nada convidativos de varias g’rotas-prodigio mal sucedidas no cinema, não estarão dispostos a deixá-la ainda por cinco anos sob os contratos dos estúdios. Mas, por sua vez, Margaret O’Brien está satisficíssima e afirma que não arredará pé do cinema. A Metro deixou, num gesto muito elegante, que a familia resolvesse. Mas parece que ainda dois filmes de qualquer modo serão feitos.

Mickey Rooney vai mesmo servir no exercito de Uncle Sam? Parece que desta vez tudo correrá ao sabôr do pequeno Andy Hardy. Ele está desanimadissimo da vida, por dois motivos: Seus infortunios românticos e o fato de ter sido, duas vezes seguidas, rejeitado no exame físico para ser mobilizado. — “Si me julgarem incapaz, que vai ser de mim? Pequena alguma voltará a olhar-me e eu serei um derrotado no amor...” Tem razão Mickey Rooney. Mas não precisa esse atestado de incapacidade, fornecido pela comissão examinadora. A exemplo da anedota — que antes de ser já era...





NA PG. A' ESQUERDA: MICHELLE MORGAN (AO ALTO), FAZ A'S PRESSAS A PRIMEIRA REFEIÇÃO PORQUE, NESSE DIA, TERA' DE DIVERTIR OS SOLDADOS NUMA "CANTINA" EM LOS ANGELES. EM BAIXO, GAIL RUSSELL, DA PARAMOUNT, USANDO (E TALVEZ ABUSANDO...) DE SER BONITA E DOS BANHOS DE SO'L EM PALM BEACH. NA PG. A' DIREITA, EM CIMA, A MAIS RECENTE POSE DE MARGARET O'BRIEN NO SEU NOVO FILME PARA A METRO. AO LADO, ANN RUTHERFORD EM "WASHINGTON MELODRAMA". EM BAIXO, MICKEY ROONEY, O DIRETOR WILLIAM B. SEITZ E UM BONECO QUE UM FAN MANDOU DE PRESENTE AO CRIADOR DE ANDY HARDY. ESTA' MESMO PARECIDO?



O QUE SE DEVE evitar

Dra. SILVIA ROGER

PLATONISMO E CANDURA

Minha doce amiguinha.

Já existiu sim, neste mesmo planeta em que habitamos, esse amor a que se chamou platônico, como existiram a galanteria, a generosidade, o sentimentalismo, da mesma maneira como existiram a orgia e a bacanal mais desenfreada sob porticos dourados, deciseis de brocado e recamaras floridas de nardos, mirra e sandalo; a ultima visão de Sodoma e Gomorra, surge e revive como simbolo de cidades do pecado e são cidades que tem existencia real dentro da historia, em épocas de materialismo subversivo como esta em que vivemos. Para a juventude de nossos dias, o amor platônico não é uma força espiritual, é antes perversão, porque o homem é nada mais do que um animal fisicamente apto a todos os vícios ou prazeres do instinto. O romance moderno só é romance quando reflete a mais baixa camada humana dentro da sua furna suja e sorna.

Mais ainda: sem pornografia, não ha o sinete racial. E' assim que, infelizmente, pensam e agem os que estão arquivando para o futuro a reportagem da nossa era.

Mas, minha doce amiguinha o amor platônico, foi antanho uma escola de auto-controle do instinto, pelo qual o homem quiz provar que se podia amar o amor pelo amor.

Entre os Arabes, artezaões de rendilhada arte, o platonismo foi um dogma de amor cultivado sob a Sagrada Caab.

"Sahid filho de Agba, perguntou um dia a um Arabe: — De que povo és? — Sou do povo no qual se morre quando se ama, respondeu ele. — E's então da tribu de Azra? Como se explica que ameis desse modo? — Nossas mulheres são belas e nossos jovens são fortes e castos.



GLORIA JEAN — (Universal)

Abu-El-Hassam conta que Djamil prestes a morrer assim falou a seu amigo Elábas: — O' filho de Solahil que pensas de um homem que nunca bebeu vinho, que nunca teve lucros ilícitos, que jamais causou injustamente a morte de nenhuma creatura que Deus tenha proibido matar, e que dá o testemunho de que Deus é Deus, e Mahomet é seu profeta?

— Penso que esse homem terá a salvação de sua alma e ganhará o Paraíso; mas quem é esse homem?

— Sou eu, disse Djamil.

— Não sabia que professavas o islamismo, respondeu-lhe Elábas, pois ha vinte anos amas Bothaima e a celebras em teus versos.

Ao que retrucou Djamil:

— Aqui estou no primeiro dia do mundo futuro, e no ultimo deste mundo, e quero que a clemencia de Mahomet não se estenda sobre mim no dia do julgamento, si jamais toquei Bothaima para qualquer cousa repreensivel.

Chamamos Stendhal como testemunha destas pequenas reminiscencias de amor, na longa terra, onde o sol calcinando a terra, em seu veranico abraço, não combure em sua adustão a frescura lirica do amor, feito da essencia purificadora da renuncia carnal.

O amor platônico, minha amiga, é como a celebre Edelvais, flôr das alturas abruptas e frias, rara, exotica, e difficil de ser apanhada. Desconfie da sinceridade de quem, a meu vêr, percebeu na sua candura juvenil e na sua romantica sensibilidade, presa facil à engenhosa manobra.

Os faunos, comuns em nossa época, gostam de usar fantasias e camouflages romanescas, para despertar a curiosidade das que surgem para a vida cheias de candura. Acautele-se com as ciladas.

GLORIA JEAN

JAIME COSTA NO "GLORIA"

O sucesso que Jaime Costa e sua companhia registaram no Gloria, agora devolvido à sua primitiva função de teatro, é confortante para quantos, no Brasil, se interessam pelas coisas de arte. Figura popular e querida no seu gênero, Jaime Costa pertence à categoria dos comediantes que podem manejar o seu público à vontade. Por ocasião da estréia de *Os homens já foram anjos*, não faltou quem duvidasse de uma permanencia maior, em cartaz, do original de Henrique Pongetti. Admitia-se que o Jaime só conseguisse agradar fazendo *chanchada*, improvisando "bôas bolas", solto, à vontade. E o contrario exatamente foi que se verificou. A peça de Pongetti não dá margem a esses excessos, e assim mesmo, ou talvez por isso mesmo, lá está a caminho de um mês consecutivo de programação. Tanto é verdade que o artista já se encontra em situação privilegiada, para catequizar as platéas, dando-lhes peças um pouco acima da bitola comum e não incidindo, permanentemente, no estilo mais vulgar. A exemplo do que sucedeu este ano com Dulcina, também Jaime Costa pôde libertar-se um pouco desse estilo e fazer incursões mais sólidas em teatro de classe, na certeza de não ter prejudicados seus interesses de bilheteria, o que vem recomenda-lo tanto quanto ao público que o aplaude ano após ano, sempre com o mesmo entusiasmo e apreço. Atente o interprete de Pongetti nessa grande verdade e observe que o nosso teatro está atravessando uma auspiciosa fase de evolução à qual um ator da sua categoria não deve nem pode negar o seu concurso mais apurado.



O BAILADO DE "CESAR E CLEOPATRA" ERA UM DOS MUITOS MOTIVOS DO SUCESSO DAQUELE GRANDE ESPETACULO. AQUI VEMOS DECIO STUART, FELICITAS (A' ESQUERDA) E ELIAN NALDI, QUE O ACOMPANHAVAM NAQUELE INTERESSANTE MOTIVO COREGRAFICO.

Você sabia que...

...Ladislão Todor, autor de algumas peças apresentadas por Eva, no Serador, em adaptações de Luiz Iglesias, é o pai da festejada artista?

...Renato Viana teve seus primeiros sucessos, como dramaturgo, na antiga Companhia Dramatica Italia Fausto, onde apareceu de maneira empolgante assinando a peça *Os Fantasmas*?

...o cinema São José, na Praça Tiradentes, foi por muito tempo teatro? E no entanto não foi requisitado como

sucedeu com outras salas mais modernas...

...Paulo Gracindo já fêz burletas e revistas numa companhia da qual era estrêla Alda Garrido e onde o galã da Nacional cantava e dançava?

...o poeta Olegario Mariano já foi revistografo, tendo assinado uma peça desse gênero representada no Teatro Recreio?

...Paulo de Magalhães tem quasi um quarto de século de vida de ator teatral?

PARADA

O MORALISTA DO ETER

Por DJALMA MACIEL

ENTEDIADO, bocejando sem sono e sem cansaço, chego-me ao rádio na esperança de ouvir qualquer coisinha mais divertida. Não é horade novelas no ar e tal vez os sambistas já estejam recolhidos aos barracões, fadiga dos de andar o dia inteiro, assim, de um lado para outro, carregando o peso das orelhas. Ligo e espero que es quente o aparelho. De subito, uma voz de veludo, que procura imitar o sotaque arrasado dos gauchos, uma voz pedante, sensual e impostora, salta do receptor, articulando no silencio da sala uma frase de puro gosto pachecal. É uma "tirada" com fumaças de literatura e de filosofia e pretensões de moralismo, que naquele momento deve estar sendo apreciadissima no Engenho de Dentro, em Meriti e noutros suburbios. Um instante me ocorre a ideia de virar o dial, mandando às urtigas do eter o palavrório fôfo do sestroso "pensador" hertziano; porem, aquela voz cariciosa como peça de seda escorrendo entre mãos ageis de um caixeiro de armarinho e também categorica como um versiculo do Alcorão — aquela voz eu a conheço de longa data e por sinal me traz reminiscencias muito curicicas.

Meia noite de um dia qualquer da primeira quinzena de Agosto de 1940. O escriba chegára pela manhã de Belo Horizonte, chamado com urgencia junto ao leito de um enfermo. Quinze horas de viagem e o dia inteiro na aflição tremenda de interrogar a morte, procurando ler nos olhos do medico o destino do ente querido que sofria quasi sem esperanças. À noite, veiu o *verdictum* da ciencia: — salvava-se. Mas, era necessaria a imediata applicação de medicamentos que só poderiam ser encontrados numa farmacia do centro. Um taxi; e meia hora depois, enquanto o boticario aviava a receita, entrava o plumitivo no Café Suíço para a refeição ligeira, que lhe revigorasse o organismo desde a vespera faminto e insône. O da voz de veludo estava lá. Abraços. Vieram as canjas. E até que o Batistinha servisse a meza e cobrasse a despesa, houve também confidencias — de parte do homem da voz de seda, porque o escriba não tinha o que revelar. A mesma historia crespa, tão com um no meio radiofonico: — um "estrelô" pobre de espirito mas audacioso e bem posto nas encadernações de boas casemiras... A mocinha histérica, menecapta, que faz questão de ser *lan* e pensa em casar com o "seu" artista... O papai moderno e utilitario, que não se incomoda em arranjar genro por intermedio da policia... O juiz, que não pode fugir ao sapatinho chinês das "provas coligidas nos autos...". Os amigos do mocinho, que se movimentam, pedindo aos jornalistas esquecimento para a noticia do feito... Justamente naquele dia, um reporter do Fôro, menos avisado ou mais intransigente, publicára uma referencia ao processo do rapaz; e ele ali estava envergonhadissimo com o escandalo da curiosidade publica, jurando por Cristo e por Allah a sua innocencia, a sua absoluta innocencia...

Caminho de casa, torturava-se o outro com a lembrança das autenticas lagrimas que o pobre papagaio de microfone deixára cair na canja servida pelo Batistinha. No dia seguinte melhorou extraordinariamente a saude do seu deente, Emocionado com essa felicidade, o escriba olvidou a natural prudencia, saindo a campo, de pena em riste, para quixotear a favor do "caluniado e perseguido" companheiro de canja... Quarenta e oito horas depois voltava a Minas; passados tres mezes regressara definitivamente ao Rio. Aí, então, pôde saber que a "vitima da calunia e da *chantage*" só conseguira livrar-se da condenação por causa do sapatinho chinês das provas testemunhais coligidas nos autos...

Nunca mais se cumprimentaram; nem o escriba se quiz lembrar da alma lombrosiana do tomador de canja, que inescrupulosamente abusára de sua boa fé e do seu estado de alma. Entretanto, talvez ele também se deliciasse com um sorriso sarcástico, se ouvisse agora, a voz de arminho, pernestica e convincente, que diz aos escutas de Cascadura e da Parada de Lucas, na sua arenga pachecal:



ARI' BARROSO TALVEZ VOLTE A HOLLYWOOD MAS SO' DEPOIS DE TERMINAR SEU CONTRATO COM A TUPI'. AQUI O VEMOS MATANDO SAUDADES DO LEGITIMO ZE' CARIOCA EM QUE SE INSPIROU WALT DISNEY PARA O SEU HEROICO PERSONAGEM.

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues



-SERVE UM BEM BARATINHO!

Não! Não inicie suas gengivas a liquidação das para tê-las rosadas e sadias. Isto lhe sai mais barato, usando Lever S.R.

-SERVE UM BEM GOSTOSO!



Não! Pão de mel, só na confeitaria! Nele, gosto é tudo. Mas um bom dentifricio deve unir ao sabor o poder de proteger os dentes. Lever S.R. tem ambos.



-SERVE QUALQUER UM!

Não! Pegar "qualquer" bonde é correr risco de tomar o errado! Assim, também, na escolha do seu dentifricio. Para garantir um sorriso lindo, peça Lever S.R.



LINTAS SR 106-0100

-Eu uso
Lever
S.R.

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentifricio completo! É' refrescante, gostoso e econômico! E não é só: tem Sódio-Ricinoleato, o poderoso elemento que assegura a saude das gengivas, mantendo os dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes *brancos*... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

— ... somente os Pococurantes não reconhecem esse valor dos que trabalham no radio em beneficio de moral da familia brasileira e da grandeza de todas as instituições nacionais!"

AVULSAS

Cesar Ladeira e Ari Barroso já regressaram, o primeiro do Norte, onde ficou apenas uma semana, e o segundo, de Hollywood.

Paulo Gracindo está outro. Voltou a ser o artista discreto, comportado e que se préza. Pode ter perdido uma parcela da popularidade barulhenta dos tempos de Carlos Gomes, porem agrada mais.

Mercedes Simone fez barulho em Niteroi. Recebeu grandes homenagens.

Houve festas ao ar livre, na praia, com fôgos de artificio. Desta vèz, o Rio teve de curvar-se. Mas ninguem compreende por que motivo Mercedes Simone não atravessou a b:fa...

Paulo Roberto ganhou saúdo da Cruzeiro. Agora, na Tupi, seus méritos aparecem. E' ouvido. E libertou-se da peçonha.

A Rádio Clube do Brasil tem apresentado interessantes figuras ao seu microfône, de gente que viu a guerra de perto.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Figuras e Fatos



STA. LUCIA CESAR DE VASCONCELOS, DA SOCIEDADE CARIOCA, E CUJO ANIVERSARIO NATALICIO TRANSCORREU NO DIA 15 DO CORRENTE.

pitão de Mar e Guerra Otto de Faria. Francisco Signoretti. Dr. Carlos Viana Guilhem. Raul Piccorelli. Dr. Samuel Puentes. Dulcideo Pimentel. Augusto Porto. Dr. Jesé Lopes Pontes. General Heitor Augusto Borges.

28— Senhoras: D. Cermen de Castro Barbosa de Araujo. Menina: Maria Léa Pires de Mello. Senhores: Capitão de Fragata Aurelino José Jorge Filho. Dr. José de Albuquerque. Capitão Tenente Athaulpa Neves. Tenente Coronel Fausto Garrido de Menezes.

29— Senhoras: Viuva General Colatino de Araujo Góes; Senhorinhas: Eliete Cunha; Senhores: Contra-Almirante Raul Ferreira Viana Bandeira, Henrique Boiteux Sobrinho, Carlos Galery. Dr. Flavio Monteiro Amaral, Dr. Guerreiro de Castro. Menino Julio Barbosa Neto.



REALIZOU-SE, NO DIA 10 DO CORRENTE, NA IGREJA DE SANTA TEREZINHA, O ENLACE MATRIMONIAL DA SRTA. CELIA PRADERA TORRES, FILHA DO SR. FRANCISCO DE PAULO TORRES E D. FRANCISCA PRADERA TORRES COM O ASPIRANTE A OFICIAL DA FORÇA AEREA BRASILEIRA WILSON FREIRE CARVALHAL, FILHO DO SR. ANTONIO QUINTAL CARVALHAL E D. VIOLANTE FREIRE CARVALHAL. NO ATO CIVIL SERVIRAM COMO PADRINHOS DA NOIVA O DR. PAULO MANZO E SENHORA; E DO NOIVO O SR. DYLSON DA COSTA RABELO E SENHORA. A CERIMONIA RELIGIOSA FOI PARANINFADA PELO CASAL PRADERA TORRES POR PARTE DA NOIVA, SERVINDO COMO TESTEMUNHAS DO NOIVO TAMBEM OS SEUS PAIS. DESSE CASAMENTO, QUE CONSTITUIU UM ACONTECIMENTO SOCIAL DE LARGA REPERCUSSÃO, ESTAMPAMOS ACIMA UM SUGESTIVO INSTANTANEO.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

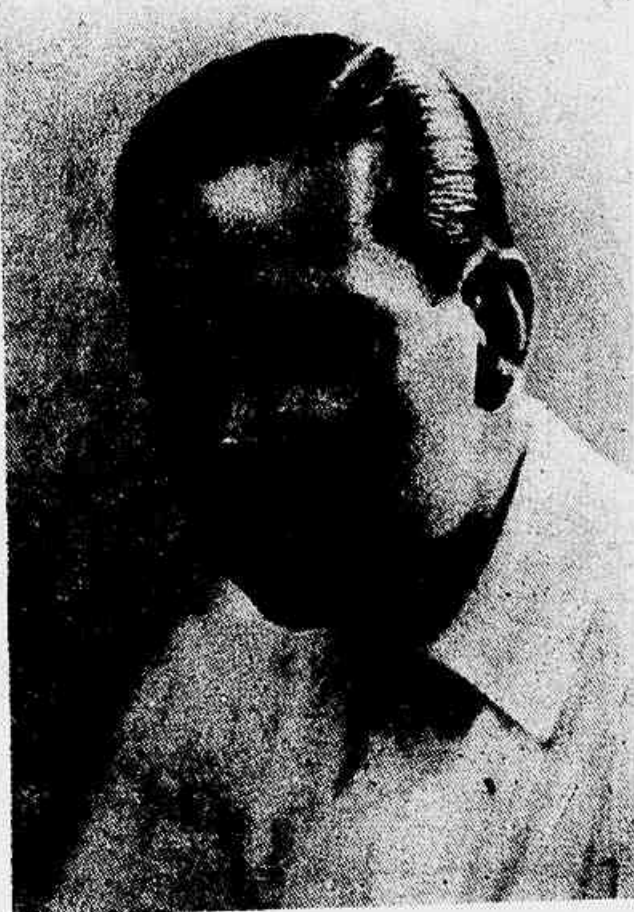
23— Senhoras: D. Maria de Conceição Gonçalves Bittencourt; Senhorita: Maria Bustamente de Carvalho. Senhores: Dr. Francisco Rocha, Desembargador Pontes de Miranda, Américo de Moraes, Francisco Bittencourt.

24— Senhora Nêê Macaggi. Ministro Carlos Maximiliano.

25— Senhoras: D. Bertha Otero de Oliveira; Senhores: Dr. Eronildes de Carvalho, Contra-Almirante Melciades Alves, Dr. Arthur Henock dos Reis, Floriano Peixoto Barros Pessoa.

26— Senhoras: D. Maria de Lourdes Fortuna Gonçalves Barata; Senhorinha: Maria Madalena Pontes. Senhores: Dr. João Guimarães, Capitão de Fragata Antonio Pedro de Cerqueira e Souza, Padre Murillo Moutinho. Menina Amelia de Carvalho.

27— Senhoras: D. Maria Jacobina Rabello, D. Maria José da Luz Ferreira; Senhorinha: D. Celeste Bacellar; Senhores: General Heitor Augusto Borges, General Tertuliano Potyguara, Ca-



CELIO DE ALCANTARA CARREIRA, FILHO DO SAUDOSO ESCRITOR ALCANTARA CARREIRA, POETA FESTEJADO, VEM DE EDITAR "A CANÇÃO DO TRIGO", LETRA E MUSICA DE SUA AUTORIA, APARECIDA EM SÃO PAULO.

O crime da carne congelada

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 29)

de um parente distante. Shaw pensou, com certa justiça, que tinha direito a uma parte na herança. E eu não tive dúvidas em prontificar-me a partilhá-la com êle. De qualquer forma, eu não poderia ocupar esta casa tôda.

— Quem mora mais aqui?

— A mãe do meu primo veio tambem morar aqui, para cuidar dêle. Mais tarde o auxiliar de Shaw mudou-se para cá.

— Só essas pessoas moram aqui?

— Havia um casal que cozinhava e tomava conta da casa, mas tivemos que despedi-los porque exigiam ordenado muito alto. Madame Shaw é quem faz o serviço, agora.

Atravessando a sala, o cego foi apanhar uma caixa de charutos que estava sôbre uma mesa pequena.

— Um charutinho?

— Não, obrigado, respondeu MacDonald.

Admirado com a facilidade com que o cego se movia, MacDonald observava-o.

Houve uma pausa. Finalmente o detective perguntou:

— Quem preparou o sanduiche de Shaw?

— Foi a mãe dêle.

— E' ela quem faz isso todos os dias?

— Sim. Deve estar agora na cozinha.

Apesar de tudo o que aconteceu precisamos comer hoje. Está preparando o jantar.

Humphreys seguiu o detective até a cozinha.

MacDonald refletia.

— Só pode haver um motivo, explicou Humphreys. Alguém tentou impedir que Shaw nos entregasse os documentos que vim buscar. Si você conseguir encontrá-los, é quanto basta.

— Mas não temos ainda a certeza de que estejam perdidos, protestou MacDonald.

O oficial olhou, supreso.

— Lógico. Quando Shaw voltar a si, dirá onde guardou os documentos. E' muito possível que não tenham sido roubados. Como poderia o ladrão saber onde o inventor os escondera?

Humphreys abanou a cabeça:

— Êsses espíões alemães estão sempre muito bem informados. Você não pode calcular...

— Como não posso calcular? Meu caro Humphreys, não é somente o Departamento de Investigações da Marinha que luta contra os espíões nazistas. Há, em Washington, o Bureau Central de Investigações. A polícia ajuda como pode... Eu já tenho investigado vários casos semelhantes a êste. O caso do desenhista da Marinha, por exemplo, eu...

Chegando à porta da cozinha, MacDonald resolveu transferir o relato de suas proezas para hora mais oportuna.

A mãe do inventor era quase inacreditável. Inacreditável, sim. Um diretor cinematográfico passa anos sonhando com um tipo daqueles para fazer o papel da mãezinha e arrancar às assistências numerosas lágrimas de ternura e piedade com um sorriso de bondade de pobre mãe sófredora. MacDonald e Humphreys contemplaram-na, surpresos.

Trajava um vestido muito velho, mas limpíssimo, coberto por um avental. Tinha os cabelos completamente brancos e um ar de bondade que desarmava. Estava

muito nervosa e nos seus olhos havia vestígios de lágrimas de aflição.

De pé, encostada ao armário da cozinha, ela tentava esconder o que havia dentro.

MacDonald atravessou a cozinha e, afastando-a gentilmente, abriu a porta do armário.

Não sabia bem o que esperava encontrar. De qualquer maneira, não era aquilo que encontrou. Com um sorriso de alívio e um ar brincalhão, MacDonald fechou o armário que encerrava uma quantidade de latas, verdadeiro armazem de provisões, que durariam muito tempo.

— Não se assuste, senhora Shaw. O Departamento de Racionamento não tem nada a ver com a polícia. E si a senhora armazena latas de conserva, contra o regulamento, isso não nos interessa. Investigamos assunto mais importante.

Madame Shaw endireitou o avental e, aliviada, disse:

— E' para o bem de todos. Meu filho está fazendo um trabalho importante que vai salvar a vida de milhares. Deve comer o que quiser, porque tem direito a isso. Eu ouvi dizer que, na Rússia, os inventores e cientistas são tratados muito bem e que tem tudo à sua disposição. Não é verdade? Meu filho merece...

— Asseguro-lhe, madame, que eu e o tenente Humphreys não vimos nada...

O tenente conteve-se a custo. Gostava de fazer sermão, e a mãe do inventor, apanhada em flagrante delito, deveria, segundo êle, ouvir uma séria repreensão. Entretanto, era forçoso convir que MacDonald tinha lôda a razão e que o assunto que investigavam era mais importante.

— Eu queria fazer-lhe umas perguntas sôbre êsse ataque que o seu filho teve...

— Não posso compreender o motivo, tenente. Harry nunca se queixa da comida. Êle gosta de comer bem, e nunca se queixou da comida. Não sei como...

— O primo dêle nos contou que Shaw sempre comia a mesma coisa. E' verdade?

— Sim, senhor. Um sanduiche de carne com um pouquinho de mólho e cebola crua. E uma garrafa de cerveja. Eu acho muito pouco, mas Harry só toma isso no almoço.

— Onde a senhora guarda a cerveja?

— E' Harry quem guarda. Êle tem uma pequena geladeira no laboratório. Sempre abria a garrafa êle mesmo. Eu só fazia o sanduiche...

— Não trazia, também, um copo, para beber a cerveja?

— Não. Êle bebia na garrafa mesmo.

— Onde guarda a senhora a carne, madame Shaw?

— Não guardo. Quer dizer, hoje eu não guardei. Sai tarde para as compras. Quando cheguei já era hora de preparar o sanduiche.

— E a cebola?

— Descasquei uma que ainda não fôra usada.

— O mólho? Como foi que a senhora colocou o mólho? Onde a senhora guarda o mólho?

— Naquele vidro.

MacDonald apanhou o vidro.

(CONTINUA NA PÁGINA 41)



BETTY FIELD E ROBERT CUMMINGS (DA UNIVERSAL)

NOS BASTIDORES FEMININOS

A MULHER E A MASCARA

A historia dentro da vida, e tendo-a por eixo, gira como uma grande e multicolorida bola. Esse diásporo globo sobre o qual incide a luz da inteligência e da fantasia do ser humano mostra sempre as mesmas arestas, os mesmos relêves físicos ou morais, identica topografia; isto quer dizer que a historia da creatura humana se repete infinitamente dentro da vida e, se consegue arranhar-lhe a monotonia, ou sacudir-lhe o tedio, ou mesmo suportar a tautofonia de seu ritmo, é porque a avidez de emoções, é maior e mais forte que a inteligência e o poder de raciocínio.

Por todas estas velhas razões se perpetuou através dos tempos o diásporo romance da astucia e da mentira feminina. Desde o edenico pecado até nossos dias tragicos, a mulher é para o homem o enigma, a visão de uma mascarada. É a equação para a qual ele não encontrou solução razoavel.

Esta é, porém, apenas, a face literaria da verdade; a face real é outra. Astucia e mentira masculina e feminina, equivalem-se. Sem grande necessidade de salvaguardar sua honestidade, ou sua candida integridade física de maneuseios menos decentes, com um código especial, que o aproxima biologicamente dos seus irmãos irracionais, com fóros enfim de cidadão livre de peias na sua vida privada; aí o temos a mentir, a tergiversar, a "camoflar" sua verdadeira personalidade, para não se diminuir no conceito da esposa enganada, com uma super-requintada astucia.

Antes de transpor o limiar domestico, afivela no rosto a mascara icastica de conspicuo chefe de familia. Para a mulher ele é honesto amante; para a amante um marido apaixonado. A qual das duas engana? A nenhuma, porque ele tem uma capacidade de amar extraordinariamente elastica.

As circunstancias, que o modo de vida cria a cada um, é que geram defeitos ou qualidades, e não a contingencia do sexo; só por isso temos virtudes femininas, como temos vicios masculinos. A heterogenia desses productos, hoje observados na vida social e economica da mulher, esta provando isso, porque ela já esta se associando á vida masculina e deixando-se observar por esta lamentavelmente.

Seu das que ficaram na retaguarda, das que acreditam na imperecível soberania, no poder irresistivel, voraginoso e divino da feminilidade.

A historia romanesca que ilustra estas linhas é um simbolo prisco e de magica beleza. É a historia de uma creatura que não crê na fascinação de sua juventude, no encanto da sua primaveril idade e manda esculpir uma mascara com os traços da beleza cujo canon ela conhece e inveja, e é assim que ela, mascarada, procura prender o homem eleito. Ele deixa-se enganar, gosa a emoção desse illusorio fogo de sedução, finge desconhecer o ardil; a vaidade de se sentir o objeto daquela trama polimorfa e luminosa o enleva; mas finalmente ele confessa que o verdadeiro amor esta sob aquela mascara, ele ama a alma o espirito da mulher, o rosto candido e primaveril que surge de detraz da mascara como um sol sob um céu de cobalto.

O seu sol, o seu céu. Aquela eva feminil e astuta — candida astucia — o envolve na sua redoirada teia de carinho, ternura, duvida, anseio, misterio, desejo, toda a requintada arte rendilhada do amor da mulher.

Manequins

Tanet Mackenzie

São as estrelas, incontestavelmente, os manequins mais bels que o mundo da moda nos oferece hoje. O *Vogue* e *Harper's*, tão procurados pelas nobres e garotas da elite do dirheiro, que trazem de mais a moda, é ainda tirados dos arquivos dos filmes ou dos figurinistas de Hollywood. Não há no mundo uma revista onde se não encontrem modelos preferidos das leitoras, na apresentação de manequins do cinema. A confecção industrial da moda é para servir à grande maioria popular e para a exportação. Os vestidos feitos e estruturados de fama costumam ser exclusivos, e isso tem a sua razão de ser. Para a confecção de um vestido não existem dezenas de técnicas; assim têm eles, para as ocasiões especiais das festas de costumes, de vestidos sport, de vestidos *tailorés* para mangas, ha outra turma, para a blusa, para a saia e até para o acabamento.

PEGGY RIAN, DA UNIVERSAL, NUM LINDO COLETE DE FAZENDA ESCOSESZA, AJUSTADO E ENFEITADO DE SETAS DA CÔR NEUTRA DO VESTIDO. UMA PEÇA "CHIC" E PRÁTICA, PARA DAR NOVO ENCANTO A UM SIMPLES VESTIDO BRANCO, CINZA OU BEIGE.



Ao lado — ANN RUTHERFORD, DA METRO, EXIBE UM ENCANTADOR MODELO PROPRIO PARA O CAMPO. SAIA COM DOIS BOTÕES NO CÔS, CINTO DE ELASTICO, O CASQUINHO DE GOLA MASCULINA, DEBRUADO NA MANGA. A SAIA ESPORTIVA, POUCO ABAIXO DO JOELHO.

VI ATHENS, DA COLUMBIA, FAZ A SUA RENTRE'E COMO MODELO DE HOLLYWOOD E APRESENTA ESTE BONITO E ALEGRE MODELO DE PRAIA. FEITO EM FAZENDA ESTAMPADA, EM LINHAS SIMPLES, E' PERFEITAMENTE ACONSELHAVEL PARA USAR AQUI NO RIO.



DE Hollywood

Isto significa que um vestido passa por dezenas de mãos em salas diferentes. Nem as próprias costureiras podem saber qual o feitiço final da obra. É claro que ao chegar ao ponto terminal pronto o vestido para ser exibido pelos manequins vivos, ele deu a cada técnica uma oportunidade de lucro, e à casa o preço da fama que ela tiver.

Quando vemos, por exemplo, esse costume super-elegante de Loretta Young ou esse vestido que parece um sonho do país das fadas de June Vincent, rãotemos a menor ideia da quantidade de desenhistas, bordadeiras, costureiras provadoras, empregadas na sua realização.

Como vemos, fazer um vestido para uma estrela, é criar uma obra de arte em tela, que seja digna da outra obra de arte de carne e encauto, criada por Deus.

GERALDINE FITZGERALD, DA UNIVERSAL, USA UM UNIFORME MUITO EM MODA ENTRE AS MOÇAS AMERICANAS. ELEGANTE APEZAR DO CARACTER MILITAR. O CACHE-COL, DE SEDA LUMINOSA, TIRA-LHE UM POUCO A AUSTERIDADE, DANDO-LHE CERTO CHARME FEMINIL.

JUNE VINCENT, ESSA BELEZA PENSATIVA DA UNIVERSAL, É UM DOS MAIS LINDOS MANEQUINS DO CINEMA E JÁ O FOI DE NOVA-YORK. MOSTRANOS UM MARAVILHOSO VESTIDO DE RENDA "CHANTILLY", BORDADOS DE LANTEJOLAS, VESTIDO BRANCO MARFIM E "PAILLETÉS" CÔR DE NACAR (MADREPEROLA).

LORETTA YOUNG, DA UNIVERSAL, NUM COSTUME PARA REUNIÕES ELEGANTES, EM SETIM PRETO, LISTRAS VERDE-AGUA, FORMADAS POR TRES FIOS JUNTOS E EM RELEVO; DOS LADOS E NA ABA UMAS PREGAS DANDO-LHE LARGURA NAS CADEIRAS. CHAPÉO — BERET SETIM PRETO COM PEQUENA ABA FORMADA POR UM VÉO FINO E ENGOMADO. LUVAS DE PANO SUEDE, PUNHOS E BOLSA DO MESMO MATERIAL.





— OH! SINTO-ME COMO SE FOSSE CINDERELA!



— ACHAS QUE ELES NOS VENDERÃO UM POUCO DE GASOLINA?

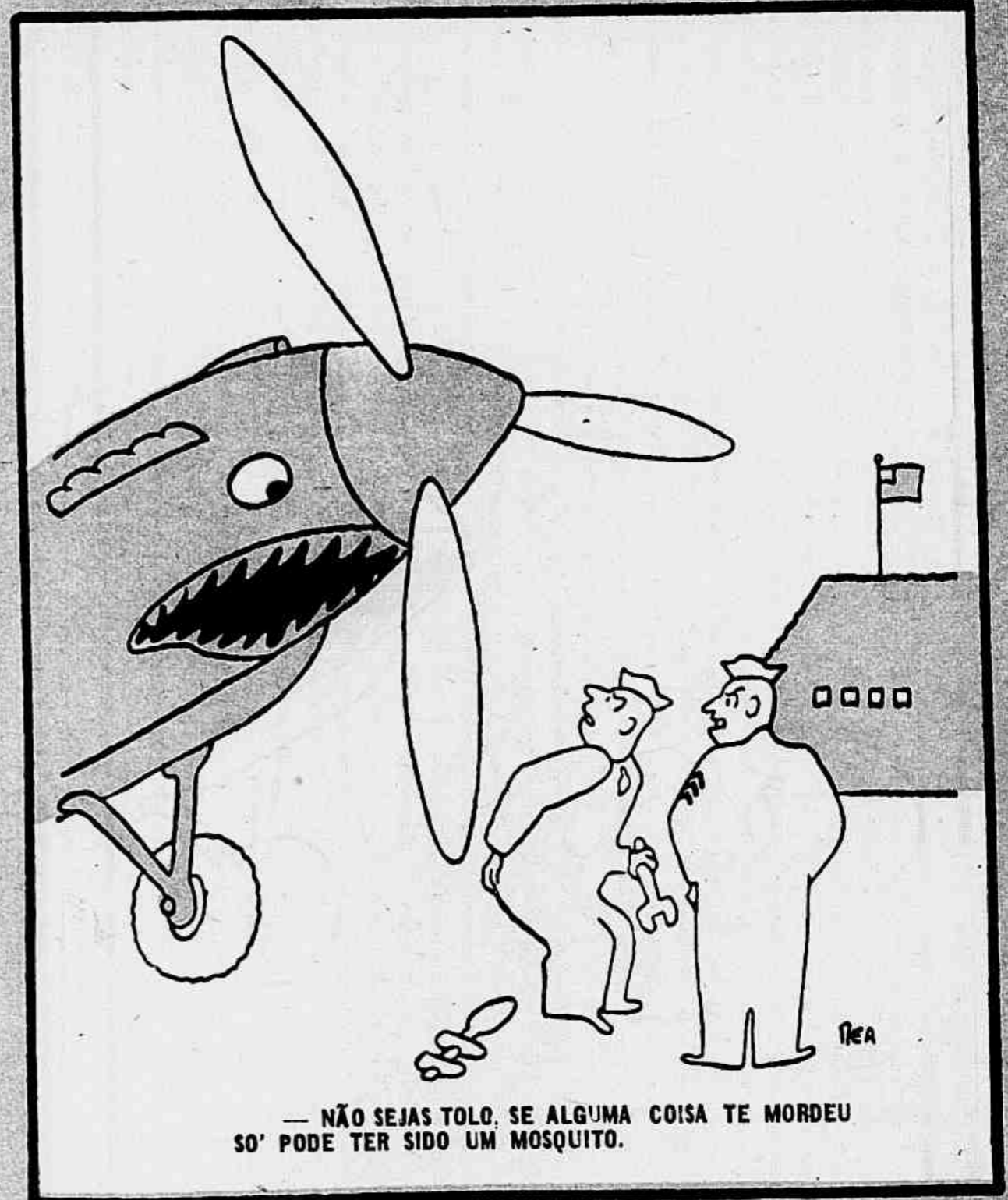


— ACHO MELHOR CHAMARMOS O PRESIDENTE PARA RESOLVER ESTE NEGOCIO



— MAS, MINHA SENHORA, SÓ PODEREI LOCALIZAR O ROMBO DEPOIS DE ABRIR A PORTA

DE BOM HUMOR



— NÃO SEJAS TOLO. SE ALGUMA COISA TE MORDEU SO' PODE TER SIDO UM MOSQUITO.



ACONTECEU NO RIO

HELIOS Sellinger é um nome de tradições nos meios artísticos da metrópole. Nestas últimas décadas, Helios tem se vinculado a' nossa gente, aos nossos usos e costumes, fazendo de suas "charges", outras tantas e irreverentes sa'tiras às coisas que vão passando. Seus trabalhos vivem pela exuberância do traço, pela originalidade do estilo e pela variedade da forma. O próprio Helios Sellinger, êle com a sua máscara iluminada por um sorriso muito aberto, os olhos verrumando tudo à sua frente, é a própria "personalidade".

Acontece que Helios Sellinger vem de fazer outra exposição de seus quadros. E acontece — sem alusão a Dorival Caymmi — que a exposição de Helios foi apenas a repetição dos seus sucessos anteriores. Na Escola de Belas Artes, precedida de uma vistosa taboleta na fachada, com



a característica do autografo traçado pelo pintor, os seus velhos e os novos admiradores desfilaram, estacionaram diante daquêles aspectos que se estendiam pelas montras. O Rio, onde as exposições de pintura não se registam em grande numero, apreciou esta que o veterano artista lhe proporcionou. Foi um acontecimento artístico, carioca, sem duvida, e por isso lá compareceu a reportagem da REVISTA, fixando estes dois motivos. Em cima, Helios Sellinger parece insinuar que seja aquêle o quadro de sua predileção, quando na verdade, como bem pai, suas simpatias devem dividir-se por todos. E em baixo motivos mitológicos se confundem com outros mais contemporâneos. A arte, cheia de personalidade e de feitiço proprio, de Helios Sellinger, transparece, forte, bem vincada, em toda a exposição que foi, sem favôr, um acontecimento artístico da cidade.

O dinheiro e a literatura

(Continuação da pág. 5)

tristíssima. Estava parado, à esquina, um velho alquebrado e cego, tocando um realejo fanhoso, enquanto a filha, uma criança maltrapilha, esmolava; e passou por nós um homem muito conhecido, riquíssimo, paralítico, sustentado por um criado que o levava pelo braço; disse eu: "vê lá! tanto dinheiro e tanta infelicidade! para que serve a este homem tão rico o dinheiro que possui, si o não pode gozar, si a sua vida é um intolerável martírio?"; ao que Ney retrucou, em um daqueles seus repentes efusivos: "Para que lhe serve dinheiro? Para ter um criado que o carregue, e para não estar como aquêlo outro velho, moendo música e esmolando!"

Basta, porém, de anedotas e de lirismos! Eu poderia, si valesse a pena, desenrolar aqui o quadro imenso dos benefícios do dinheiro... Foi êle quem acordou no primeiro bruto caudado, que era apenas um esboço de homem, a ambição fecunda que transformou em homem êsse macaco. Foi sôbre êle que se apoiaram os alicerces das primeiras sociedades. Foi êle quem criou a civilização, porque o pai da civilização foi o comércio, e o dinheiro é o fim e a razão de ser do comércio. Foi êle quem povoou a terra, provocando as migrações, e espalhando a espécie pela face do planeta. Foi êle quem criou a química, porque a química nasceu da alquimia, que procurava fabricar artificialmente o ouro. Foi êle quem criou tôdas as ciências, porque as ciências nasceram e cresceram à medida que nasceram e cresceram as necessidades da indústria, para auxiliá-la e dar-lhe dinheiro... O dinheiro esteve sempre, como timoneiro, à prôa das trêmes fenicias, gregas e romanas, à prôa das caravelas de Colombo e Cabral, à frente de tôdas as frotas e caravanas que devassaram os mistérios dos mares e das terras. Foi êle quem criou o Brasil, êle quem aqui trouxe os descobridores, êle quem atriou pelo segredo dos rudes-serões a aventura luminosa das bandeiras que, buscando ouro, fundavam cidades. Mas para que insistir? Tudo isso é sabido.

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Para ultimar a defesa do dinheiro, pergunto aos vossos corações si, muitas vezes, o bocado de dinheiro que as vossas mãos deixam cair como gotas de luz na escura noite de uma miséria, não representa para vós uma alegria muito maior do que a que vos podem dar tôdas as satisfações egoístas da glória, do poder, da beleza, do talento?

Querer possuir dinheiro para poder fazer o bem já é uma aspiração que purifica o Dinheiro. Qual, de entre vós, já não sentiu um dia o desejo louco de ser rico, muito rico, muitíssimo rico, para andar pelas ruas espalhando dinheiro às mancheias? E' um sonho que às vezes nos acomete a alma em dias de ventura: acorda a gente feliz, na convalescença de uma doença grave; ou recebe, ao acordar, uma boa notícia, uma palavra de carinho, uma promessa de amor; ou, simplesmente, ao abrir a janela, se deixa comover pelo espetáculo de uma linda manhã; e, como a felicidade costuma tornar boas as piores criaturas, êste sonho nos acaricia o espírito: "pudesse eu ter dinheiro, muito dinheiro, muitíssimo dinheiro para sair por aí a enxugar tôdas as lágrimas, dando um pedaço de pão a cada fome, um pouco de consôlo a cada desesperado, um pouco de ventura a cada coração, transformando em moedas de ouro os raios dêste lindo sol que está entrando em todos os casebres!..."

E' um sonho louco! está claro que o homem que tal fizesse seria internado pela família num hospício como pródigo, ou metido na cadeia pela polícia como perturbador da ordem pública... Êsse sonho, porém, é o reconhecimento da força, do poder, da soberana e sublime utilidade do dinheiro, quando empregado como instrumento do amor e da misericórdia. E, parodiando a peroração do

promotor público, digo apenas: — Confessemos que um agente capaz de fazer tanto bem e de inspirar tão belos sentimentos não pode ser um grande criminoso.

Não condeneis o dinheiro, senhores jurados: mesmo porque, si o condenardes, êle talvez se vingue de vós desertando as vossas algibeiras, e privando-vos, não só das satisfações físicas, como dos superiores contentamentos morais que só a sua posse vos pode dar.

Mas... nem é preciso recolher os votos: o propósito da absolvição brilha em todos os olhos...

Declaro absolvido o réu! Pode ir em paz...

E eis terminada a conferência de Bilac...

RUGÔL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Ele voltará

(Continuação da pag. 18)

Aproximei-me. Ele estava ali, bem perto de mim. Que estaria fazendo? Sem dúvida, ao chegar, de manhã, pendurara o quepe no cabide, junto à porta. Em seguida era mais do que provável tivesse jogado sobre uma mesa as luvas de couro que protegem do frio as suas mãos fortes. Depois? Teria ido à pesca como quando era criança? Crianças vão à pesca?

Pensava: "Isso é absurdo. Estou aqui, como uma louca, a imaginar coisas..."

Se eu fosse menos tímida teria vindo com ele, de manhã. Talvez, então, ele tivesse rido comigo, talvez achasse engraçada a minha saia curta; e eu diria então que tenho quasi dezesseis anos.

Ele me olhou como se precisasse de mim. Devia sentir-se muito só, vindo do *front*. Às vezes caçar-se das perguntas dos parentes que tudo querem saber... Preferiria a companhia de alguém que não perguntasse nada... Para esquecer...

Refletia, e sentia-me perto dele. Tentava descobrir, adivinhar os seus pensamentos.

Estava, talvez, pensando em mim. Se eu tivesse coragem, batera à sua porta e ele viria abrir. A luz me cegaria, alguns instantes, mas ao levantar os olhos para ele, veria que me sorria — aquele sorriso que eu conhecia muito bem...

— Entre. Sabia que você viria. Por que veio tão tarde? Tenho que partir de madrugada...

— Voltará?

Ele não responderia nada.

— Sente-se aqui, perto do fogo. Dê-me suas mãos... Como estão frias!... Deixe-me aquecê-las com as minhas. Você ainda é muito moça, não é?

— Oh, não. Já sou velha...

— Você fez bem vindo aqui... Conheço-a muito bem, apesar de nunca tê-la visto. Por que veio?

— Amo-o.

— Ama-me?

— Sim. Voltará?

— Voltarei.

— Espere-lo-ei.

— Prometo que voltarei. Agora vá para casa...

De repente, reparei que a luz se apagara. Eu estava absorta, junto à sua porta, e não o vira apaga-la.

Tive uma inspiração. Corri à praia e apanhei as conchas mais lindas que pude encontrar e, carregando-as na saia, levei-as para a casa dele. Junto à porta onde estivera tanto tempo, de já, pensando nele, depusitei o meu tesouro. E corri, corri para casa...

No meu quarto de menina, chorei de esperança e tristeza. E ele ia partir... Mas voltaria, estava certa, voltaria...



Lágrimas de [uma "ballerina"]

(Continuação da pag. 16)

mãos à cabeça, pois nessa noite subia à cena no Colon, *Sinfonia Fantástica*, um dos bailados mais importantes e mais difíceis de todo o repertório. Mas os longos anos como empresário nada tinham alterado de suas qualidades estratégicas e, nessa noite, o Coronel mostrou que sabe muito bem como dirigir a sua companhia e garanti-la contra as possíveis crises. E' por isso que traz talentos de reserva como a pequena Stepanova que, já restabelecida, foi imediatamente convocada para substituir a *ballerina* fugitiva.

E nessa noite Tassia deve ter chorado muito mais, de alegria e principalmente de medo, pois não é brincadeira dançar assim de repente um trabalho como *Sinfonia Fantástica*, *ballet* meio clássico, meio surrealista, com música de Berlioz e uma das mais difíceis coreografias de Leonide Massine. Ele exige da bailarina a mais perfeita técnica e ao mesmo tempo uma interpretação feita de sonho e poesia, pois seu papel representa a inspiração de um musicista e ela aparece como uma visão, nos quatro episódios desse longo *ballet*.

Depois, Stepanova substituiu definitivamente Gollner em *Paganini* e *Sylphides*, ficou também com os seus papeis em *Chorazartium*, *As mulheres de bom humor* e *As Nupcias de Aurora* — sendo este último outra prova de fogo, com a intrincada coreografia de Petipa. Todos os *pas de deux* de Aurora e o Príncipe são considerados "estudos de virtuosidade clássica" e exigem absoluto domínio de técnica e pureza de linhas. Segundo notícias recebidas, Stepanova tem-se saído o melhor possível e, apesar de ainda muito jovem, a nova *ballerina* oferece boa técnica e muito sentimento nas suas interpretações.

Esperamos a temporada com imensa curiosidade, para julgá-la pessoalmente, pois do pouco que dansou na outra vez deixou boa impressão como dançarina de estilo lírico.

temperamento romântico, elasticidade e fluidez nos movimentos. De qualquer maneira, não podemos deixar de partilhar da alegria que deve estar sentindo Stepanova com essa *chance* realmente fantástica, pois sabemos como adora a dança, desde menina. O interessante é que seus pais não tinham a ideia de fazê-la dançarina. Tassia começou a tomar aulas por motivo de saúde e acabou com a vocação e a obessão da dança, tanto que o maior castigo que lhe poderiam dar era não leva-la às aulas no estúdio de Mme. Preobajenska. A ambição máxima de sua vida, desde cedo, foi ser bailarina completa e depois de algum tempo de dança, realizada a carreira, casar e deixar o palco para cuidar de seu lar. E' de opinião que nada há de mais cruel para uma dançarina do que ir com o tempo, perdendo seus papeis, um a um, para as artistas mais jovens. Mas ainda é muito cedo para Stepanova pensar nisto: comece agora a sua ambicionada carreira no Ballet Russo, do qual diz:

"O Ballet Russo será sempre o Ballet Russo, terá tempos bons e tempos máus, mas não perderá nunca o seu prestígio artístico. O futuro da dança estará sempre com êle, enquanto existir quem mantenha a sua tradição pura e enquanto existirem dançarinas que saibam amar sua arte e que se dediquem a ela com todo o ardor, como fazemos. Pois assim como as *ballerinas* da velha Russia, exiladas pelo mundo, ajudaram a salvar o Ballet, formando uma geração nova, as bailarinas de hoje poderão transmitir o segredo da dança, ensinando às de amanhã, que, por sua vez, se também amarem a dança, continuarão a realizar a mesma vocação.

Filha de russos emigrados, nascida e criada em Paris, Tatiana Stepanova oferece ainda algo de interesse para a nossa curiosidade: o seu tipo acentuadamente brasileiro, tão nosso que se o Coronel de Basil levar avante o seu plano de realização de bailados sobre motivos brasileiros, baseados principalmente nos temas do nordeste, pelos quais tanto se interessou nas pinturas e desenhos do jovem artista Castelo Branco — não poderá encontrar melhor intérprete nem tipo mais adequado do que essa Tatiana Stepanova de pele trigueira, de cabelos e olhos negros.



O crime da carne congelada

Continuação da
página 34

— Vou mandar analisar isso, mas não creio que obtenha resultado satisfatório. Mais uma pergunta: pronto o sanduíche, onde o colocou até ir levá-lo?

— Em lugar nenhum. Levei-o de uma vez.

MacDonald suspirou.

— Ele vai ficar bom, não é, tenente?

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita: Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Novo Tratamento Para Eczema

Si V. sentir que a sua pele está se tornando áspera, com tumescências esbranquiçadas, si sentir ardor constante, coceiras, dor de eczema, si V. não puder dormir bem e se sentir nervoso e irritado, V. deve procurar imediatamente um alívio seguro e eficaz: o novo e moderno tratamento científico com BELZEMA, uma nova forma de pomada, que penetra instantaneamente na pele para combater as erupções.

BELZEMA já tem aliviado alguns casos das mais obstinadas erupções de eczema em pouco tempo, mesmo quando o mal já era muito antigo. BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, ficando em poucos dias a pele outra vez nova e limpa.

BELZEMA não é visível quando aplicada, não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

BELZEMA

O meu filhinho vai ficar bom, não é verdade?

— Sem dúvida. E graças ao tenente Humphreys.

— Oh, muito obrigada, tenente. A princípio eu fiquei espantada ao ver o meu filho doente e o senhor pedindo uma porção de coisas... Agora eu sei que o senhor queria curá-lo. E curou, tenente, curou. Muito obrigada.

Humphreys ficou muito embaraçado, com as demonstrações de gratidão da mãe do inventor. MacDonald, compreendendo isso, interrompeu-a:

— Não há de que, madame. O tenente Humphreys teve muito prazer nisso. E, agora, podia informar, por favor, onde está o ajudante do seu filho?

Ao se afastarem, em direção ao laboratório, MacDonald indagou:

— Você já viu que loucura?

— Loucura? Eu não vejo loucura nenhuma.

— Pois então você não compreendeu a significação do testemunho da mãe de Shaw? Você não reparou que, a não ser que a análise revele algum outro aspecto desconhecido do caso, só há uma teoria aceitável, porém monstruosa? Não compreende que, já que ninguém, a não ser a mãe de Shaw, teve oportunidade de envenená-lo, deve ter sido ela quem o envenenou?

Humphreys abriu a boca, abismado.

O ajudante chamava-se John Firebrook. Era baixo e tinha um rosto redondo, de coelho assustado.

— Não posso acreditar, tenente. Ninguém havia de querer matar o sr. Shaw.

— Mas evidentemente houve uma tentativa de assassinato.

— Há muita gente nesse mundo que mata homens inocentes. Especialmente quando esses homens são inventores. Por falar nisso: e a invenção? Que sabe você a respeito?

— Conheço-a em linhas gerais, é claro. Ajudei a montá-la, mas o sr. Shaw não me deixou ver os detalhes finais... Lembra-se do rapaz americano que inventou uma maneira de fazer bomba com latas velhas? Pois bem. A nossa não é igual, mas assemelha-se um pouco. Consiste... (Censurado).

Humphreys arregalou os olhos.

— Maravilhoso! Simplesmente maravilhoso. Si isso funcionar... Precisamos de homens como Shaw. E' um cérebro privilegiado...

— Si a Marinha fornecesse material e um laboratório decente, o meu patrão poderia fazer muito mais. Não temos nada. O sr. Shaw está em graves dificuldades financeiras. Esperava receber uma herança, mas nada obteve. Si a invenção falhar, ele vai se ver em apuros...

— Sabe onde estão os documentos descrevendo a arma e os desenhos dela feitos por Shaw e que ele prometera entregar-me hoje?

— Não. O sr. Shaw não pode comprar um cofre seguro. Por isso tem que recorrer a esconderijos que só ele conhece.

— E' simples. Mande chamar os seus homens, tenente Macdonald. Nós revisaremos o laboratório e encontraremos os documentos...

— Não!

Firebrook se encostara à porta do laboratório e olhava-os com ar de desafio.

— Vêem este laboratório? E' incompleto. E' mal construído. Mas deu trabalho e é minha obra. Não permitirei que toquem em nada até o sr. Shaw se restabelecer.

— Posso obter um mandado de busca.

— Não me interessa! Não permitirei! Humphreys olhou-o desconfiado.

— Ordem, antes de tudo. Paixão germânica. Ordem! Bem, nós nos tornaremos a encontrar muito breve, herr Feuerbach!

E assim terminou a primeira fase do caso Shaw.

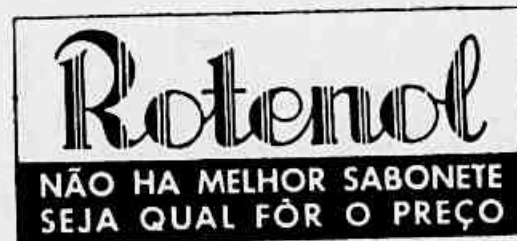
Nada mais restava a fazer na manhã, antes de chegar o resultado da análise e o inventor melhorar. Mulroon ficou de guarda à porta do quarto do doente, esperando a chegada do enfermeiro da

policia; mais dois policiais foram destacados para guardar a casa e patrulhar os jardins.

Humphreys resolveu permanecer por perto.

— Não sei daqui antes de saber do próprio Shaw onde estão os documentos que vim buscar. E desconfio muito daquele alemão de meia figa. Vou ficar de olho nele.

MacDonald voltou para a Chefatura de Polícia. Durante o trajeto ia pensando. Só havia um suspeito possível. E esse



suspeito não poderia ter cometido o crime. Era inconcebível.

A ambição faz matar, o fanatismo político pode provocar um homicídio, mas seria concebível que a mãe matasse o próprio filho? Ainda mais: matá-lo com a própria comida que obtinha para ele, violando todas as leis de racionamento? O caso era complexo.

MacDonald ia absorto. Refletia, sem chegar a uma conclusão. Um carro quase o atropelou. Ele esquivou-se, porém, a tempo, e, por acaso, olhou para o cartaz luminoso à sua frente.

Com um suspiro de alívio e ar esperançoso, MacDonald entrou no edifício fronteiro.

O cartaz era o seguinte: "Catê Chula Negra."

O escândalo com Noble ocorrera muito antes de MacDonald entrar para a policia. Soubera dos detalhes pelos colegas mais antigos. O caso triste de um jovem tenente que prometia muito e que fora despedido, porque um seu superior cometera várias irregularidades e era preciso o bode expiatório. A mulher do

(Cont'nua na página 48)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50



Jere tricot

Calção para criança de 5 a 6 anos



CALÇA
E
COMBINAÇÃO

Materiaes --- Quatro novelos
de lã tipo fino, agulhas
numero 2 1/2

esquerdo do mesmo modo fechando do lado
contrario.

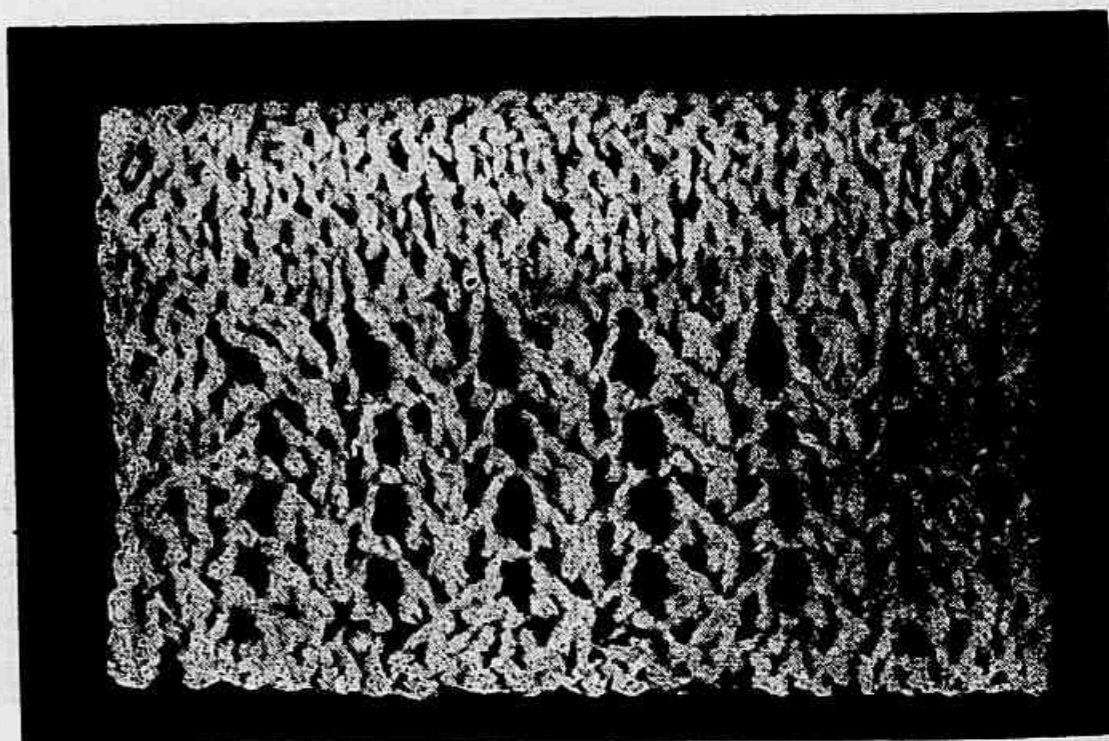
Para o lado de trás começa-se cada perna
com 52 p. e 14 carr. de sanfona, continuando
com o de fantasia, aumentando 1 ponto ao come-
çar as carr. do avesso, até ter 10 aumentos.
Segue direito sobre os 62 p. e desde a carreira
36 do p. fantasia tomam-se juntos 2 p. cada
10 carreiras até a mesma altura da cintura do
lado feito. Faz-se a outra perna. Terminada, se
junta com a anterior e se faz elastico sobre to-
dos os pontos por espaço de 14 carr. Fecha-se.
Começa-se o corpo no qual se colocam 60 p. e
se tecem 14 carr. em sanfona, continuando com
10 p. iguaes o resto fantasia até terem-se
14 carr. mais que o lado já feito; fazendo as
casas para as quaes cada 10 carr. se fecham 3
p. no centro de sanfona e se repõem na carr.
de volta. A primeira destas casas se faz assim
que termine a sanfona sobre todos os p. Che-
gando aos lados, se fecham 5 p. ao começar a
carr. do avesso; e no começo da seguinte do
direito fecha-se novamente 25 p. (10 da beira e
15 mais) e em seguida em todas as carr. da
direita se tomam juntos os dois das beiras, até
ficarem 16, que se segue com ponto fantasia até
a altura do hombro, e se fecha. O outro lado
esquerdo é feito do mesmo modo mas em sen-
tido inverso.

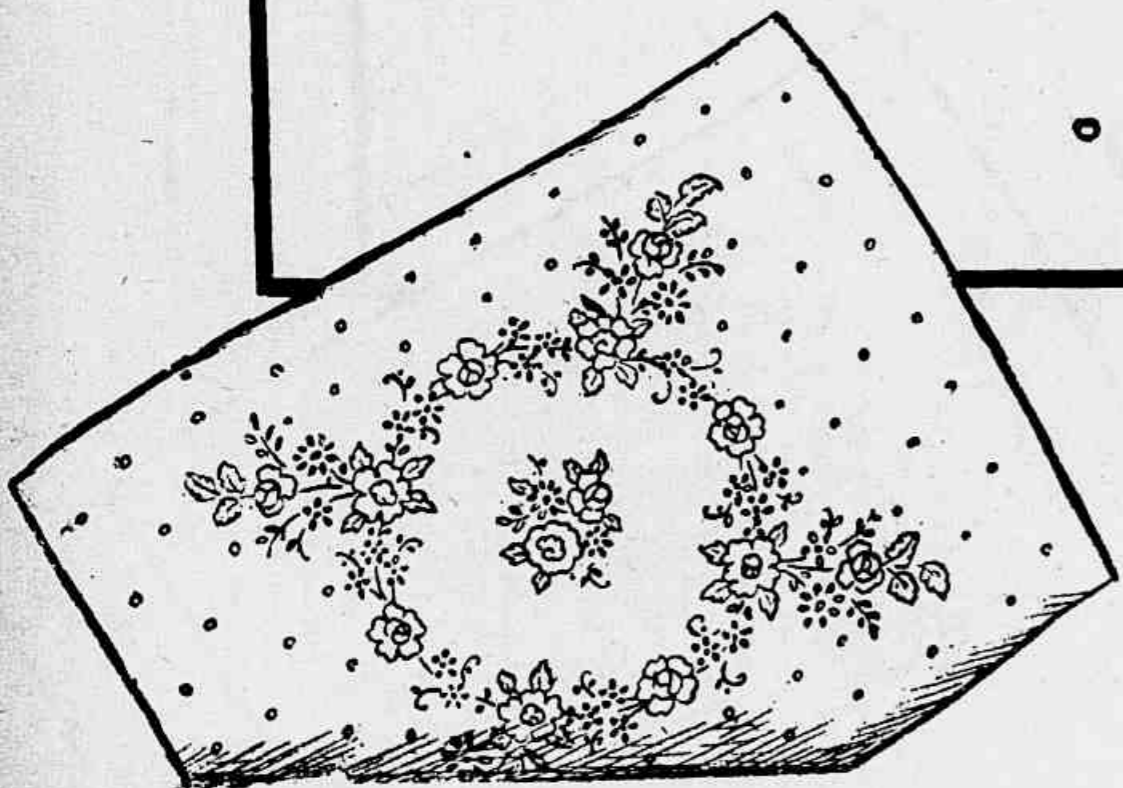
Fecha-se, isto é arma-se o calção com-
binação, costurando os lados.

Execução. Começar por baixo de uma das pernas, com 42 p. tecidos em 14 carreiras em sanfona. Continua com o ponto de fantasia, aumentando 1 ponto em cada começo de carreira do avesso seguinte, até ter 7 aumentos. Nos 4 principios seguintes do mesmo lado se tomam juntos 2 pontos; com os que se têm segue-se por 40 carreiras mais e, feito isto, deixa-se esta parte de lado. Faz-se a outra perna exatamente igual, com a unica diferença que os aumentos e diminuições são do lado contrario. Juntam-se as partes numa agulha de modo que os lados que teem forma fiquem juntos formando o centro do tecido e se prossegue por espaço de 70 carreiras, sempre em fantasia, tomando os dois de cada lado juntos, cada 10 carreiras. Chega-se à cintura e tomam-se juntos de 2 os primeiros e ultimos 20 p. e logo até ter 92 carreiras, desde que se juntaram os lados do tecido, se aumenta 1 p. de cada lado cada 6 carr.

Com os pontos que se tem fazem-se 18 carr. de bainha fechando de vez os 20 p. do centro. Tomando o lado correspondente ao hombro direito, se fecham 8 p. ao começar a carr. do avesso e 2 juntos ao começar a da direita; do lado do centro segue-se tomando juntos os 2 das beiras, carreira por meio, até ficarem 16 que se continuam em linha reta por 24 carreiras mais, e se fecham os pontos. Faz-se o lado

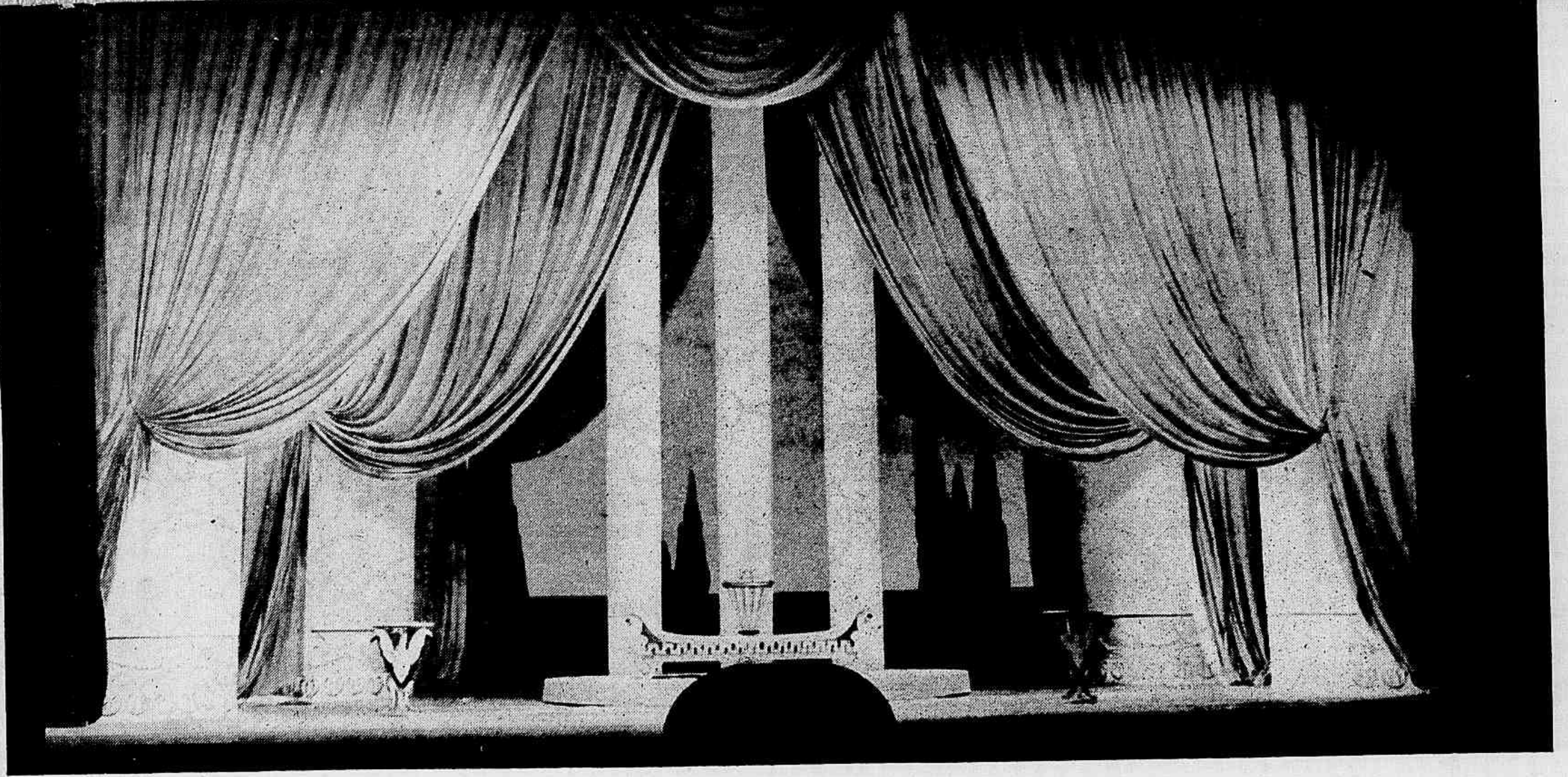
AMOSTRA DO PONTO EMPREGADO





Trabalho manual

Oferecemos hoje às nossas leitoras um fino e artístico desenho de conjunto delicado que tanto pode ser para fronhas em cambraia de linho, como para colcha de criança em organdy com as flores aplicadas de opalina ou cambraia, ou mesmo em ponto de sombra.
 As rosas em vermelho e as outras flores em azul sobre branco ou sendo a fazenda em cor as pequenas flores podem ser brancas, as folhas em dois tons de verde, e os salpicos em cor, ou brancos. É um trabalho sumamente delicado.
 O desenho está em tamanho natural e junto damos uma amostra de conjunto.



CENARIO DO 2º. ATO



DE **A TEMPORADA**
DULCINA NO
 MUNICIPAL com ODILON



ALCMENA
 E JUPITER
 disfarçado
 em Anfi-
 trião (Dul-
 cina e
 Odilon).

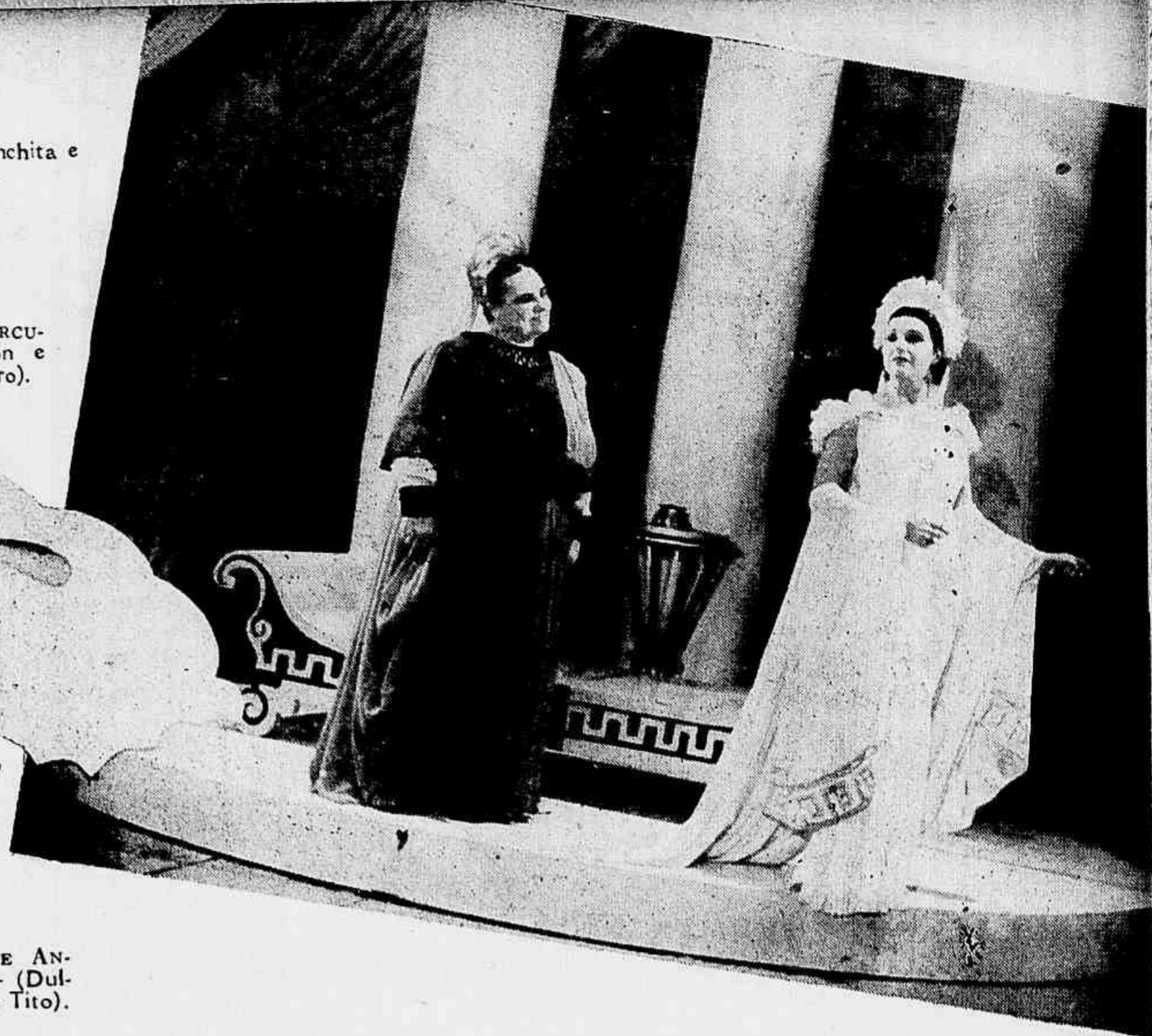


JUPITER E MERCURIO — (Odilon
 e Milton Carneiro).

ELISSA E LEDA — (Conchita e Aurora Aboim).



JUPITER E MERCURIO — (Odilon e Milton Carneiro).



ALCMENA E ANFITRIÃO — (Dulcinea e Luis Tito).



ALCMENA E JUPITER, disfarçado em Anfitrião (Dulcinea e Odilon).

"ANFITRIÃO 38"

De Jean Giraudoux,
tradução de Maria Jacintha.



Capêças



George Korb de New-York, técnico em penteados lança para as noites de recepção e festas elegantes estes penteados. Aliás os chapéus usados para as *toilettes* da tarde e reuniões elegantes são bem parecidas com os penteados de George Korb.



1 — COMO UMA PRISIONEIRA DA BELEZA, O SEU ROSTO APARECE ATRAVEZ DE UM VE'U PONTILHADO CICLAMEN AZULADO E FLORES DE "MUGUET" AZUL-COBALTO.

2 — ORIGINAL RAMO DE GLADIOL CHINEZ FEITO DE PLUMAS E SEDA EM VERDE SECO E BRANCO.

3 — EM FORMA DE DIADEMA, VERMELHÃO DA CHINA, TALOS OURO VELHO.

4 — UMA ROSA VERMELHA EM CIMA E UM BOUQUET DE ROSAS SILVESTRES DE UM ROSA PALIDO CAINDO SOBRE O LADO. VE'U AZUL FINO SOBRE O ROSTO (AZUL-REI).

5 — UM RAMO DE FLORES EM ORGANZA DE SEDA BRANCO AZULADO COM UM NO' DE VELUDO AZUL TURQUEZA AO ALTO DA CABEÇA.

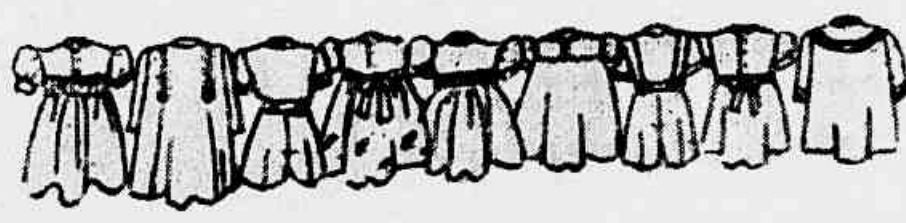
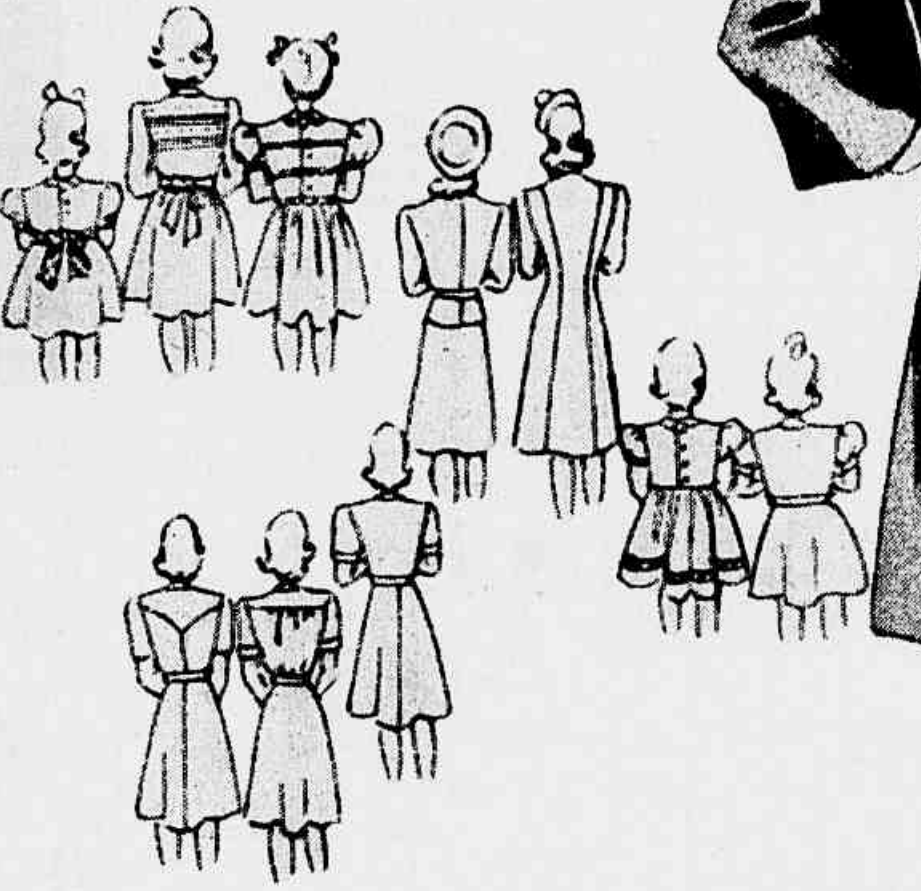


PARA O COCKTAIL

ELEGANTE TOILETTE PARA CERIMONIA, EM SEDA PRETA, COM AS MANGAS E PALA PLISSADAS; A SAIA, TODA PLISSADA, TEM UMA PALA LISA, CHAPE'U DE VELUDO OU SETIM, LUVAS DE SUEGINE, E ACESSORIOS DE PEROLAS.



VESTIDOS
P A R A
CRIANÇAS



São sempre um problema para as mães os vestidos dos garotos e das garotinhas, pois os figurinos são parcimoniosos no gênero. Aqui damos alguns modelos muito bonitos, com festoné, casas de abelha e ligeiros bordados e pespontos. Tecidos laváveis são sempre os preferidos para essas confecções. E assim, com esses figurinos ou suas pequenas variantes, mamãe poderá preparar um novo e lindo guarda-roupa para o filhinho querido, sem muito dispêndio de dinheiro nem de material!

O crime da carne congelada

(Continuação da página 41)

rapaz estava doente, quando êle foi despedido, e precisava ser operada...

Nick Noble tinha paixão pelo seu trabalho e pela sua esposa. Quando perdeu ambos, ficou desesperado. Tornou-se frequentador assíduo do Café Chula Negra e deu para beber.

Mas nunca o seu cérebro perdeu a lucidez extraordinária que surpreendera àqueles que tinham tido a felicidade de trabalhar em sua companhia no curto



espaço de tempo em que pertencera à Polícia Federal.

Já duas vezes Noble resolvera problemas que atormentavam MacDonald. E o caso que agora o preocupava era exatamente do tipo que o ex-policia mais gostava. Caso complicado, na realidade, si bem que aparentemente muito simples.

Como sempre, Nick estava sentado no terceiro compartimento, à esquerda de quem entra. MacDonald sabia que êle nunca saía de lá. Dizia-se até que dormia ali. Mas nisso o detective não acreditava. Em todo o caso, desde que o Café abria até que fechava as suas portas, pela madrugada, lá se achava Nick, no terceiro compartimento à esquerda de quem entra.

Ao avistar MacDonald, Nick fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Olá, MacDonald. Em apuros?

— Tremendos. Um caso inacreditável. — Ótimo! Conte-me tudo.

MacDonald começou o relatório. Nick ouvia-o, em silêncio. Em torno dêles, havia o murmúrio da conversa dos frequentadores do Café, mas nenhum dêles dava atenção ao que se passava em torno. MacDonald falava e Nick ouvia.

Por fim o detective acabou e disse:

— Alguma pergunta?

— Por que?

— Por que, como?

— Sim, por que perguntas? Está tudo tão claro! E' tudo tão simples...

— Eu acho tudo muito obscuro.

— Isso acontece porque você não tem discernimento. Vamos!

A caminho da casa do inventor, Nick manteve-se em silêncio. Estavam quase chegando quando êle fez parar o carro.

— Que há? perguntou MacDonald.

— Já estamos chegando?

— Sim.

— Bem, vamos passar naquele açougue, ali.

MacDonald olhou-o surpreso. Nick explicou:

— Preciso arranjar um quilo de carne para o jantar...

— Ah...

No açougue, Nick pediu um quilo de alcatra.

— Seu cartão de racionamento? pediu o açougueiro.

Nick ficou muito embaraçado.

— Sinto muito, meu caro senhor, falou o açougueiro. Mas não lhe posso vender nada sem o cartão de racionamento.

— Mas o senhor não compreende... Meu filhinho... O médico disse que êle precisa comer carne...

Enquanto falava, Nick abriu a carteira, que estava bem recheada.

O homem cedeu.

— Bem, nesse caso... Como é para o seu filhinho...

O açougueiro afastou-se e foi até a geladeira donde tirou um embrulho de papel pardo.

O preço era quase o dobro, mas Noble pagou sem protestar.

Quando iam saindo, uma mulher entrou.

— Frank, aquela carne que você me vendeu ontem não presta... Meu marido...

Sairam.

No carro, Nick entregou a carne a MacDonald e disse:

— Carne congelada... Laboratório...

MacDonald compreendeu.

— Contrabando...

— Sim. Sempre há compradores, por mais alto que seja o preço e mais deteriorada que esteja a carne. E os resultados, às vezes, são funestos.

— Envenenamentos dessa espécie tem sintomas idênticos a envenenamentos com arsênico...

— Exatamente.

MacDonald suspirou. Estava resolvido o caso. A mãe de Shaw comprava carne congelada de contrabando para êle. O filho fôra envenenado. Simples...

— A análise confirmará a nossa teoria. Está resolvido o caso. Que alívio! Mas a alegria de MacDonald era prematura.

Um dos guardas esperava-os à porta da casa de Shaw.

— Tenente, procurei-o por toda a parte. Aconteceu uma desgraça. Shaw foi apunhalado. E, desta vez, não escapou.

O assassino arriscara muito, mas tivera pleno êxito. Mulroon, que estava à porta do quarto do doente, fôra atacado pelas costas. O criminoso penetrara no quarto, apunhalara o inventor e deixara a arma caída ao lado da cama. Nenhuma impressão digital.

— Pode ter sido qualquer um dêles. A faca era afiada e o vaso usado para agredir Mulroon bem leve. Até uma mulher sem muita força poderia manejá-los.

O motivo era óbvio. Na parede, perto da cama, havia um desenho e uma frase, em tinta vermelha. Uma cruz gamada. O desenho fôra feito a tinta e com muito cuidado. O assassino primeiro desenhara um quadrado, depois dividira-o em quatro partes e em seguida apagara metade de cada um dos lados do quadrado, alternadamente, de modo a que não houvesse duas partes apagadas consecutivas. Um processo seguro e que evita qualquer erro no desenho. Uma das bases do quadrado era paralela à cabeceira da cama. A frase estava redigida em alemão e dizia:

"So sterben alle feinde des Reiches!" (Assim morrem todos os inimigos do Reich).

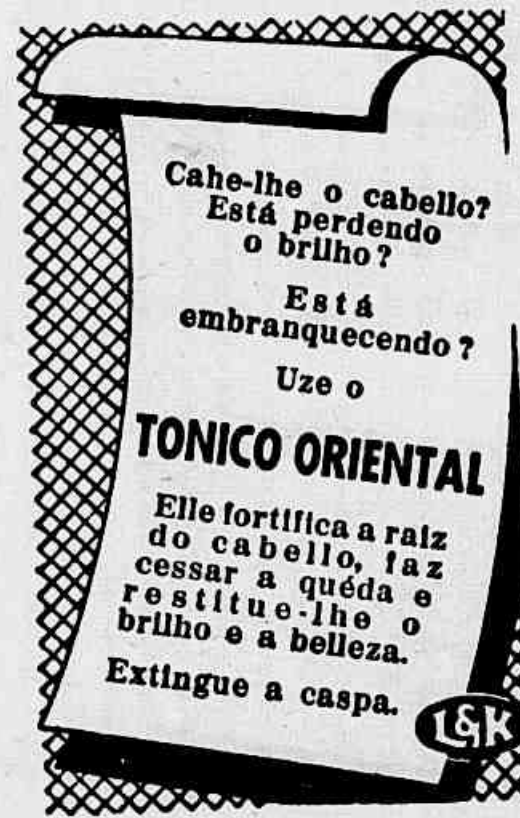
Firebrook traduziu-a para os detectives. Humphreys imediatamente acusou-o do crime e teria pedido sua prisão si MacDonald não intervisse.

— Êle é, na realidade, alemão naturalizado. Traduziu para o inglês o seu nome: Feuerbach — Firebrook (Riacho de Fogo). Mas isso não quer dizer nada.

Humphreys calou-se, mas não estava convencido.

Firebrook tinha achado os documentos. Proibira a entrada dos policiais no laboratório e dera uma busca, encontrando-os. Entregou-os a Humphreys. O oficial tomou-os, desconfiado.

— Reuni-os aqui, explicou MacDonald, para descobrir qual é o traidor. Porque, nesta sala, há um traidor.



Silêncio. Firebrook, muito grave, ouvia MacDonald com respeito. Madame Shaw chorava, silenciosamente; Ira Beaumont, com seu rosto sem expressão e olhar vago voltado para o detective, escutava.

No silêncio constrangedor, soou a voz de Noble.

— Você está dizendo tolice. Nessa sala há um assassino, mas nenhum traidor.

Humphreys virou-se para Nick, desaprovador. O próprio MacDonald ficou surpreendido.

— Claro. Humphreys foi quem teve a idéia de espionagem; o assassino aproveitou-a.

— Mas a cruz na parede...

— ...Prova quem é o assassino e que êle nada tem a ver com Hitler...

— Como?

— E' simples. A cruz gamada, desenhada com tanto cuidado, está errada. O erro não está no desenho, propriamente, mas na sua posição. A cruz de Hitler é sempre colocada enviezada. E, assim, a cruz desenhada na parede devia ter um dos vértices do quadrado original perpendicular à cabeceira da cama e nunca um dos lados paralelos a ela.

— E' verdade.

— Pois é. E quem desenharia uma suástica errada? E' mais provável que fôsse quem nunca a tivesse visto. E quem, aqui, nunca viu uma suástica? Quem, dentre as pessoas que se acham nesta sala, é cego e só conhece a suástica antiga que era usada pelos índios, exatamente igual à desenhada? Quem, aqui, estava cansado de aturar o primo e a família dentro de sua casa? Quem, aqui, aproveitou o envenenamento acidental e a idéia de Humphreys sobre espionagem para matar Shaw, o inventor?

Antes que o dedo de Nick, num gesto dramático, apontasse para o cego, MacDonald já algemara as mãos dêste.

— Êle tinha uma facilidade de movimentos extraordinária para um cego. Nada mais fácil, tendo o ouvido tão apurado, do que atacar Mulroon pelas costas...





UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu

DE BAZIN

Nº 1115

LOCÃO
Nº 1120
Nº 1121
Nº 1122

EXTRACTO
Nº 1110 C/CR.
Nº 1117 C/CR.

EXTRACTO
Nº 1111 B/CR.
Nº 1111 C/CR.
Nº 1111 M

Nº 1100
Nº 1101

SABONETE
Nº 1130

Nº 1100-F
Nº 1101-F
Nº 1102-F

PO
Nº 1150

BRIHANTINA
Nº 1112

Orbleu

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

MODELOS A VULSOS

1 — ENSEMBLE DE SAIA E BLUSA DE UNA FINA E DISCRETA ELEGANCIA. A BLUSA TEM NA FRENTE GRUPOS DE PREGUINHAS MINUSCULAS, BOTÕES DE LINGERIE.

2 — ENSEMBLE EM ESTILO CLASSICO COM A GRAVATA CORTADA DA PALA, BOTÕES DE PEROLA, MANGA 3/4.

3 — ELEGANTE TOILETTE EM SEDA AZUL MARINHO, EM ESTILO "CHEMISIER", CHAPEU EM ESTILO BOINA; DOIS BOLSOS APLICADOS, COM AS BEIRAS LARGAS, BOTÕES DE CRISTAL AZUL; SAIA JUSTA, LIGEIRAMENTE EM FORMA.

SABONETE HIGIENIC HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90



iencarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

O orçamento do Brederódes

MÁSCARA DE LAMA
 RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
 LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
 A VENDA EM TODA A PARTE



**TÔNICO
 NUTRITIVO
 ESTIMULANTE
 FORTIFICANTE**

GRANADO & S.
 RIO DE JANEIRO
 T. TARGUINO

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na bôca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sôbre ela uma camada de **FIXODENT**. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na bôca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a bôca. Perfuma o hálito. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
 Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

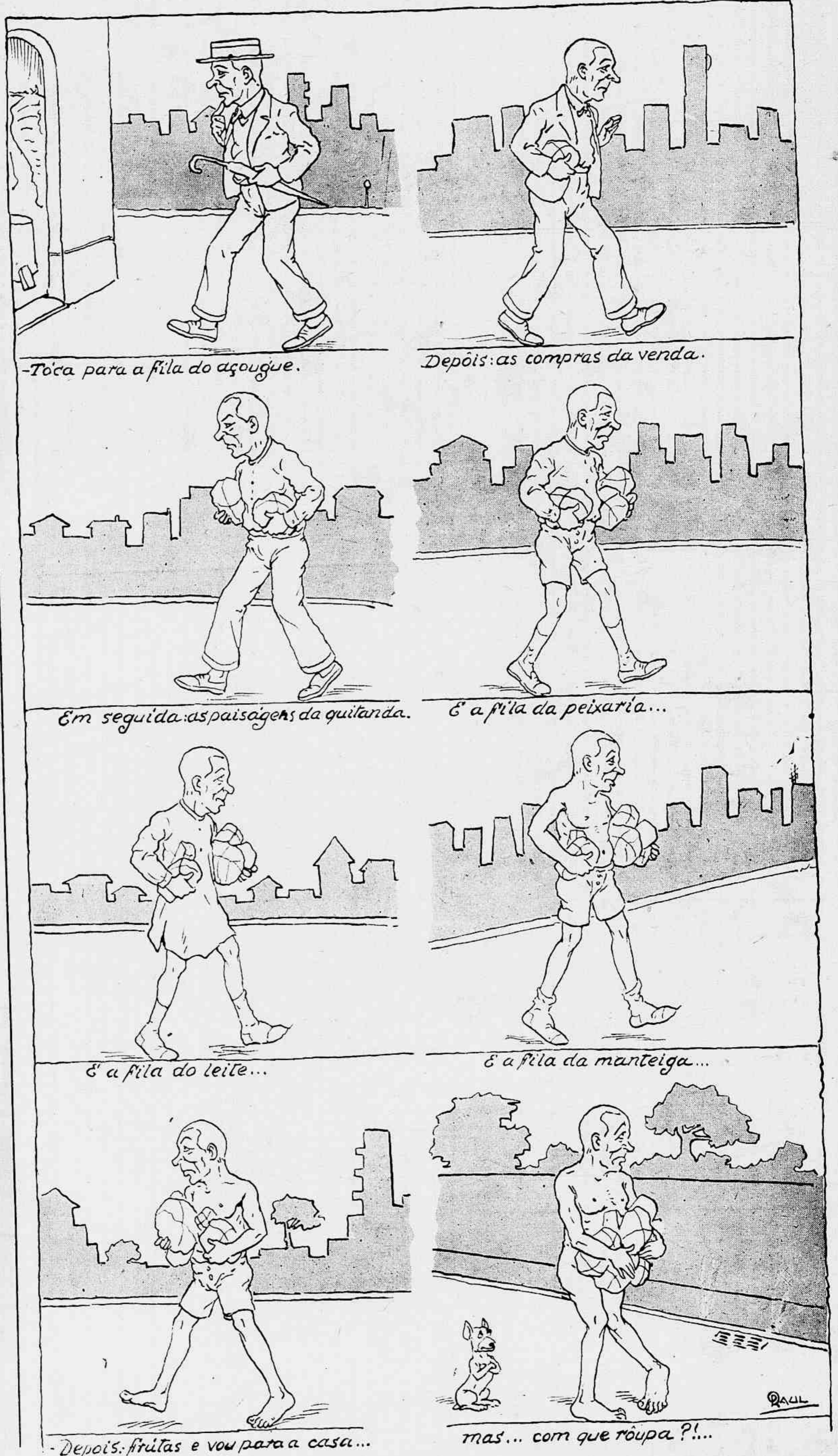
PRISÃO de VENTRE?



CABELLOS BRANCOS

CASPA
 Quêda
 dos
 Cabellos

**JUVENTUDE
 ALEXANDRE**



-Tôca para a fila do açougue.

Depois: as compras da venda.

Em seguida: as paisagens da quitanda.

É a fila da peixaria...

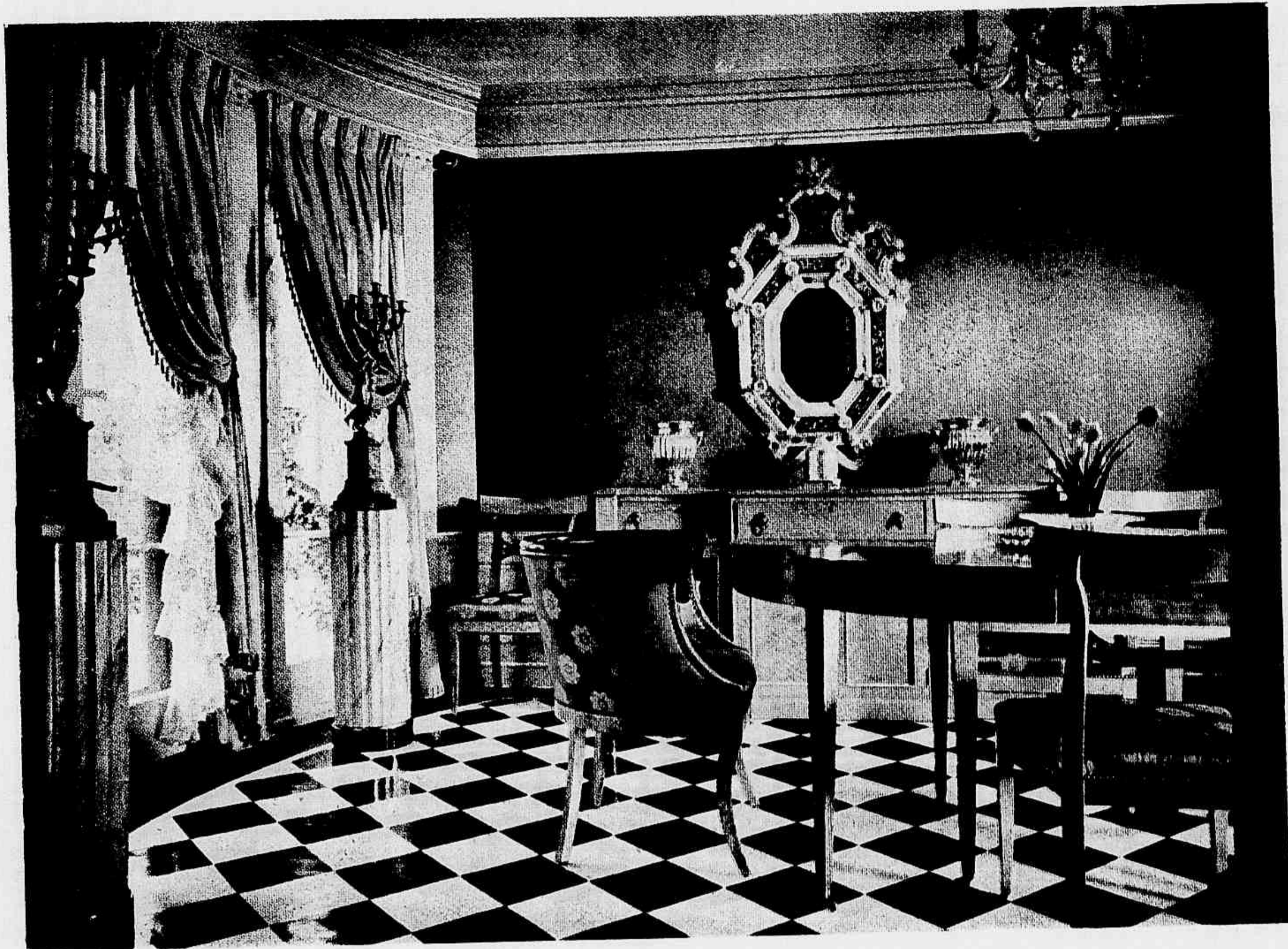
É a fila do leite...

É a fila da manteiga...

-Depois: frutas e vou para a casa...

mas... com que roupa?!...

RACIL



SALA DE JANTAR

Esta sala de jantar, ideada e construída para uma residência de verão, é a última palavra em técnica moderna e conforto.

A pavimentação em ladrilhos axadrezados combina esplendidamente com a pintura branca e escura da parede.

As poltronas, estofadas em seda clara, são, com o restante do mobiliário, trabalhadas em laqué creme.

As cortinas de seda da mesma cor completam a ornamentação desta elegante peça.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



SHEAFFER'S

Lifetime
REG. U.S. PAT. OFF.

Um presente que se guarda junto ao coração...

A SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida, reúne qualidades técnicas tão extraordinárias que é considerada, em todo o mundo, a mais perfeita e completa caneta-tinteiro... Tem o fino acabamento de uma joia de alto preço... O alimentador *Flo-Rite*, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "*Feathertouch*" (toque de pluma) feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da Sheaffer, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade e leveza de uma pluma... Abastecimento instantâneo e fácil com um só golpe de pressão. Visibilidade perfeita do depósito. SHEAFFER'S *Lifetime*, em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros, acompanhada com a linda lapiseira "*Fineline*" — de ponta sempre afiada — é o melhor presente que se pôde dar como símbolo de uma amizade duradoura...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, exceto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 10,00

Representantes exclusivos para o Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Av. Rio Branco, 47 - 1.º - Rio de Janeiro

R. Anchieta, 35-8.º - Salas 803/5 - São Paulo



Jogo "TRIUMPH" Tuckaway *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks. Modelo criado especialmente para ser transportado com segurança, em qualquer posição, em bolsas de senhoras, bolsos de cavalheiros ou túnicas militares.

O PONTO BRANCO é o sinal de identidade da SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida!



Jogo "STATESMAN" *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks.

CUBA - TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota.

A tinta SKRIP fabricada especialmente para as canetas SHEAFFER é de fluidez e nitidez absolutas. Não deixa sedimento. Resiste à ação do tempo e da água.



TAMPA "CÍRCULO MÁGICO"
Limpa automaticamente a rosca do frasco de tinta.



Grafite SHEAFFER'S "*Fineline*" de comprimento duplo. Fina, macia e de maior durabilidade.

